



militia

A N O V

N.º 27

MARÇO/ABRIL

— 1952



Filmo. Sr. 1387/19-24
Ten. Cel. RUBENS TEIXEIRA BRANCO
S. T. M. da F. Publica
CAPITAL - S. Paulo

SUMARIO

CAPA — Igreja S. Francisco, em Ouro Preto, obra do Aleijadinho. Aquarela de Kenent

EDITORIAL — 21 de Abril 5

DIVERSOS

A Marcha do Corpo Policial Permanente de São Paulo, rumo ao Paraguaí — Monte Serrat F. ^o	6
Os Conselhos de Guerra à Luz da Crítica Filosófico-Jurídica Faguetiana — F. J. de Barros Santiago	14
Coisas da Fôrça Pública — Cel. Anchieta Torres	16
Essência — Poitiers	22
A Missão da Polícia Militar — Cel. Niso de Viana Montezuma	23
Coincidência — Ten. M. M. Sendin	28
A Seleção e o Treinamento do Policial — Cap. Rodolpho Assumpção ..	30
Sem Compensação — Ten. Félix de Barros Morgado	37
Equitação e Teoria — Ten. cel José Canavó F. ^o	41
O Jockey Club de São Paulo	49
Distúrbios Populares — Cap. Cálío C. Montes	51
Cinema Brasileiro — Ortiz Monteiro	58

NOTICIÁRIO

Fonte de Encantamento — Monte Serrat F. ^o	59
Guarda Permanente	66
Seguro de Vida em Grupo	67
Ribeirão Preto, seu Povo e seu Prefeito	68
O cel. Brum Ferlich na direção da Aerovias Brasil	71
Formaturas	75
Chove no Ceará	78
Visitantes	79
Estágio de oficiais	82
Atividades Sociais do Clube Militar	83
Taubaté em Festa	84
Contra Capa — Aspectos Colhidos na Colônia de Férias de Campos do Jordão	

NOTÍCIAS DAS CO-IRMAS

Alagoas	88
Distrito Federal	88
Goiás	89
Mato Grosso	90

EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS

Estande de Tiro "Cidade de Campinas"	91
II Congresso Sul-Riograndense	96
Secção de E'dipo	100

À VENDA NA SECÇÃO DE REEMBOLSÁVEIS
DO S.I. DA FÔRÇA PÚBLICA

GÁS EM SUA CASA...



HOJE!

COM FOGÃO



GÁS-MIPA

GERA SEU PRÓPRIO GÁS

Um produto da
MECÂNICA INDUSTRIAL PAN-AMERICANA «MIPA» S. A.
Rua Luiz Pacheco, 250/260 — Fone 34-6401 — SÃO PAULO

Banco do Estado de S. Paulo S. A.

CAPITAL REALIZADO: CR\$ 100.000.000.00

DEPÓSITOS — EMPRÉSTIMOS — DESCONTOS —
CAMBIO — COBRANÇAS — TRANSFERÊNCIAS —
TÍTULOS — COFRES DE ALUGUEL



M A T R I Z :

PRAÇA ANTONIO PRADO N.º 6 — SÃO PAULO
CAIXA POSTAL, 789

Enderêço telegráfico: BANESPA



53 AGÊNCIAS NO INTERIOR DO ESTADO; UMA NO RIO DE
JANEIRO E OUTRA EM CAMPO GRANDE (Estado de Mato Grosso)



AS MELHORES TAXAS — AS MELHORES CONDIÇÕES
RAPIDEZ — EFICIÊNCIA

21 de Abril

A figura do Alferes JOAQUIM JOSÉ DA SILVA XAVIER há de permanecer nas páginas de nossa história, não qual simples partícipe da "Inconfidência Mineira", mas como um símbolo.

Isto porque, se Tiradentes não foi o elemento principal da conjura, pelas qualidades de inteligência e saber, o foi, indubitavelmente, pelo caráter e pelo coração.

Abortada a rebelião, enquanto prosseguia o processo, jaziam os conspiradores no calabouço.

Cada dia que se escoava, era uma conta, no rosário de sofrimentos daqueles homens.

Já os invadia o desânimo, já o desespero os dominava.

Hora a hora imperceptivelmente o pavor ia agarrando um a um.

Alquebrados por êsse monstro, sufocavam-se os nobres sentimentos humanos.

De há muito, fenecera naquelas almas o ideal que as congregara, para torná-las potente força a partir os grilhões da Pátria.

A isenção da responsabilidade capital se fazia, mercê de reciprocas acusações.

No mar da desolação, permanecia insulado e sobranceiro o alferes de milícia.

Com altivez, Tiradentes enfrentava a justiça real.

Alma temperada pelas virtudes cristãs, atraiu sobre si todo o peso da fracassada intentona.

Assim, ao passo que os demais se apequenavam pela tibieza de ânimo, agigantava-se Tiradentes, projetando-se tanto que se constituiu, a despeito da respeitável opinião contrária de alguns historiadores, a expressão máxima da quele surto nativista.

Tão nobre atitude o levou, no Brasil Colonial, ao patíbulo, onde foi sacrificado e esquartejado.

Porém, no Brasil livre e soberano, consagrou-se-lhe a memória no altar da pátria, como o proto-mártir da Independência.

Alguém previu o insucesso

A marcha, do Corpo Policial Permanente de São Paulo, rumo ao Paraguai

Monte Serrat F.°

O ano de 1864 terminou com uma série de maus resultados para as armas brasileiras que se opunham às hostes de Solano Lopes. No sul, os paraguaios, comandados por Estigarribia, invadem o território do Rio Grande, tomando Uruguaiana, ao sudoeste, após a queda do forte de Coimbra — que com a reduzida guarnição de 115 homens resistiu por dois dias às investidas de Barrios à frente de 5.000 soldados — foi fácil a este e a Resquim adentrarem a Província de Mato Grosso até a cidade de Corumbá, pondo em perigo a Capital matogrossense.

As infaustas notícias correram céleres pondo em sobressalto a família brasileira. A Pátria perigava. O inimigo vinha preparando-se há muito tempo e além de nos tomar de surpresa contava com avantajada superioridade numérica. Houve, então, a corrida às armas. Formaram-se, em todas as províncias, Batalhões de Voluntários. O Corpo Policial de São Paulo não poderia permanecer indiferente aos azares das armas brasileiras, e continuar entregue aos seus afazeres quotidianos. Era preciso marchar para as fronteiras invadidas, de encontro ao inimigo para embargar-lhe os passos, repeli-lo do nosso solo, já tinto pelo sangue dos seus heróicos defensores e lavar a afronta sofrida pela nacionalidade. Foi então que o tenente coronel José Maria Gavião Peixoto, comandante do Corpo, reuniu no acanhado quartel general da rua do Carmo, a officialidade sob o seu comando. Dissertou sobre a situação já de todos conhecida e sugeriu que o Corpo Policial se apresentasse voluntariamente afim de seguir para os campos de batalha, onde estavam em jôgo a liberdade e a honra nacionais. A idéia foi recebida entusiasticamente pelos officiais ali presentes, e aprovada com palpantes vivas, levantados ao Brasil.

A nova correu de bôca em bôca, pelo burgo de trinta mil almas que era a São Paulo daqueles dias, e logo voluntários acorreram ao quartel dos permanentes, desejosos de ingressar nas suas fileiras. Entre êstes encontrava-se Henrique Afonso de Araujo Macedo, que em 2 de fevereiro de 1870, foi promovido, por decreto imperial, a alferes do Exército, por ato de bravura. Mais tarde, foi promovido a tenente e exerceu posição de destaque tanto durante a ocupação militar do Paraguai, como depois de retornar a São Paulo, onde serviu como ajudante de ordens do conde de Parnaíba, presidente da Província.

Aceito o desprendido oferecimento, feitos sumários treinos com o novo armamento, o Corpo estava pronto para partir. A prática seria feita no campo de batalha e os alvos seriam os próprios inimigos. E assim, em manhã, festiva e ensolarada, partem, sob os aplausos dos piratininganos, os 265 homens do Corpo Policial Permanente, plenos de entusiasmo e de ardor patriótico, com destino à Santos, de onde, por mar, deveriam seguir para o teatro de operações de guerra, no sul do País. Nem bem chegaram à cidade praiana, receberam ordem de regressar a São Paulo. O destino do Corpo seria outro. Deveria marchar, por terra, para Mato Grosso com o fim de defender a capital da Província irmã que se encontrava ameaçada pelos dez mil soldados de Barrios e de Requim.

A contra-marcha esfriara o entusiasmo dos soldados paulistas, destinados a enfrentar o invasor pertinaz. Depois, outros acontecimentos, sôbre os quais falaremos mais adiante, tiveram o condão de levar aos corações dos bravos voluntários o medo, o terror.

A princípio comentava-se discretamente o que seria aquela marcha de quase quatrocentas léguas, por regiões desabitadas, faltas de qualquer recurso, rumo ao sul de Mato Grosso. Em seguida discutiu-se na Assembléia da Província e os comentários faziam-se abertamente, apavorando os expedicionários.

TEXTO DO OFICIO

N.º 4.º Quartel do Commd.º do Corpo de Perme. de São Paulo em 14 de jan.º de 1865.

Illmo. e Exmo. Snr.

Não sendo até o presente satisfatorias as noticias que das folhas officiaes se tem visto, a respeito da guerra do Rio da Prata para com o Brasil, eu a officialidade e mais praças do Corpo, à V. Excia. nos apresentamos, oferecendo nossos serviços para o Campo de Batalha, desejando que V. Excia. faça ver ao Governo Imperial, este nosso desejo.

A força atual do Corpo é de 278 praças, faltando para o completo 122 e seja-me licito então pedir a V. Excia., armamento, correame e mais objetos precisos, visto que o existente acha-se em mau estado e do antigo padrão, de sorte que para nada podem servir.

Deus guarde a V. Excia.

Illmo. Exmo. Snr. Conselheiro João Crispiniano Soares

Dign.º Presidente da Província

José Maria Gavião Peixoto

Ten. Cel. Cmt.

Várias vezes temos lido as imorredouras páginas de Taunay, e sempre tivemos uma interrogação a bailar no cérebro: será que, na época, os responsáveis pelos destinos da nação estiveram todos de acôrdo com o absurdo itinerário seguido pelos nossos soldados rumo ao Paraguaí? Fomos encontrar a resposta a essa pergunta nos Relatórios da Assembléia da Província de São Paulo, referentes ao ano 1865. E lá, na sessão realizada a 8 de abril, dois dias antes da partida do Corpo de Permanentes, encontramos as corajosas e acertadas previsões do deputado Antônio Moreira de Barros, condenando o roteiro proposto e apresentando quatro outros caminhos, com as suas vantagens e desvantagens para o cumprimento da missão de combater o inimigo.

Transcrevemos a seguir as palavras do esclarecido representante do povo paulista, que, se consideradas por quem de direito, teriam poupado tantas vidas que se estiolaram na marcha até Laguna.

“Temos diversos caminhos a seguir para Mato Grosso. O que me consta ter sido escolhido pelo governo é aquele que da cidade de São Paulo se dirige por Campinas à Franca, de lá a Uberaba, para atravessar ou pela serra dos Cristais, nos limites da província de Minas com a de Goyaz, e Santa Luiza, ou mais baixo, pelo rio Parnahiba em Porto Real por Santa Cruz e Caldas, ou por Anicuns à cidade de Goyaz. Tem este caminho nada menos de 200 léguas, somente daqui a Goyaz, tendo-se de atravessar os sertões do Parnaíba na extensão de 60 léguas, sendo 12 de sertão inteiramente bruto, inhospito e despido de todos os recursos, até de água. Da cidade de Goyaz ás margens do Araguaya temos de contar mais de 50 léguas que perfazem 250, e de lá a Cuyabá 100 léguas de sertão também completamente inhospito e despido de recursos.

Temos outro caminho que é o que de Campinas e Rio Claro segue por Araraquara a Santa Ana do Parnahyba, e de lá directamente a encontrar-se com a estrada que segue de Goyaz a Cuyabá, adiante do Cabeça de Boi, Dous Irmãos e Água Branca, ou directamente a Miranda. Esse caminho é muito melhor, é o mais perto, mas não tem igualmente muitos recursos.

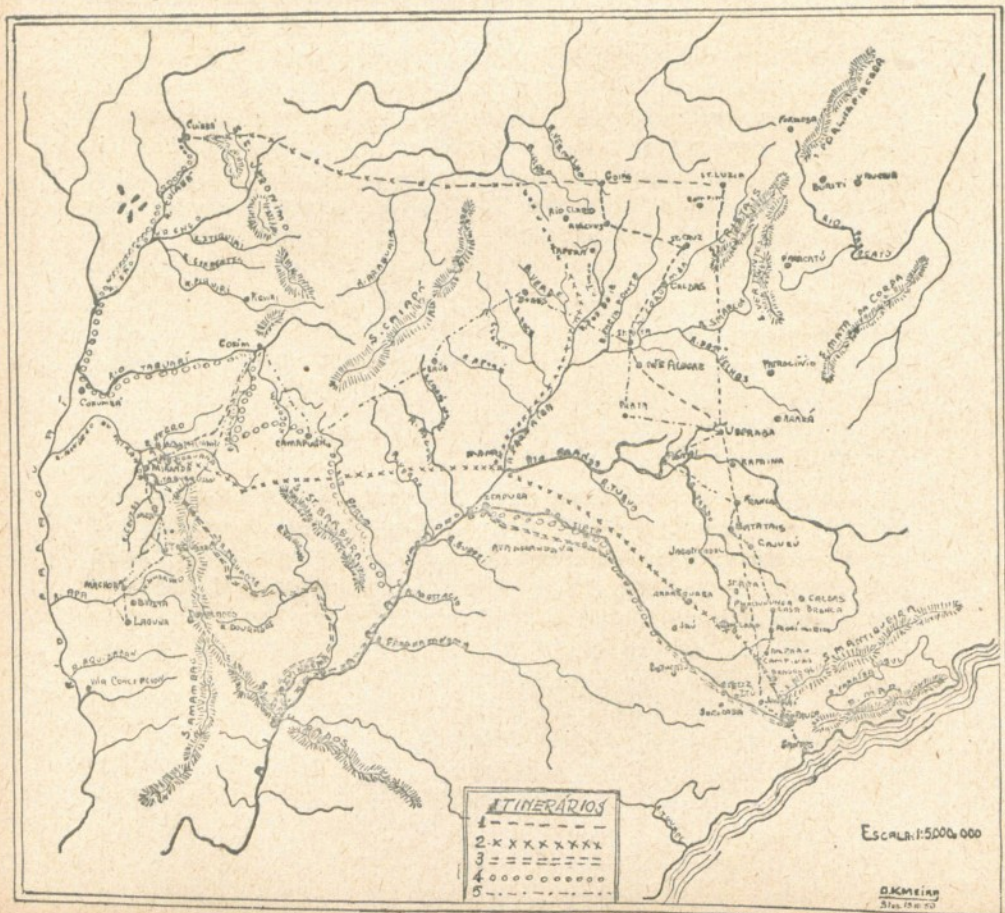
Temos um terceiro lembrado pelo sr. capitão Antonio Mariano de Azevedo, que é: descendo da Constituição pelo Tiete até o Avanhandava, daí pela estrada do sr. Peixoto até o Itapura d'onde pelo Paraná se descerá até a foz do rio Invinhema; subindo por este e pelo seu confluenté o Brilhante até a povoação de Santa Rosa-linda, que eu suponho ficar nas proximidades de São José do Monte, e São João de Antonina, e daí atravessar a extensão de 10 ou 12 léguas até o Anhuaca, por onde se descerá até o Mondego em cujas margens está situada Miranda.

Temos finalmente um quarto caminho seguido pelos velhos paulistas, que de Porto Feliz pelo Tiete se dirige ao Paraná pelo qual desciam até a confluência do Rio Pardo, por onde subiam até o porto do Sanguexuga, e atravessam a extensão de poucas leguas que medeiam até o porto Camapuã, levando suas canoas em carros, e dali desciam pelo rio Coxim ao Taquary e por este, até a sua confluência com o Paraguay entre as fortalezas de Corumbá e Albuquerque, d'onde seguiam pelo São Lourenço e Cuyabá, até a cidade deste nome. E termina afirmando p.rentóriamente: "Qualquer destas marchas, sr. presidente, é desastrosissima".

Para justificar sua afirmação entra o deputado Moreira de Barros em cálculos detalhados quanto a manutenção da tropa, partindo da base de um boi diário para alimentação de 60 praças. Lembra que em São Paulo e no sul de Minas há fazendeiros abastados que poderiam prover o Corpo, mas no sul de Goiás êstes são pouco numerosos e se limitam "a plantar e a crear somente para o consumo porque o comércio é limitadissimo, por falta de meios e dificuldades de transporte".

Itinerários:

(1) Escolhido pelo Governo. (2) Sugestão do dep. Moreira de Barros. (3) Lembrado pelo cap. tenente Antônio Mariano de Azevedo. (4) O seguido pelos velhos paulistas. (5) O seguido pelo Corpo Expedicionário Brasileiro, de São Paulo à Laguna e a marcha de retirada até Coxim.



Durante a exposição, o deputado C. dos Santos aparteia o orador, lembrando que Napoleão atravessara com seus exércitos por lugares sem recursos. Morreira de Barros, não hesitou, replicando que Napoleão ao marchar para a Itália encontrou em Nice 36.000 franceses nus, descalços, sem dinheiro e sem víveres e além de ser um gênio que arrastava os seus soldados, acenou-lhes, na célebre proclamação de 24 de março de 1796, com as fecundas campinas da Itália, as férteis províncias e as grandes cidades onde os esperavam as honras, a glória e as riquezas! Recordou, ainda, que o mesmo Napoleão quatro anos mais tarde, em toda a força de seu prestígio e nas culminâncias da glória, voltou derrotado das planícies geladas da Rússia, onde deixou sepultados, vítimas da peste do rio e da fome, 400 mil soldados do seu exército de meio milhão de homens. E atinge o ponto culminante do seu discurso com esta declaração profética: "*Nós também devemos temer menos as armas e as balas do inimigo do que a peste e a fome*".

O deputado Moreira de Barros não faz crítica estéril à resolução tomada pelo governo, mas apresenta a solução mais plausível, qual seja a de fazer seguir o contingente expedicionário por mar até o Rio da Prata, "subir o Paraná até sua confluência com o Paraguay, livrando-se da fortaleza do Humaitá, e daí podia ir a Candelaria, São José ou Itapuan donde há caminho por terra para Assumpção".

Cruzam-se a partes lembrando que era necessário defender a província irmã, invadida. Moreira de Barros, serenamente, argumenta que a capital de Mato Grosso estava bem guardada e "*o que tinha de ser tomada pelo inimigo já estava em suas mãos*". O caminho a ser seguido pela tropa, que se impunha lógica e racionalmente, era pelo Prata subindo o Paraná até a confluência com o Paraguai. "*Se o contingente seguir outro caminho, creio que ninguém se animará a contestar-me que esta gente não chegará lá na razão da terça parte*".

E prosseguiu: "*Eu pois como paulista, ouvindo as reclamações diárias de todos os homens praticos e conhecedores desses lugares, entendo dever dizer que a marcha menos desastrosa e mais util para qualquer força, a ter que seguir para Mato Grosso, é por Santa Ana do Parnahyba por terra, ou pelo Itapura e pelo Ivinhema, por água diretamente a Miranda, porque até aí já veio a invasão paraguaya, e naquela província, nesses lugares é que são precisos auxílios, e não na capital. Tendo que o plano de ataque melhor a seguir-se é sem duvida pelo Prata...*".

"... julgo de meu dever, como amigo do governo, enunciar-me por esta forma para que não tenhamos a lamentar a perda de tantos bravos, não pela morte honrosa no campo de batalha, mas

pelos tristes horrores da peste e da fome, devido a má direção dos que governam”.

Apesar das advertências de Moreira de Barros, o Corpo de Permanentes, na madrugada garoenta do dia 10 de Abril de 1865, partiu para Campinas, cortando as ruas da cidade, sem foguetório, sem manifestação popular, sem despedidas, sem toques de fanfarra, envolto em uma atmosfera pesada de angústia. Ia integrando uma coluna da qual faziam parte a Companhia de Cavalaria de linha, o Corpo Fixo de São Paulo e o do Paraná. Os 568 componentes da Coluna transpuzeram o Tiête embuçados em grosseiros ponches, na sua maioria aterrorizados com a idéia de que não voltariam mais a ver aquelas plagas e os entes queridos dos quais nem se despediram, pelo inesperado da partida. O que os apavorava não eram as balas nem as armas brancas do aguerrido invasor, mas as febres perniciosas, a fome negra, as provações letais, ocultas pérfidas e traiçoeiramente ao longo das quatrocentas léguas que os separavam do Paraguai.

A coluna, depois de três dias de marcha, acantonou em Campinas. Aí permaneceu 66 dias, aguardando ordens para prosseguir a marcha, por ter, entre outras coisas, seu comandante, o ten. cel. José Maria Gavião Peixoto, sido julgado inválido para o serviço ativo.

Nas noites silenciosas do acantonamento, os mais tímidos continuavam ouvindo as afirmações do deputado Moreira de Barros: *“creio que os nossos soldados não chegarão lá pela terça parte, porque, senhores, o nosso exercito tem mais a temer a peste, a fome, e a falta de todos os recursos do que as balas do paraguay”.* As visões fantasmagóricas dos horrores que lhes estavam reservados, abalaram o ânimo dos menos fortes, que desertaram em grande número.

A coluna ao chegar a Uberaba, onde devia juntar-se às forças da Província de Minas, não contava senão com 366 homens.

O que foi a marcha para Laguna e a posterior retirada daquele pugilo de bravos, imortalizados por Taunay, é episódio sobejamente conhecido. O que, no entanto, é acontecimento desconhecido de muitos, é o fato de na Assembléia Provincial de São Paulo ter se levantado uma voz que, corajosamente, mostrou os perigos da jornada, sujeitando-se a ser taxado de inimigo da Pátria.

Andou bem ou procedeu mal o deputado Moreira de Barros, apontando as misérias que estavam reservadas aos nossos soldados se demandassem a Província de Mato Grosso, pelo itinerário traçado pelo govêrno? Sem dúvida cabe a êle parte da culpa pelas deserções, em massa, verificadas na coluna que partiu de São Paulo. No entanto, a responsabilidade pelo desastre da opera-

ção de guerra, que foi de bem maiores proporções do que as duas centenas de fugas, cabe inteiramente às autoridades que se mostraram surdas aos apelos patrióticos e clarividentes do deputado patrio. Moreira de Barros pelas ponderadas razões expendidas, e pelo conhecimento demonstrado dos caminhos que levavam ao norte do Paraguai, não poderia ter sido confundido com estrategos de fancaria que surgem em todas as guerras e em todos os países. O que houve foi a consequência de um mal antigo, hoje, felizmente, em grande parte superado.

Moreira de Barros era da oposição e o govêrno não poderia aceitar sua sugestão sem se considerar desprestigiado perante o partido situacionista e o povo.

Nota — Os Relatórios da Assembléa da Província de São Paulo nos foram cedidos, por empréstimo, pelo major José Nogueira Sampáio, estudioso da nossa história e destacado membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, a quem endereçamos os melhores agradecimentos.



PREFIRA O NOVO PACOTE DE 400 GRAMAS

AMIDO DE MILHO

MAIZENA
DURVEA

MARCAS REGISTRADAS

É MAIS PRÁTICO, HIGIÊNICO E
MAIS BARATO!

UMA PÁGINA DE ESTUDO

(Continuação da página 15)

Este seu critério, relacionado à imprescindível necessidade dos tribunaes especializados, estribava-o Faguet sobre as bases de uma lógica irrefutável, quando proclamava já naquêl tempo: — «Esta asserção parece extraordinária aos espíritos de hoje; mas, porventura —

interpelava — os tribunaes de comércio e os arbitros avindouros do nosso tempo não existem, por os litígios entre commerciantes e as dissenções entre operários e patrões deverem ser julgados com conhecimento de causa por homens sabedores da materia (?)...»

Os Conselhos de Guerra à Luz da Crítica

Filosófico-Jurídica Faguetiana

Emile Faguet, professor e crítico francês, nascido em La Rochesur-Yon, em 1847, e falecido em 1916, foi a nosso vêr, um dos espíritos mais argutos e analistas que temos conhecido através do nosso costumeiro e diuturno contacto com as obras filosófico-jurídicas e os seus autores. Allás, o *Nouveau Petit Larousse Illustré* (ed. de 1951), já o vem qualificando: — «Esprit ingénieux et subtil».

Entre as obras ou os trabalhos filosófico-jurídicos e literários do insigne membro da Academia Francêsa de Letras se destaca um, intitulado «O CULTO DA INCOMPETÊNCIA», traduzido para o nosso idioma, em 1911, por Agostinho Fortes (ed. das Livrarias Aillaud, Alves et Cie. — Boulevard Montparnasse — Paris).

No aludido trabalho, entre as mul variadas incompetências, que o festejado crítico do primeiro quartel dêste século trincha e destrincha, com peculiar maestria, salienta-se, rotulando todo um capítulo da mencionada obra, — a Incompetência Judicial.

Dentro dêle analisa Faguet, com aquêles seus olhos de lince e

aquele seu privilegiado espírito, o problema, sempre velho e sempre novo, da competência e das incompetências judiciárias ou forenses.

Estuda, primeiramente, as *justiças senhoriaes*, de que diz: — «embora as menos fundadas na razão, não deixavam de ter a sua utilidade, porque prendiam ou podiam prender o senhor à terra, e impediam que senhor e vassallos se perdessem mutuamente de vista» (obr. cit. pág. 72). Trata-se — está claro — de um tipo de justiça medieval, do tempo do feudalismo. «Questões havia — informa o autor — que dependiam propriamente do senhor da região, por serem meramente locais». (idem, idem).

Dessa espécie de justiça, tipicamente medieval, o nosso direito processual, até há bem pouco tempo, encerrava ainda uma nêsga de remanescência, na competência dos nossos intitulados *Juizos de Paz*. E o mesmo fenômeno, o próprio Faguet já tivera tido ocasião de observar, focalizando a evolução da processualística francêsa: — «O senhor desempenhava o papel do juiz de paz».

Em seguida, num perfeito relance de olhos, delineia, outrossim com precisão de mestre, a competência dos hoje pouco conhecidos e falados tribunaes eclesiásticos, abolidos, como as justiças senhoriais, no limiar da idade-nova.

Sobre esses «tribunaes», de que se consagrara denodado defensor, deixou escrito à posteridade: — «As jurisdições eclesiásticas eram perfeitamente rozoáveis, por isso que, tendo um caracter particularissimo os delictos commetidos pelos eclesiásticos, só juizes eclesiásticos podem conhece-los e julga-los com competência» (idem pág. 72).

Os Conselhos de Guerra não foram por êle, da mesma forma, olvidados. Analisou-os com acurado zelo e aquêle seu inseparável espirito crítico. Porém, se collocando num mau ponto de vista dentro do campo visual das suas observações, passou a vê-los, a observá-los, de maneira diferente do que sempre foram.

O grande êrro de Faguet foi qualificá-los como tribunaes de exceção; o que, na realidade, não aconteceu e jamais aconteceu.

Sempre foram, os Conselhos de Guerra, apenas tribunaes especializados. Este fato pode ser, alias, facilmente comprovado pelo estudo tradicionalista de nosso Direito. Basta uma visão panorâmica dos estatutos políticos, que sempre regeram e regem, os nossos destinos de nação ou povo livre, para concluirmos pela boa idoneidade da assertiva. (Constituição de 1891, art. 77 e respetivos §§; Constituição de 1926, idem, idem; Constituição de 1934, arts. 84 usque 87 e respetivos §§; Carta Política

de 1937, arts. 11 usque 113 e respetivo § único; e Constituição de 1945, arts. 106 usque 108 e respetivos §§).

Tribunal de exceção, em nosso país, apenas tivemos ciência da existência extemporânea de um — o Tribunal de Segurança Nacional (Lei n.º 244, de 11-9-1936), embora opiniões diversas existam, e entre elas a do illustre Bento de Faria (apud E. Castello Branco — «Anotações às Leis de Segurança e Economia Popular» — Liv. Jacinto, edit. — 1940, pág. 224 in caput).

Em consequência deste seu errôneo ponto de vista, e porque, com o advento das democracias, nasceu a luta de morte contra os chamados «tribunaes de exceção», foi que Faguet veio proclamando aquela grande barbaridade ou seja que a Democracia «persegue com ódio os Conselhos de Guerra por estes terem ideais particulares sobre culpabilidade, dever e honra militares» (o grifo é nosso). Mas, por outro lado, como que se redimindo daquele seu injustificável «barbarismo», não deixará de acentuar — e nisto está de parabens, porque está com a razão — constituem aquelas idéias, precisamente «o característico da sua competência, exatamente o necessário para alimentar o espirito militar e manter a força de um grande exercito». Prosseguindo, dizia: — «o soldado e o official que fôsem julgados e punidos como paisanos, não seriam bem julgados nem punidos» (pág. 73).

Pois, pondera o illustre critico: — há nestes casos também uma questão de competência técnica.

(Continúa na página 13)

COISAS DA FÔRÇA PÚBLICA

Cel. Anchieta Torres
Ilustração de Felix

— I —

Por economia

Benedito Inocência da Silva, 1.º sargento comandante interino do Corpo de Municipais Permanentes... Quando foi isso? Em 1838. Em 1838? Não pode ser. Naquele tempo o miliciano não podia aspirar sequer às dragonas de oficial, o que era reservado aos oficiais de primeira e 2.ª linha do Exército. Como poderia um sargento exercer, embora interinamente, as cobiçadas funções de comandante da tropa bandeirante? Pois é verdade. O sargento Benedito Inocência da Silva, comandou o Corpo de Municipais Permanentes por quase 2 meses: de 23 de abril a meados de junho daquele ano. E, por que um sargento exerceu tão alto comando? Por economia. Sim. Por economia. Quando o fato se deu, São Paulo não era o Estado pujante de hoje. O dinheiro público andava curto e não podia ser gasto com liberalidade. Basta dizer que, criado o Corpo de Municipais Permanentes, por muitos anos não foi nomeado o 1.º comandante. O segundo exercia o comando e o Estado economizava. Não havia ainda a substituição remunerada...

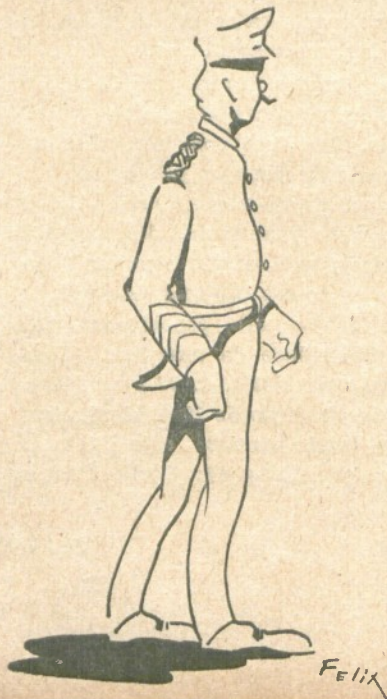
Mas voltemos ao nosso caso. Estava em pleno desenvolvimento a revolução Farrroupilha.

Tropas sulinas ameaçavam nossas fronteiras e o Presidente da Província decidiu defendê-las.

Pertencia à guarnição de São Paulo o 6.º batalhão de linha que,

no momento, estava desfalcadíssimo. Contava perto de 80 homens. Que fazer? O caso era urgente. Só havia um recurso: o Corpo de Permanentes estava, como sempre, ali à mão. Dêle foram retirados 54 praças e o 2.º comandante e incorporados ao 6.º de linha para seguirem em operações de guerra.

Com a partida desses contingente ficaram poucos homens no quartel. Motivo para economia. O presidente da Província baixou portaria exonerando, por aquêle motivo, o 1.º comandante e nomeando para substituí-lo interinamente, o 1.º sargento Benedito Inocência da Silva. Não ficava bem pagar um oficial para comandar tão poucos soldados, esclareceu.



Quem era o 1.º sargento Inocência?

Era o policial n.º 1 da Milícia de São Paulo.

Alistou-se na primeira hora, em 1.º de março de 1832, sendo promovido a cabo na mesma data. Contava 21 anos de idade. Furriel a 5 de outubro de 1833 e 1.º sargento a 21 de janeiro de 1834. Criado o lugar de sargento quartel mestre secretário em 1841, por portaria, do governo Provincial datada de 12 de junho daquele ano, foi nomeado para as funções recém-criadas, com a gratificação de 10\$000. Mais tarde, autorizado o governo da Província por lei de 1852, a promover aos postos de alferes quartel-mestre,

de alferes secretário e de 3.º comandante de companhia, criados pela mesma lei, os sargentos que por sua conduta e serviços prestados o merecessem, um dos contemplados foi o sargento Inocência, que foi promovido a alferes quarte-mestre. Um dos primeiros a alistar-se e dos primeiros a atingir o oficialato.

Em 1854 ainda o encontramos como alferes quartel-mestre em uma relação de oficiais do Corpo Municipal Permanente da Província, com a seguinte observação: « Tem capacidade, cumpre muito bem seus deveres e é apto para tudo o que for encarregado; desempenha muito bem o seu lugar».

Soldado notável o alferes, Benedito Inocência da Silva.

— II —

Formatura sem festa

Em outro número desta revista tratei da festa de formatura da primeira turma de aspirantes da Força Pública, a de 1918, turma que, composta de 16 alunos apenas, forneceu às fileiras 12 oficiais superiores: sete coronéis, dois tenentes coronéis e três majores. Três dos seus componentes comandaram, interinamente a Força Pública, por mais de uma vez e, se dois pelo menos não a comandaram em caráter efetivo... bem, isso não vem ao caso.

Hoje tratarei da formatura de outra turma não menos brilhante: a de 1922. Esta não teve festa de formatura. Em compensação, a partir de 1942, vigésimo ano da conclusão do curso, seus componentes promovem anualmente uma festa

constando de missa em intenção dos que se foram e em ação de graças pelos que sobrevivem; um almôço que é uma espécie de hora da saudade, quando são revividos aqueles e melhores tempos que não voltam mais e uma parte livre.

Pela constância e regularidade com que se realizam essas festas, provado está que o pessoal da turma citada é festeiro. Porque não houve festa na época própria, na ocasião da formatura? Respondo: não houve festa por causa da política. Da política, sim, embora naqueles saudosos tempos ainda não houvesse penetrado os quartéis o vírus dessa tremenda doença. O trabalho era demasiado, não sobrando lazer para essas diversões.

A política que impediu fôsse realizada a festa de formatura da turma de 1922 era de fora. Era estadual. Vamos ao caso.

Estando prestes a encerrar-se o ano letivo, os alunos que concluíam o curso trataram de organizar sua festa que, desejavam, superasse tôdas as anteriores. Escolheram o paraninfo, um político prestigioso, que havia recentemente sido Presidente do Estado e que, pelo muito que fizera pela Fôrça Pública, deixara fundas simpatias em suas fileiras. Nossos soldados não esqueciam, entre outros muitos benefícios, a assistência que lhes fôra prestada por ocasião da gripe espanhola. Daí o convite ao homem e não ao político.

Prepararam os convites e estava tudo pronto quando sobreveio o imprevisível. O partido situacionista cindiu-se e chefiava a cisão justamente, o escolhido para paraninfo da turma, o dr. Altino Arantes Marques, o qual, melindrado com a direção central afastou-se, arrastando consigo numerosos e também prestigiosos amigos. Foi uma verdadeira bomba. Como podia aquêle bloco maciço e disciplinado romper-se assim? Hoje o caso não teria maior importância, mas naquêle tempo...

E a cisão repercutiu na Fôrça Pública. Por diplomacia ou outra qua'quer razão, achou o Comando da milícia que não ficaria bem um político pertencente a uma ala em oposição ao Governo, servir de paraninfo à turma de aspirantes. Veio, então, por intermédio do comandante da escola de oficiais, a insinuação

de que deveria ser esco'hido outro paraninfo. Os futuros oficiais mostraram-se dignos do posto que iriam receber e repeliram a insinuação. A escolha recaíra naquêle que, exercendo a mais alta investidura estadual soubiera, por seus atos, conquistar as simpatias gerais na corporação. O político não importava. Ademais os convites já haviam sido distribuídos e dêles constava o programa da festa com o nome do paraninfo. Este já preparara o seu discurso. Não. A turma não voltaria atrás.

E a declaração de aspirantes foi sendo adiada. Escoou-se o mês de dezembro e entrou-se pelo de janeiro do ano seguinte. Nova turma já preparada aguardava a saída da anterior para ser matriculada e o caso continuava sem solução. Finalmente chegou-se a um acôrdo. Não haveria festa de formatura. Uma comissão foi ao paraninfo e explicou-lhe a situação. Com ou sem festa êle era considerado o patrono da turma. E certo dia, já no fim do mês, os alunos foram declarados aspirantes e mandados aos seus destinos sem maiores formalidades.

Vinte anos mais tarde, no dia em que foram declarados aspirantes os sobreviventes da turma de 1922 fizeram sua festa de formatura e durante o almoço, presente o paraninfo, tiveram oportunidade de ouvir o discurso que não pudera ser pronunciado na ocasião oportuna, o qual, diga-se de passagem, embora escrito numa época cheia de paixões, distinguia-se pela serenidade e pela justeza dos conceitos com que fôra elaborado.

Paraquedista

O paraquedismo está, agora, na moda. Está na moda porque consagrado nas canções carnavalescas, das quais uma de muito sucesso, por sinal que, de autoria de dois ilustres oficiais do Exército, conta o caso de alta funcionária que se atirou de paraquedas e calu numa das últimas letras do alfabeto. Em linguagem formal: obteve um emprêgo de vencimentos elevados, sem passar pelas letras iniciais da carreira...

Em 1.927 não era assim. Um salto de paraquedas era um ato de extraordinário arrôjo. Só os que não tinham nenhum apêgo à vida o executavam.

Por isso, não sendo conhecido nenhum paraquedista nacional, o estrangeiro que aportasse a estas plagas munido de um paraquedas, «fazia América».

Aí pelos meados do ano citado apareceu em São Paulo um paraquedista francês. Fêz sucesso. Um não, uma, porque era uma senhorita. Digamos, a senhorita X, o que empresta certa dose de mistério ao caso.

A senhorita X, exhibia-se aqui e ali, embolsando somas apreciáveis, quando o comandante da Fôrça Pública, cel. Pedro Dias de Campos, que tendo criado a Cruz Azul de S. Paulo dois anos antes, procurava fazer dinheiro a fim de levá-la avante, resolveu contratá-la, para uma exibição no campo de Marte, com entradas pagas. Procurou-a, combinaram dia, hora, e tudo ajustado entrou a propaganda em cena, para que o espetáculo fôsse um êxi-



to financeiro. E foi. No dia e hora aprezados o Campo de Marte estava à cunha, com grande satisfação do Tesoureiro da instituição que via crescer o saldo no caixa a seu cargo.

Chegara a hora da exibição. Mas... «La dona é mobile».

O paraquedas já preparado e fixo ao avião, pilotado pelo instrutor, aguardava apenas a chegada do principal personagem da festa quando estourou a bomba. A senhorita X. mandou avisar que não saltaria naquele dia!...

Recebendo o recado o cel. Pedro Dias nem pestanejou. Estava programado um salto em paraque-

das para aquêle dia e o salto seria realizado. Mandou reunir os oficiais alunos. Olhou um, olhou outro, mais outro, parou em frente ao tenente Antônio Pereira Lima e disse-lhe:—

— O senhor saltará em lugar da faltosa. ..

Os alunos da escola não conheciam sequer um paraquedas. Quanto ao modo de saltar, sabiam apenas em teoria, mas o tenente escalado não hesitou. Dirigiu-se à sala reservada à paraquedista, vestiu o «macacão» branco com que a mesma se exibia, pôs o capacete e encaminhou-se cercado por seus camaradas ao avião, que em se-

guida alçou vôo e ganhou altura, sobrevoando o campo.

Momentos depois viu-se um vulto desprender-se do avião, abrir-se o paraquedas e, finalmente, o paraquedista aterrizar de leve, justamente ao lado das autoridades presentes.

Foi então, desvendado o segredo. Havia saltado não a profissional, mas um nosso oficial, o que valorizou mais o espetáculo.

O lado pitoresco do caso, mais tarde conhecido, é que o tenente Lima, hoje coronel da reserva, foi escolhido devido sua pequena estatura. Só para êle servia o «macacão» da paraquedista...

COOPERATIVAS REGIONAIS:

Santa Isabel — Jacareí — Santa Branca — São José dos Campos — Paraibuna — Taubaté — Pindamonhangaba — Roseira — Guaratinguetá — Lorena — Valparaíba — Aguai.

COOPERATIVA CENTRAL DE LATICÍNIOS

DO

ESTADO DE SÃO PAULO

Regist. M. A. sob n.º 4 e S.A. sob n.º 47

Escritório e sede central: (Diretoria 9-2658
Rua Dr. Almeida Lima, 523 Fones (S. Comercial . . 9-2659
SÃO PAULO (S. Técnica 9-2681

A Missão da Policia Militar na Paz e na guerra

Cel. Niso de Viana Montezuma

Cml. Geral da P. M. do Distrito Federal

Eterno apaixonado pela minha profissão, encaneci nas lides inerentes aos problemas da Segurança Nacional, e, dentre êles, sempre me mereceram especial atenção as questões relacionadas com o ensino e a instrução, por me parecer que, com as máquinas e apesar das máquinas, o homem — mas o homem moral — continua a ser o fator essencial do sucesso.

E é natural que depois de tantos anos de experiência e de estudo eu tenha observado que sempre que os homens colocados em funções de comando ou de chefia não têm as características da probidade, da capacidade moral, profissional, técnica e intelectual para o desempenho de sua função de caráter edificante, os indivíduos e as coletividades a êles subordinados, traumatizados pelos efeitos destruidores da ação dos dirigentes, desorientam-se e perdem a fé, ameaçando, assim, permanentemente os alicerces da instituição.

Eis porque me parece que a instrução só é verdadeiramente proveitosa quando é eminentemente objetiva e, paralelamente a ela, for ministrada a indispensável educação correspondente.

E preciso compreender-se que o aparecimento e a evolução das instituições obedecem a leis gerais que presidem ao desenvolvimento social. Em consequência, a instrução de uma instituição só poderá ser convenientemente concebida, planejada e executada depois de se haver firmemente fixado o objetivo a atingir.

E a nossa Polícia Militar não escapa a essa regra.

Criada para atender às necessidades sociais de certa época, teve também previsto o seu emprêgo na eventualidade de uma guerra, nessa época.

Entretanto, já não há dúvida que

«As condições de um meio e o estado de cultura de uma época modalizam o delito, plasmando-o na brutalidade primitiva ou na alicantina moderna.»

Cada aperfeiçoamento, cada época tem a sua criminalidade específica.

Cada aperfeiçoamento, cada invento ao lado do beneficio novo que possa trazer à humanidade, traz um crime novo com aplicação ao mal dêsse invento e dêsse aperfeiçoamento».

É evidente, pois, que o ambiente evolue de conformidade com o progresso das sociedades trazendo, incontestavelmente, grandes e sensíveis modificações nos conflitos sociais, nos novos tipos de desajustamento social, na maneira de perpetrar crimes, às vezes, por criminosos de tirocínio internacional.

Daí o se tornarem necessárias novas técnicas de administração policial. Daí a necessidade de periódicos reajustamentos como acabamos de sentir na recente realização da I Conferência Nacional de Polícia. Daí o se tornar cada vez mais complexa a função policial, exigindo a mesma especialização já requerida em quase todos os ramos de atividade humana.

Por outro lado, ninguém ignora que o nosso Exército de 1908 não pôde permanecer como estava, depois da 1.ª Grande Guerra, assim como o 2.º Conflito Mundial lhe impôs grandes e profundas modificações no armamento e, consequentemente, na organização e na mentalidade. O Exército de hoje é um exército de especialistas e a atividade militar se vai tornando cada vez mais complexa.

Insistir em conservar a Polícia Militar em sua antiga situação seria colocá-la face a duas atividades complexas, de direções diferentes, quando os Evangelhos ensinam que não se pode servir bem a dois senhores ao mesmo tempo; seria colocá-la, à margem da evolução social e fora do quadro da guerra moderna porque ela não teria possibilidades para atender às duas frentes.

Realmente, as exigências do armamento, da organização e da instrução para a finalidade policial já

não nos permitem mais pensar em empregar os nossos elementos, em caso de guerra, nas mesmas condições em que serão empregados os batalhões de infantaria e os esquadrões de cavalaria.

Se o escasso efetivo da nossa Corporação é insuficiente para atender às necessidades normais de tempo de paz, em tempo de guerra, diante das nossas possibilidades de mobilização, êle se assemelharia a uma gota d'água no oceano.

E, precisamente, quando — no quadro da guerra moderna — a retaguarda assume importância crescente, temeridade seria entregá-la à guarda de policiais improvisados e, com ela o patrimônio moral e espiritual que encerra, o que de mais sagrado deixam aqueles que partem para tomar contacto com o inimigo ostensivo!

Em tal eventualidade, à Polícia Militar deverá caber a nobre, a sublime missão de guardar êsse patrimônio, tomando parte na luta CLANDESTINA, «cuja aplicação organizada por todos os beligerantes constituiu uma normalidade peculiar ao último conflito».

Assim, em uma tal eventualidade, a Polícia Militar deverá ter atribuições específicas na Zona do Interior, atribuições que lhe trarão aumento e variedade de obrigações que exigem ampliações em seus efetivos e o enquadramento de elementos que, para êsse fim, forem mobilizados.

Deixar de instruí-la e de reorganizá-la para o exercício dessas atividades modernas será correr o risco de entregá-la ao destino das coisas fora de uso.

Isto posto, a organização da instrução aqui precisa ter em vista:

a) — de um lado o que com a sua incontestável autoridade já vos dizia o exmo. sr. General José da Silva Pessoa:

«A experiência já demonstrou que o soldado de polícia não pode ser improvisado:— a sua missão joga com os interesses mais respeitáveis e exige uma atividade intelectual e física não comum nas classes sociais que abastecem de voluntários as corporações empregadas na manutenção da ordem pública. Daí a necessidade de ministrar-lhe sólida educação profissional, cujo programa dia a dia se dilata, visto como, à medida que a sociedade evolue, mais exigente se manifesta a opinião pública no tocante à compostura, circunspeção, atilamento e competência policial, e novos serviços de ordem e prevenção são criados».

b) — que é essencial formar instrutores e monitores que tenham fé em sua missão e estejam profundamente convencidos da possibilidade de conseguir bons resultados apesar das dificuldades que possam ocasionar a redução do tempo e dos meios com que contavam realizar sua tarefa; que, mesmo nesse caso, ponham todo o amor próprio, todo o engenho e toda a força de vontade na obtenção dos melhores resultados possíveis;

c) — que, de outro lado, na eventualidade de uma guerra, a Zona do Interior precisa estar convenientemente policiada no tocante aos crimes contra a economia popular; contra a espionagem, a sabotagem e preparada para suportar as vicissitudes de uma campanha com o moral capaz de resistir e reagir con-

tra a intriga lançada por agentes especializados, por traidores venais, derrotistas que desmoralizam, confundem, criam desânimos e revoluções, enfraquecem.

— Para isso é indispensável:

1. — compenetração de que profissional é aquêle que tem o senso do que faz; é quem trabalha com alma e não apressada e atabalhoadamente como quem se descarta de incumbência fastidiosa e incômoda;

2. — lembrar-se que nada contribue mais para o estabelecimento de uma disciplina sã e espontânea do que o exemplo quotidiano e sem desfalecimento dado pelos superiores no cumprimento do dever, no preparo profissional, na compostura e no decôro militar no serviço e fora dêle, na severidade para consigo mesmo, enfim, nas provas exteriores e constantes do bom cultivo das virtudes profissionais;

3. — que a obediência às leis, regulamentos, ordens e instruções seja observado, em todos os escalões, como verdadeiro imperativo do espírito público e da honestidade profissional;

4. — rigorosa disciplina moral e intelectual, completo ajustamento aos preceitos de subordinação não só entre os indivíduos como entre os vários órgãos, por intermédio dos quais as ordens alcançam o último dos subordinados;

5. — desenvolver o valor moral de modo a se obter um elevado e construtivo espírito de iniciativa aliado a espontâneo devotamento ao cumprimento do dever, capaz de distinguir e sobrepor, em qualquer emergência, os elevados interesses da Pátria às vulgares conveniências pessoais ou de grupos;

6. — exigir o fiel cumprimento dos preceitos regulamentares em todos os atos de serviço, em seus menores detalhes, por mais insignificantes que pareçam;

7. — ter em vista que nas crises de lutas morais os autômatos falham; enfrentam-nas com serenidade e vencem-nas, os que têm consciência do cumprimento do dever e do patriotismo. Homens assim são úteis à sociedade e à Pátria; assim deve ser o soldado;

8. — que a atividade dos quadros seja tão empolgante que os habitue a decidir com rapidez exigida pela época sem prejuízo da segurança capaz de evitar erros e consultas sobre assuntos que lhes devam ser familiares e que, muitas vezes, revelam horror à responsabilidade;

9. — que a instrução seja eminentemente prática. Em tôdas as ocasiões despertar o interesse do instruendo, fazendo com que a aquisição de uma noção qualquer seja seguida imediatamente por uma aplicação que o fará perceber a utilidade prática do que lhe foi ensinado;

10. — que o policial-militar seja um exemplo de disciplina, de cumprimento do dever, de correção de atitudes, de cortesia e de boa apresentação pessoal.

«O que temos em vista, sobretudo, é acentuar que a ninguém, que ame a sua Pátria, ou seja fiel ao regime de liberdade pública, será li-

cito atrelar-se, nas grandes horas de adversidade para o país ou as instituições, ao comodismo, sob a alegação de ser o esforço inútil, ou à prudência, tantas vezes sinônimo de medo, assistindo, de braços cruzados, à derrocada, ao desmoronamento do que, em rigor, se confunde com a dignidade da nação.

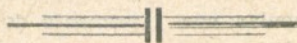
Todo cidadão que se preze, ou saiba mostrar-se digno do próprio título da cidadania, tem que ocupar o seu lugar na fileira — e tanto mais quanto maior o perigo — sempre que, interna ou externamente, entre em jôgo a sorte do país.

O mais será deserção, que é crime, com a agravante da desonra.

A doutrina de que, «não vale a pena», «uma andorinha só não faz verão», etc. o erro de abandonar a causa pública, esperando que de'a outros cuidem, ou até capitulando de insensatos os que perdem o seu tempo a interessar-se pelos públicos negócios, eis o que, por via de regra, mais conduz os povos à desgraça.

Aplicai, pois, **últimamente** os conhecimentos que adquiristes.

Não contemplemos impávidos o perpassar das horas que correm. Elas marcam o fim da imprevidência e o início de uma Era de ação que, permita Deus, seja de ação refletida e segura, calcada num profundo sentimento de responsabilidade com a Pátria.



«Um homem vale pelo seu trabalho, um país pela sua produção».

José Silva - Tecidos, S. A.

(Casa fundada em 1885)



End. Telegráfico «SILVIUS»

CAIXA POSTAL, 445

TEL. 43-28-95 (REDE)

RIO DE JANEIRO, D. F.

TECIDOS E ARTEFATOS DE TECIDOS EM GERAL
— IMPORTADORES E EXPORTADORES —

FORNECEDORES DAS FÔRÇAS ARMADAS, INCLUSIVE
DA FÔRÇA PÚBLICA DO ESTADO DE SÃO PAULO

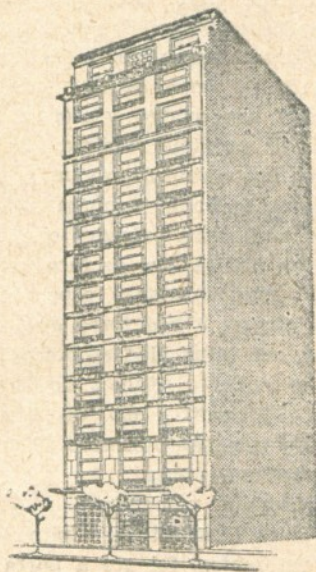
Departamento de vendas
em SÃO PAULO (Capital)

Av. Nova - Anhangabaú, 702-3.º, Sala 32

Caixa Postal, 3021 —

En. Telegráfico, "SILVIUS"

Telefone: 33-2662



Sede no Rio de Janeiro

Coincidência

Imigrantes espanhóis começavam a fixar-se na localidade quebrando a rotina agrícola do feijão e milho.

Os naturais habituados a pescar durante a maior parte do ano, «sacrificavam» algumas horas para o trato da «rocinha».

Para eles a conduta dos estrangeiros, cujo trabalho só conhecia os limites impostos pela trévas da noite, não respeitando nem mesmo a chuva, tinha qualquer coisa de avareza.

Se bem que os temporais do ano tivessem prejudicado a nascente cultura de uvas finas, até então desconhecidas pelos lavradores locais, ainda assim havia perspectivas animadoras. Pedro Sanches, um dos mais orgulhosos viticultores, recém-chegado da terra de Cervantes, espalhava aos quatro ventos a excelência da próxima vindima. Aos sábados, enquanto esperavam a «vez» no único barbeiro, também castelhano, o vinhateiro palrador que, façamos-lhe justiça, era de fato um técnico, pregoava suas esperanças e tecia elogios à boa terra que, «graças à sua capacidade», produzira a melhor colheita «talvez do Brasil»:

— Mazzotti, «el» do Mercado Grande «me ha» oferecido 60 contos, «mismo» na planta.

Ninguém respondeu.

Chico Bicudo tirou o pito da boca sem dentes, foi até a porta, deu



uma cuspidada, que sumiu logo na poeira quente, olhou para o poente, onde ainda restavam as últimas côres do crepúsculo e, depois de bater a cinza da pipa na soleira, voltou para seu lugar.

O silêncio apagara as palavras do espanhol e ele já teria proferido muitas outras se o figaro não estivesse com a navalha justamente no «pomo-de-Adão», quando o caipira, aparentemente fora de propósito, disse:

— «Que Deus o livre e guarde, mais cum êsses tempo de trevoada a gente num pode agaranti nada, seu Pedro».

— «Tu eres tonto, Bicudo» o dinheiro «lo» tenho já em «mi» bolso, nem Cristo «me lo tira».

— «Cruiz credo num abusa não, seu Pedro, olha que Deus castiga, é mió acendê u'a vela pra Nossa Senhora».

— Que «tonteria, eso no existe».

.....
O dia seguinte sugiu qual uma dádiva de luz à vespera de Natal.

Nem uma nuvem 'no céu. Parece até que amanheceu mais cedo, pois quando o sacristão fêz soar o bronze, chamando os fiéis, o sol já iluminava a torre da igreja e a sombra da cruz se projetava bem longe, como que tentando esticar-se para proteger tôdas as casas da pequena vila.

Seu Pedro não ouviu o sino, nunca o ouvira, para êle a diferença do dia estava na barba feita ou, talvez na camisa que trocava semanalmente.

.....
Pouco restava do dia de descanso quando o vento começou a soprar. Primeiro era simples brisa, mas foi

aumentando pouco a pouco, até arrancar os telhados de várias olarias.

Quando o sol se escondeu a tempestade já desabava em tôda a sua fúria.

Enquanto grossas nuvens entrecocavam-se, produzindo assustadores trovões, nos telhados começou a produzir-se um ruído estranho.

Era o granizo.

.....
Das videiras ficaram os sarmentos nus...

Dizem que alguns lavradores da pequena área atingida mais rudemente, inclusive seu Pedro, tentaram suicidar-se.

Misteriosa coincidência...

... gosto não se discute



ISTO É BISCOITO!



AYMORE

Não esqueça de comprar os
BISCOITOS da SEMANA: INDÍGENAS
Rico, doce, excelente com chá e café.

A Seleção e o Treinamento do Policial

Cap. Rodolpho Assumpção
(CONCLUSÃO)

○ treinamento de um policial no seu conceito moderno, não se restringe ao curso de formação; divide-se em dois períodos.

O primeiro período, que chamaremos de básico, por uma questão de princípio, constitui-se dos ensinamentos que o homem recebe na escola de recrutas. O escopo principal neste período é inculcar no espírito do instruído as noções de disciplina, aprimorar-lhe o físico, arregimentá-lo no senso da camaradagem e do trabalho de equipe, desenvolvendo-lhe paralelamente o espírito de classe em alto grau e com um propósito único: — o de bem servir ao seu povo. A escola da disciplina militar foi, é e continuará sendo a melhor na formação do tipo de policial zeloso e que inspira confiança. Ainda nesse período se lhe ensinará: — como tratar o seu público, fazendo-o sentir que de sua atuação, no meio d'ele, depende o conceito de sua força e que deste conceito derivam fatores ponderáveis das relações que ela deverá manter com esse público no estabelecimento de uma eficiente polícia preventiva; conhecimentos elementares das particularidades de sua profissão; o estudo do Código Penal (a sua Bíblia), de outras leis, de datilografia, de medi-

cina legal, de socorros de urgência, de fotografia, etc. Contudo, nunca é inútil frisar, do curso de formação pretende-se apenas que a terra, julgada boa pela seleção, esteja lavrada e semeada. O resto virá depois, com o tempo, na vida prática.

Ao concluir este treinamento inicial ou básico a classe de recrutas pode ser comparada também do ponto de vista policial a uma bem treinada unidade militar. Escolhidos por legítimos métodos de seleção, exercitados de acordo com programas aceitos como bons e completos e com objetivos bem definidos, estão prontos para a luta, combatentes dos mais legítimos. O soldado, marinheiro ou aviador aprende a manejar o próprio armamento e a tática de sua arma. Quando chamado, em tempo de guerra, para fazer uso de seus conhecimentos, sabido é que agirá enquadrado. Mas, na maioria das vezes, combaterá um inimigo que se apresenta em uniforme. O inimigo do policial, porém, nunca o veste, nem lança suas operações de bases conhecidas, considera todo o mundo como inimigo e prêsca certa, e como amigos somente os de sua laia. No seu combate propriamente dito o policial na maioria das vezes estará agindo só, com peque-

na supervisão e sem a ação disciplinar direta, razão por que sua educação, já em pleno segundo período, deverá ir sofrendo ligeira transmutação, sua disciplina deverá começar a brotar de si mesmo e não somente daquela que lhe foi instilada na escola; deve brotar, sim, do justo orgulho de servir à sua própria força, que por sua vez serve a uma causa sagrada — a segurança e o bem-estar dos seus compatriotas.

Daqui por diante cultivar-se-á no homem a capacidade de pensar e agir por iniciativa própria, tomando suas decisões. Esta capacidade de pensar e agir com independência não se desenvolverá com facilidade, de início, isto em consequência dos reflexos adquiridos na própria Escola de Recrutas. Erros de julgamento serão inevitáveis. Um superior experiente não criticará, por certo, com severidade, o esforço daquele que sózinho se põe a dar os primeiros passos, nem punirá quando se tratar de uma tentativa honesta de uso da iniciativa; trabalhará, no entanto, no sentido de evidenciar com lógica os erros, com o objetivo único de preparar melhor ação futura. Rudeza e desconsideração criarão um "sim senhor" inútil para o resto da vida. Mêdo das consequências inibirão o homem de desenvolver essas preciosas qualidades. Firmeza, condução e justa correção jamais poderão ser confundidas com brutalidade, autoritarismo e descompostura.

Convém nunca releguemos a um plano secundário esta segunda parte do seu aprendizado. Na primeira desenvolvemos-lhe o amor à Corporação e os sentimentos de camaradagem para com os colegas de farda; na segunda, o senso da lealdade a essa mesma corporação e o senso do cumprimento do

dever deverão florescer no espírito do homem, sem o que a obtenção do nosso objetivo — formação do bom tipo de polícia — não terá sido atingido. O conhecimento das leis do país com as quais, por força do dever, tenna de estar sempre familiarizado, deverá ser mantido em dia, em condições de um possível emprego a qualquer momento. O essencial é manter o noviço em situação de se poder contar com um jovem vigilante e de bom físico, pronto para ser lançado no atual campo de provas de toda espécie — o serviço policial.

Neste segundo período, teremos oportunidades de aferir não só o resultado do seu aprendizado no curso de recrutas como ainda se a própria seleção falhou neste ou naquele ponto. Muitas promessas do tempo escolar caem ao primeiro embate no campo prático.

Como no presente trabalho estamos tratando do treinamento e da carreira do jovem polícia, convém ser objeto de consideração da parte dos veteranos o fato de que não será possível transmitir àqueles, num dia, o que aprenderam no transcurso de sua longa carreira, muitas vezes com dificuldade e à custa de sucessivos erros. Outro ponderável, o fato do noviço parecer satisfeito e cheio de si com os ensinamentos recebidos na mesma escola por que passou o veterano, deve ser tolerado com paciência, para não ferir suscetibilidades. Ele próprio, em estreito contacto com a realidade, se aperceberá da necessidade de chegar-se ao velho camarada.

Não obstante termos, por forças de função, o privilégio e o dever de transformar um candidato ao alistamento em um policial capaz, não nos assiste

o direito de amoldá-lo à nossa absoluta semelhança. Não havendo, no mundo, dois indivíduos perfeitamente iguais, examinados seja sob o ponto de vista que for, convém deixarmos plena liberdade de desenvoltura às qualidades, que por nos faltarem, existam em estado latente em nosso subalterno. Não nos será motivo de humilhação vê-lo ultrapassar-nos em conhecimentos e perícia e com menor razão lhe recebermos as próprias luzes; ganhará com isso a Corporação, para a qual temos de voltar os olhos em primeira instância sempre e acima de tudo.

.....

Duas escolas policiais se chocam hodiernamente: a primeira, a antiga, constituída pelos que só acreditam em polícia repressiva; e a segunda, a jovem, que preconiza as vantagens de uma polícia educativa, protetora, preventiva e correccional. Os resultados positivos advindos da applicação e do emprêgo dos princípios da segunda, são, no entanto, por demais evidentes. Não seja, porém, êste o motivo para os adeptos da segunda declararem guerra de morte aos da primeira.

Há possibilidades, dentro do próprio campo policial moderno, de aproveitar a applicação das convicções e das energias de todos os elementos de ambas as correntes.

A uma cousa, entretanto, nunca poderemos fechar os olhos, por ser fator capital na conservação da estrutura e de um ambiente sadio, honesto e de competência profissional à altura de uma milícia organizada: — função de comando, de direção e de ensino não podem ser entregues a fracos, desiludidos, vencidos ou fracassados de qualquer posto.

Figurai a tremenda luta interna de um recruta de alto padrao, idealista, cheio de ardor e entusiasmo que, por infelicidade, se depara às ordens de um dos superiores do quilate acima descrito ou ainda de um que, por ser refratário ao progresso, tornou-se antiquando, irrazoável ou inacessível.

Ao se cuidar dos quadros as continuidades de seleção e de treinamento se efetuarão através da eliminação das fileiras e das listas de promoção dos que se revelarem nulidades ou quantidades negativas.

As forças policiais das grandes democracias, adotando decididamente a escola moderna, iniciaram a applicação de seus métodos há questão de 10 anos.

Estendendo suas ligações aos Departamentos de Educação dos Estados e das Províncias dos E.E.U.U. e do Canadá, desenvolvem um programa intitulado "A JUVENTUDE E A POLÍCIA", no qual objetivam a educação policial dos futuros pais de família, alicerçando sólidamente o estabelecimento de melhores relações públicas com êsses cidadãos de amanhã.

As palestras proferidas e aulas ministradas por elementos seus nas escolas primárias e secundárias, sôbre assuntos em que são expostos à juventude, o que representam as Forças Policiais para o Estado; o que fizeram elas no passado; quais os deveres cívicos que os cidadãos devem praticar para lhes prestar, no combate ao crime, uma colaboração eficiente; como vivem e agem seus homens nas grandes e pequenas cidades e nas Zonas Rurais de Estado, etc... visam principalmente: —

a) — o completamento da educação cívica na parte relacionada com os deveres do cidadão condizentes com a sã colaboração devida por si no au-

xílio da administração da ordem e da Justiça;

b) — combater o desinteresse e a indiferença em que foram e são ainda hoje tidas pela média popular as Corporações Policiais;

c) — incrementar suas relações com o público;

d) — preparar ambiente capaz de proporcionar o afluxo às Secções de Alistamento de jovens de padrões cada vez mais elevados.

Não se restringe somente às palestras e aulas a efetivação desse programa. Em grêmios esportivos, recreios instalados em logradouros públicos e mesmo em terrenos baldios dos distritos convenientemente preparados, congregam-se os petizes dos bairros, onde, a par de educação física e desportos dosados de acôrdo com as suas idades, se desenvolvem também trabalhos análogos e com objetivos idênticos aos do sistema anterior. Turbulentos e desorientados bandos de guris mal educados, quebradores de vidraças alheias, em alguns dos quais já se manifesta em estado incipiente o vício do furto, reúnem-se sob a direção de policiais especializados que, aos poucos, com sua autoridade moral e habilidade, os vão transformando em jovens esportistas de hábitos pacíficos e corretos.

Convém notar, porém, que este programa representa apenas uma das muitas modernas fases do trabalho policial preventivo.

A gradual educação do público adulto orienta-se no sentido de fazê-lo encarar, cada vez mais, a ação de sua força policial com as de um agente preventivo ao invés de repressivo.

Mas, para a obtenção desse sentimento popular a nosso respeito, vol-

tamos a bater na mesma tecla. É imprescindível: — primeiro, selecionar meticulosamente os candidatos ao alistamento; segundo, melhorar o preparo intelectual e aprimorar o moral de todos os elementos da corporação, que se não se sentirem orgulhosos de sua missão e possuídos do desejo de serem úteis à comunidade, erraram a porta de entrada, devendo, portanto, sair à procura de outra.

Orientando com firmeza nessa direção a marcha dos trabalhos, dentro de pouco tempo as advertências do policial serão aceitas da mesma forma que as vindas do amigo que, ao proferi-las, não traduz sinão os sentimentos que lhe vão no íntimo, pelo bem estar e segurança do próximo.

Teremos então oportunidade de verificar a sensação de euforia de que será possuído o cidadão do arrabalde de ruas desertas e escuras, quando, ao se recolher à noite, deparar com o vulto uniformizado de seu amigo.

Veremos a mãe de família des preocupada com a segurança de seus filhinhos no momento de enviá-los para a Escola, sabendo que mãos amigas se estenderão para ampará-los ao atravessar uma rua.

Monstramos aqui, se bem que imperfeita e sucintamente, dois ângulos apenas da moderna polícia preventiva, mas o fizemos deliberadamente.

Estes programas se desenvolvem na América do Norte onde o nível cultural popular médio se situa nas alturas do curso ginásial completo.

Lá, onde as casas não são cercadas e os luminosos de trânsito são automáticos, em quase sua totalidade, e nem por isso se transpõem as linhas divisórias ou as faixas de segurança sem a devida permissão do proprietário ou

do sinal elétrico, sentiu-se a necessidade de educar e educar mais, numa demonstração evidente de que por mais adiantado pareça o estágio de civilização de um povo, nunca se exagera ao procurar-lhe o aperfeiçoamento.

Cremos no sucesso da polícia preventiva, principalmente quando encara-da sob os aspectos educativos da juventude e das relações com o público adulto.

Nas corporações adotantes da escola moderna procura-se orientar o ensino do recruta, do noviço e mesmo do velho profissional, no sentido de prevenção criminal, ressaltando-lhes as vantagens pela logicidade de princípios e evidência de bons resultados. E no tocante à polícia repressiva sahem-se-lhes as grandes conveniências proporcionadas pelo emprego da ajuda científica.

O uso da ciência como auxiliar na investigação criminal não é cousa nova. Na Europa já lhe haviam reconhecido o grande valor de há muito, empregando-a antes que qualquer tentativa nesse campo se verificasse em nosso continente. No entanto, em seus primeiros anos, não deixou de ser empregada com um caráter um tanto dileitante. Só muito recentemente se lhe deu o caráter prático e comum, chegando alguns a pensar que a ciência ao invés de ser considerada apenas uma auxiliar, seria a substituta do policial. Isto é utópico, jamais poderá deixar de existir este último, pelo menos por alguns milênios ainda.

Crimes que em tempos idos teriam permanecido envoltos em mistério, solucionam-se rotineiramente, pelo trabalho do homem de laboratório que, na maioria dos casos, não conhece o

criminoso e nem sequer os locais do crime.

Nas grandes nações, além dos laboratórios centrais de investigação criminal, outros já começam a aparecer em cada particular torça policial, por menor que ela seja, possuindo algumas delas até laboratórios móveis instalados em veículos a motor ou reboques que proporcionam, em poucos minutos, ao proprio local do crime, as vantagens dessa ajuda científica.

Pela sua importancia tantas se tornaram as ramificações do auxílio científico na prevenção e na investigação criminais que em algumas das principais Universidades, particularmente dos Estados Unidos, criaram-se cursos especializados para homens e mulheres que tencionam se dedicar a trabalhos do campo científico policial.

Estudamos, de relance, as necessidades policiais públicas hodiernas. Encaramos o futuro de nossas organizações. Presumindo que, no tocante à seleção e treinamento do recruta, tenhamos desenvolvido o assunto satisfatoriamente, que poderá a seu turno o serviço policial oferecer ao jovem do calibre procurado? O jovem hábil e possuidor de altos padrões de inteligência, de caráter, de moral, de coragem e de outros requisitos exigidos, de ordem física e educacional?

Primeiramente é preciso que êle o veja como uma excelente carreira. Conquanto pareça não haver conexão alguma nisto com a seleção e o treinamento devemos considerá-lo como tal porque se não mostrarmos atratividade e interesse na carreira policial, não teremos candidatos para selecionar e treinar. E, "a fortiori" se a questão de perdemos um futuro recruta nenhum prejuizo traz à corporação, o

mesmo não se poderá dizer da perda de um bom noviço ou de um elemento íntegro com vários anos de serviço.

Nossas corporações, de um modo geral, carregam em seu bojo algumas heranças do passado, dêsse passado de que nos falou o ilustre Juiz de Londres que em 1.796 escreveu "*Dissertação sôbre a polícia da Metrópole*" e da qual citamos pequenos trechos, no início do nosso trabalho. Se é incontestê que inúmeras melhorias experimentaram as condições de vida desses servidores públicos, não o é em menor grau que tôdas essas mudanças se situam ainda bem aquém das capazes de proporcionar atracção ao tipo de homem conveniente à profissão.

Consideremos um jovem de saúde perfeita, de bom físico, de ótima inteligência e caráter, etc.; atingiu êle o ponto de sua vida em que precisa se decidir por uma carreira. Perguntamos: escolhendo a carreira policial, estará êle assegurando para si próprio e para sua família a segurança e o lugar na sociedade que suas antídões lhe proporcionariam, indubitavelmente, em qualquer outra profissão? Terá êle, na carreira policial, compensação suficiente capaz de mantê-lo em situação equivalente ao da média dos cidadãos possuidores das mesmas qualidades, ensaiados em outras profissões e negócios? Em caso de ser vítima dos precalços de sua profissão, estarão sua esposa e filhos amparados? Estas perguntas e muitas outras mais, um jovem normal de ambição média fará a si mesmo, ao contemplar a força policial como carreira. No entanto, as respostas a muitas das perguntas que formular não o satisfarão, por certo.

Há dificuldade em se atrair jovens do padrão desejado para o ingresso em

nossa carreira em quase todos os países do mundo, notadamente naqueles que não dispensam salários compensadores à natureza árdua da profissão. Sem salários adequados e bom equipamento nunca se poderá servir o público como êle deseja e necessita realmente.

Admitindo-se que uma determinada milícia responda afirmativamente aos questionários do jovem e que nela se observam as mais estritas regras de seleção, desenvolvendo-se a instrução em bases modernas, seria essa força policial um instrumento perfeitamente eficiente e completo para o combate ao crime, ou ainda lhe faltaria algo? Se não houver, da parte do público, o reconhecimento de seus componentes como respeitáveis membros da comunidade, ocupando na mesma uma indispensável e honrosa posição, é certo que lhe faltará algo de imprescindível.

Todo ser humano, por mais humilde que seja, tem essa mesma necessidade de reconhecimento. Mas ao jovem policial em formação ou a seu velho companheiro que, como membros de uma honrosa profissão, vêm lutando contra o fato de terem sido ignorados, desdenhados e mesmo odiados até nossos dias êsse reconhecimento deve ter o sentido de uma reparação. Entretanto, deseja-se apenas, que se os considere simplesmente como cidadãos exercendo um útil e honroso serviço público, nada mais.

Se repelir, pela força, os inimigos estrangeiros do Estado, é uma profissão honrosa, que dizemos daquela que combate diária e ininterruptamente contra tôda uma horda de domésticos invasores da propriedade e destruidores de vidas que se acham constantemente em estado criminal de guerra?

Tudo, não importa em que grau, se possa fazer em abono da respeitabilidade do profissional de polícia, beneficiará a própria segurança do Estado, bem como das entidades que lhe formam o grande corpo político.

Não se pode negar que o velho e incógnito magistrado de Londres, da "*Dissertação sobre a polícia da Metrópole*" fôsse um dos grandes pensadores que têm o público dentro do coração e que, portanto, lhe prevêm com clareza as necessidades. É inegável também que em determinadas circunstâncias e nos principais países do mundo a situação das forças policiais melhorou sensivelmente. No entanto, certo ainda é que se o velho Juiz de há 154 anos ainda vivesse não poderia calar-se. Novas luzes científicas, e o próprio tempo nos vão ditando o sentido das modificações e dos melhoramentos. E que nos trarão essas mudanças? Com o seu processamento nós, os policiais de hoje, que temos a responsabilidade da seleção, do treinamento e da condução dos nossos homens e aqueles que, se nos seguirem, haveremos de construir nosso próprio destino e o futuro do trabalho policial. Se aceitarmos isto como um fato, que devemos fazer sem perda de tempo? Regular de maneira bem definida métodos de seleção e programas de instrução profissional.

Supondo que tôdas as sugestões re- tro expostas tenham sido aceitas como boas, bastará a ação da força policial, por si só, para combater o crime em tôda linha? Ou estará faltando ainda alguma cousa? Não, jamais alcançaremos a perfeição. Somos humanos; parte da resposta, no entanto, está com o público, na posse de cada cidadão. Uma ativa e interessada cooperação de cada membro da sociedade com a sua força

policial deve ser incrementada. Ele a paga e em retribuição espera dela a proteção, mas é ele também que se esquivava de prestar-lhe seu precioso auxílio no momento asado, adotando ou uma atitude complacente para com o criminoso ou fingindo ignorar detalhes do crime praticado para não se dar ao trabalho da prova testemunhal, dever sagrado do cidadão, mas considerado por muitos, simplesmente, como fardo pesado demais. Tipos de indivíduos como esses, além de falharem como cidadãos, sabotam diàriamente os esforços de uma ação policial pura.

Disto nasceu a idéia do estabelecimento das relações públicas. Convém não esperarmos de um jovem policial a manutenção de boas relações como o público, se em primeira instância nada lhe foi ensinado sobre o assunto. A introdução de uma série de palestras ou preleções com o objetivo de fazê-lo sentir a necessidade de um entendimento mais estreito, objetivando a cooperação com seu povo no sentido da obtenção de um cada vez melhor cumprimento da lei, é indiscutivelmente imprescindível.

Para finalizar, diremos que o crime precisa ser combatido em todos os sentidos. E para combatê-lo melhor, necessário se torna selecionarmos cada vez mais os nossos homens, preparando-os profissionalmente, dando-lhes uniformes adequados às suas missões e salários compatíveis com a posição que devem ocupar na sociedade; isto, acrescido de persistente cooperação com o público, confirmará de uma vez por tôdas, que "*O crime não compensa!*".

E nunca nos esqueçamos de que muita cousa considerada perfeita hoje, estará obsoleta amanhã. A busca do aperfeiçoamento deverá ser constante e interminável.

Sem compensação

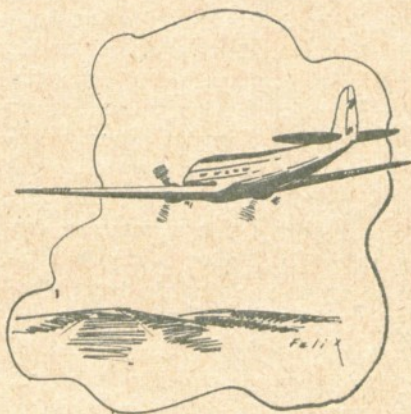
Felix de Barros Morgado

O funcionário da companhia de aviação começa a chamar os portadores de fichas azuis: ficha um, dois, três... Forma-se uma coluna de pessoas apressadas, caminhando na direção do avião.

O tempo está fechado e do mar pouco se vê, embora poucos minutos antes os navios ancorados próximos fôssem visíveis ao ponto de distinguir-se os tripulantes e outros detalhes, como as antenas do cruzador cinzento e o cordame, os braços dos guindastes dos cargueiros de chaminés coloridas. A neblina densa tudo envolveu, como se os navios tivessem naufragado e já não mais existisse terra do outro lado do mar: Niterói, as ilhas...

Todos se acomodam logo, dentro da inquietação dos instantes que precedem a partida. Ninguém fala. Apertam-se os cintos com dedos nervosos. Ninguém se habitua à decolagem do avião. Persiste um receio de que os motores falhem no momento em que o aparelho perde o contato com o solo. São instantes de angústia que todos procuram ocultar, mas infalíveis.

O avião, porém, não parte logo. Fica num canto do aeroporto, com as hélices girando vagarosamente. Fico olhando e ouvindo o trabalho do motor esquerdo, pela janelinha.



Regular. Dá uma sensação de confiança. Quando o piloto arremete os motores a tóda a fôrça para a partida, os arrebites do capô parece que vão saltar e o óleo poreja por tódas as frinchas.

Os minutos se escoam. Já há quem diga que não sairemos do Rio. O teto está baixíssimo. O passageiro ao meu lado resmunga, por várias vezes, que tem de chegar a São Paulo ainda com tempo para últimar negócios e voar para Belo Horizonte. Não se contém e pergunta para a aero-moça por que não decola o aparelho. Por ordem da torre naturalmente. Há um avião fazendo tomada de pista para descer. Temos que aguardar.

Enfim, os motores roncam mais forte, depois de quarenta minutos de espera. Os passageiros retesam as pernas, comprimem as costas contra o encosto dos bancos e cerram os olhos, paralisados pela expectativa. O avião inicia a corrida, vibrando, roncando. Parece que não termina mais a decolagem, que não vai despregar da pista, que vai correr até o fim do atêrro do aero-

pôrto, para depois mergulhar na água fria do pôrto. Mas êle já está no ar. Faz uma curva para a esquerda, por sôbre os navios ancorados no mar cinzento e ganha altura, deixando cada vez mais distante o casario irregular da zona norte do Rio. Volta-se para o mar novamente, deixa a costa à direita e quando atinge a estranha faixa de terra divisória da restinga da Marambaia sobe mais e atravessa, com dificuldade, o teto espesso de nuvens. Ganha, então, um céu de coloração singular, tranqüilo, sôbre uma infinita superfície macia e movediça. Tem-se a impressão de estar voando no céu de outro planeta.

O passageiro que viaja ao meu lado murmura — como se falasse com os seus botões — que possivelmente não poderemos descer em São Paulo, ou ficaremos a girar sôbre a Capital bandeirante por horas inteiras. O teto está muito baixo. E o pior é que não poderá ir a Belo Horizonte. Ser-lhe-á muito prejudicial o atraso.

É o sinal dos tempos. O avião, para muitos, já é uma condução que poderia ser mais rápida. E o será certamente.

— O Brasil está sempre atrasado. Levar-se uma hora e meia do Rio a São Paulo! Num avião a jacto ou mesmo num aparelho mais veloz que êsses arcaicos Douglas, êsse tempo seria diminuído de metade ou mesmo de dois terços. Até que isso se arrume por aqui, por estas plagas esquecidas de Deus, a gente terá que se contentar com o que nos impoem as companhias de aviação. Não há remédio.

A aero-moça corta-lhe o fio do comentário mordaz com a presença dum cafézinho forte e quente, sequilhinhos em pacotinhos de celofane e pastilhas de menta.

— O senhor já conhece os novos aviões de carreira, americanos e europeus?

Digo-lhe que não, que nunca saí do Brasil, infelizmente. Ele também nunca saíu, mas já os viu no cinema e leu no «Reader's» notícias sôbre tais aparelhos. O homem está bem informado, não há dúvida.

O avião avança pelo céu claro e límpido, a pouca altura do tapete de nuvens. Parece que está parado. Só se percebe a sua grande velocidade quando divisamos, voando em sentido contrário, outro avião, coisa raríssima, aliás.

O tempo passa e aproximamos-nos cada vez mais de São Paulo.

— O senhor sabe? antigamente eu enjoava muito. As viagens me eram incômodas e depois delas levava quase um dia inteiro para recuperar-me.

Vou movendo a cabeça, como se estivesse dizendo: sim senhor, ora veja, compreendo perfeitamente. Mas o meu olhar não se detém na cara gordurosa do meu companheiro de viagem. Apenas ouço a sua voz que me chega meio abafada, como se partisse do fundo duma cisterna. O meu olhar salta da loura americana de vestido estampado e rosoto sarapintado de sardas, para um gordo e sonolento padre que folheia um magazine. A batina do padre é lustrosa e tem debruns vermelhos. Deve ser um cônego. Estou habituado a pensar que os cônegos devem ser velhos, encarquilhados ou obesos,

mas sempre idosos. Esse me surprende pela frescura de petala de rosa das suas faces coradas. Há também a bordo uma criatura morena de farta e brilhante cabeleira atirada sobre o encosto do banco, com as pálpebras descidas sobre os olhos. Os lábios esboçam um leve sorriso e o baton, de cor desmaiada, dá-lhe um toque de coisa distante, illusória. Gostaria de saber a cor dos seus olhos. Devem ser dum verde azulado. As criaturas assim têm olhos dessa cor. E os dentes serão brilhantes e fortes, quando ela os mostrar/ pròdigamente, num sorriso amplo de quem não tem complexos e que é capaz de bater amigavelmente no ombro da gente e dizer: «Alô velho!».

— Mas, como eu ia dizendo: enjoava muito. Hoje meto a cara no jacto de ar fresco que vem daquele buraquinho ali e me livro do enjoô. Um ventinho atôa que vale muito mais que essas pastilhas tôdas que receitam por aí.

Faço um movimento de cabeça e o homem fica satisfeito.

— O senhor tem filhos?

Faço outro movimento de cabeça e mostro-lhe três dedos. Enquanto o homem me fala entusiasticamente dos seus notabilísimos quatro pimpolhos vou pensando nos meus. Que estarão fazendo a estas horas? Almoçando, certamente; sob a vigiância de Laura. Essas crianças de hoje só comem à força. Querem só correr, reinar. Sinto uma grande saudade deles e de Laura, como se estivesse ausente há um mês.

— As vêzes, quando viajo de avião, fico matutando sobre a possibilidade dum desastre. Cair destas

alturas significa morte mais certa que sentar-se numa cadeira elétrica. Deixaria quatro filhos...

Morrer, eu nunca pensei em morrer. Deve ser triste deixar os filhos ao Deus dará. Mas por que diabo põe-se esse individuo a falar em morte agora. O avião voa calmamente num céu límpido e nada nos leva a pensar em desastre. Olho o motor da esquerda. Um fiozinho de óleo escorre pela superfície trepidante do capô e sob a ação da luz solar tem reflexos irisados. Qual seria a minha reação se, instantaneamente, irrompessem labaredas do motor? Fico irritado com o curso que estão tomando os meus pensamentos, agora que me falaram em tragédia.

— O senhor sabe, a máquina não pode apontar ao mecânico onde sente suas dôres.

Volto a observar a criatura morena, como derivativo. Continua domitando serenamente. Estará sonhando, os olhos verdes-azulados ocultos pelas pálpebras aveludadas e de cílios longos e os dentes alvos e brilhantes, que os lábios, que parecem longe de mais, não me deixam ver.

— Devemos já estar sobre São Paulo.

Olho pela janelinha e nada vejo. O tapume de nuvens brancas é compacto. Nem uma nesga. O aparelho começa a jogar, como se alguma divindade do espaço estivesse a sacudí-lo pelas asas. Sinto que perdemos altura e vamos mergulhar num algodão sem fim.

— E o diabo. Não poderemos descer, começa a dizer meu companheiro. Não poderemos descer. Ficaremos

rodando como peru embriagado. Sabe lá o que é isso?

Não lhe respondo a pergunta. Já estou irritado com ele e com seus comentários. Começo a desejar que o avião não desça logo mesmo, que fique pregado no céu, até que ele perca todos os seus negócios, que abra falência, que vá para o inferno. Ao imaginar que terei que aturá-lo por mais tempo, mudo de desejo imediatamente. Gostaria que o avião mergulhasse no tapete fôfo de nuvens e aterrisasse sem mais tardança.

O comandante parece que compreende a minha situação e o aparelho vai perdendo altura, fura o teto e ganha um outro céu bem paulistano, enfumaçado, cheio de reflexos, de vida. O avião toma uma direção diferente da costumeira. Passa por cima do rio Tiête e atinge as elevações de Santana.

— Acho que vai descer em Cumbica, digo assim como quem diz: «acho que perdi o trem».

Meu companheiro retesa-se no banco, fica vermelho e explode:

— Mas será possível que esta droga vai descer nos confins do mundo?

Ninguém lhe dá atenção, pois o avião faz uma larga curva sobre São Paulo e suavemente vai descendo na direção de Congonhas.

Quando o avião estaciona à frente do pavilhão central do aeroporto, preparo-me para descer. Viajem aborrecida. Não quero perder a oportunidade de compensá-la quando vir os olhos da criatura morena e assistir ao espetáculo de seu sorriso. Acerco-me dela exatamente no momento em que agradece as atenções da aero-moça. Tem olhos vulgaríssimos e terrivelmente estrábicos e os dentes nunca foram alvos nem brilhantes. São desprezenciosos pivôs de cor suspeita, encrustados irregularmente em pobres e erniadas gengivas!



<h1>CASA NUNES</h1> <p>ALFAIATARIA CIVIL E MILITAR</p> <p>Artigos de couro, capas, casimiras, brins, camisas e demais artigos para cavalheiros.</p>	<h2>J. Nunes & Irmão</h2>	<h3>CONFECCÕES</h3> <p><u>ESMERADAS</u></p> <p>Bonês de todos os modelos e para todas as Corporações</p> <p>Bordados a ouro, prata e linhas de todas as espécies e artigos militares em geral</p>
<p>Av. Tiradentes, 324 - 326 - 332 — Tel. 34-1589 — SÃO PAULO</p>		



Equitação e Teoria

Ten. Cel. J. Canavó Filho
Ilustração: ten. Felix B. Morgado

CONCLUSÃO (*)

«SABER É PODER»

Desconhecendo, o ignorante aquilo que é preciso saber, para conhecer um pouco que seja, é justo que viva na ilusão de ter atingido os pináculos da arte e que dê àquele provérbio, o sentido oposto: **IGNORAR É PODER.**

Assim vemos o assentador de tijolos desfazer do engenheiro - arquiteto.

O curandeiro não se nivela com o médico, porque este, no entender daquele, traz a inconveniência do estudo.

O caiador de paredes critica o pintor, o artista.

O mesmo acontece em equitação e, quando senteciamos que se não corrige o acuumento do cavalo, rachando-se-lhe um bambú cheio de água fria na cabeça, ou dando-se-lhe um forte murro entre as orelhas, aí é que evidenciamos ante estes «técnicos», a nossa falta de conhecimentos.

Infelizmente não podemos aceitar os processos daquele cavaleiro mouro dotado de muita força muscular que, por volta do ano de 1709, na Espanha, amansava cavalos, queimando ervas aromáticas ao lado do mesmo, enquanto fazia orações.

Nem do outro que sentenciou:

«A arte de amansar, consiste em derrubar o cavalo».

Ensinava, para tanto, três processos para a operação de deltar:

- a) — por sufocação;
- b) — por enforcamento, apertando-se-lhe bem a traquéia;
- c) — ligando um dos anteriores à parte superior do pescoço do cavalo por meio de uma correia bem curta.

(*) ▲ primeira parte do presente artigo foi publicada no número 25.

Este «ecuyer» recomendava ao cavaleiro bastante inteligência, força física e benignidade.

Assim, se o estudo e a prática da equitação não tiveram outro mérito, têm, pelo menos, em seu domínio, o justo desenvolvimento da mentalidade do praticante, impedindo-o de aceitar, de boa fé, as teorias expostas e mais as seguintes:

- Levantar o cavalo nas esporas no momento do salto.
- Levantar o antemão do cavalo pelas rédeas, para transpôr um obstáculo.
- Estando montado, impedir a queda do cavalo, levantando-o nas rédeas.
- Amolecer a garupa do cavalo.
- Parar o cavalo na frente do obstáculo, para ensiná-lo a saltar.
- Sentar sobre a patilha da séla e forçar as pontas dos pés para dentro.
- Encapotar o cavalo, exigindo o «ramener», com o pescoço abaixo da horizontal.
- Iniciar a mudança de direção, sem dar ao cavalo, por meio das pernas, a posição correspondente ao movimento pedido.
- Andar ao passo nos terrenos planos.
- Subir declives no trote curto.
- Descer declives ao trote, no máximo de extensão.
- O abuso de trote longo, como pretêsto de que o cavalo tem bom trote.
- Auxiliar o cavalo durante o salto, colocando o peso do corpo à direita ou esquerda do cavalo.
- Largar definitivamente as rédeas sobre o pescoço do cavalo, para demonstrar que o mesmo está calmo.
- Usar rédeas bem fortes para apoiar-se na boca do cavalo, em caso de perda de equilíbrio, para que estas não se partam.
- Usar o «bridão ascensor», preparando o cavalo para aceitar o bridão comum.
- Dizer que, após 4 ou 5 meses de trabalho, o cavalo será apresentado **Calmo, Em frente, Direito**, segundo prescreve o grande mestre Baucher.
- Atravessar completamente o cavalo, para a mudança de pé ao galope, apresentando-o como maravilha de movimento.
- A receita infalível do 4.º feito, sem conhecer o estado de rigidez do pescoço do cavalo.
- Começar o adestramento montado, pela boca do cavalo.
- Dar meia parada durante a báscula do salto, para o cavalo engajar os posteriores.
- Largar as rédeas sobre o pescoço do cavalo que reage quando se lhe pede qualquer movimento, apresentando-o como tendo conquistado a calma.

Estes são os assuntos mais habituais e corriqueiros da equitação nos nossos dias, constituindo, em certos casos, reflexos incuráveis.

Houve até quem se propuzesse a demonstrar à luz da mecânica, que costumava impedir a queda do cavalo, levantando-o nas rédeas. E de invejar a força e perícia d'este cavaleiro que, estando sobre um corpo móvel no movimento para a frente, consegue neutralizar a força viva e levantar esse corpo em desequilíbrio, vencendo ainda, um pêso de 400 quilos no mínimo.

Outra questão que permanece em foco, é a referente à posição do cavaleiro a cavalo.

Quando muito jovem, na escola de cabos, o sargento X exigia a todo momento, duas cousas ao mesmo tempo:

- a) — que o cavaleiro levasse as nádegas o mais para a frente possível, prescrevendo, para tanto, nos exercícios de flexionamentos, o movimento de «elevação das coxas», autorizando-nos a puxar o assento bem para a frente, com auxílio das mãos no cepilho;
- b) — exigia, depois, freqüentemente, que o cavaleiro voltasse as pontas dos pés bem para dentro, fixando os joelhos à séla.

Tôdas as vèzes que, com o maior acatamento me dispunha a satisfazer a vontade do meu exigente instrutor, três cousas se passavam;

- a) — ao voltar as pontas dos pés para dentro, as nádegas fugiam para trás;
- b) — as pernas que estavam em contacto com os flancos do cavalo se afastavam, diminuindo a superfície de aderência;
- c) — quando no movimento para a frente, os meus joelhos que estavam fixos à séla subiam, e lá me ia para trás, até quase sair pela garupa.

Quantas vèzes tive vontade de colocar sobre o cepilho, uma escora à guisa da sela denominada basto, para manter os meus cansados joelhos, segundo o desejo do meu chefe.

Apesar da minha pouca idade, 14 anos, e da flexibilidade natural do meu corpo, nunca consegui manter-me fixo à sela por meio dos joelhos, sem que as minhas pernas remontassem. Naquela época se dizia que os cavaleiros tinham parafusos nos joelhos.

Vinte e três anos depois, casualmente, vi uma gravura do gen. L'Hott a cavalo; outra de Baucher; outra ainda, de Gustave Le Bon. Tidos êles traziam as nádegas bem para a frente e as pernas em contacto com o cavalo. Esta casualidade agradou-me tanto, que passei a pesquisar o porque daquela exigência do sargento, justamente no momento em que a Missão Militar Francêsa estava à testa da instrução na Força Pública.

Não foi preciso ir muito longe. Chegaram-me às mãos dois originaes em francês: o «Manual de equitação» e a 2.a parte do «R E C C», adotado «in totum» pelo E.E.

Nas primeiras páginas do Regulamento de Equitação, II, em síntese, o seguinte:

«Na ausência de uma teoria baseada sobre princípios simples e lógicos, a instrução aquêstres ministrada na tropa corre o risco de perder a unidade da doutrina e, por conseguinte, de força; a falta de um método escrito, priva os jovens oficiais de preencherem as suas tarefas de instrutores.

O «Manual de equitação e adestramento», destina-se a preencher esta lacuna.

Ele, aliás, não contém inovação alguma; baseia-se nos conselhos de Pluvinel, La Guerinière, Baucher, gen. L'Hotte e outros.

Extraí, pois, do «Manual de equitação», para o estudo que me interessava, o seguinte:

- a) — as pernas livres e caindo naturalmente, suas barrigas em contacto com o cavalo sem o apertar, a ponta dos pés caindo livremente, quando o cavaleiro está sem estribos.
Não confundir com a posição ensinada no Departamento de Equitação, que se destina a dar maior trabalho ao aluno que se especializa.
- b) — esta fixidez deve ser conseguida, não pelo poder da pressão dos joelhos, mas pela aderência das nádegas, que é obtida com a flexibilidade dos rins e descontração das coxas.

Antes de passarmos adiante, procuremos raciocionar sobre os dois casos apontados;

- a) — se a fixidez dos joelhos afasta as pernas dos flancos do cavalo, como manter o contacto desta, tendo os joelhos colados à sela?
- b) — conseguida a fixidez pela aderência das nádegas que estão situadas, o mais para a frente possível, como apertar os joelhos, sem levar as nádegas para trás?

Uma vez comentado este pequeno trecho do «Manual de Equitação», passemos agora para a 1.ª parte, 2.º Volume, do «R.E.C.C.», também adotado pelo E.B., onde encontraremos o seguinte.

POSIÇÃO DO CAVALEIRO A CAVALO

«O cavaleiro deve estar sentado o mais para diante possível;

- os rins e os quadris flexíveis;
- as coxas voltadas sem esforço, de chapa e fixas;
- os joelhos ligeiramente dobrados sem rijeza;
- as pernas caindo normalmente;
- o tronco desembaraçado, livre e ereto;
- as espáduas igualmente direitas e não recuadas;
- os braços livres, os cotovêlos mais dobrados, naturalmente caídos, etc.

Mais adiante se lê ainda:

«Em resumo, um assento aderente, firme e capaz de assegurar a independência de movimento, assim como uma completa liberdade de espírito, é caracterizado do seguinte modo:

- aprumo do busto;
- flexibilidade dos rins;
- aderência das coxas;
- fixidez das pernas, etc.»

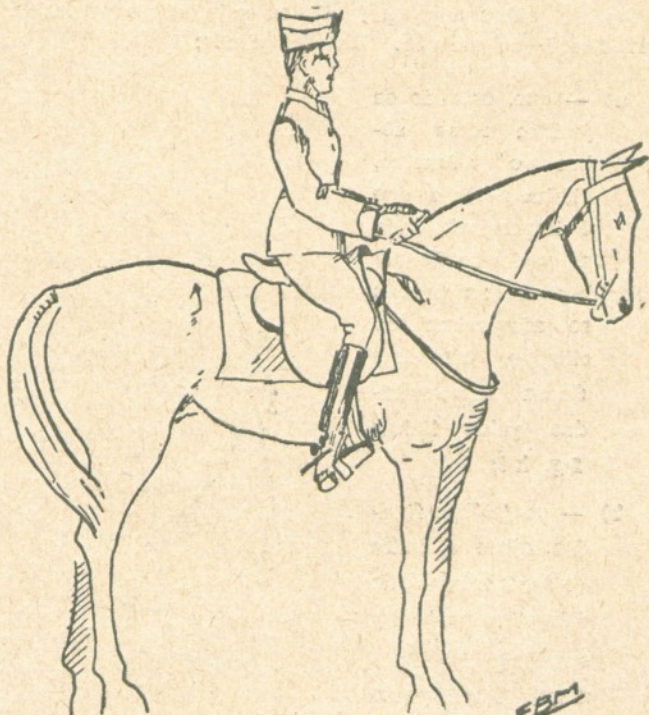
Com referência à fixidez nos joelhos, ainda lemos;

«O cavaleiro que se apoia fortemente nos joelhos, ou nos estribos, afasta-se do cavalo e perde a estabilidade. Esta última, ao contrário, aumenta quando o cavaleiro está assentado, por se multiplicarem os pontos de contacto».

Aí fica transcrito, senhores, o que nos dizem os regulamentos que consultamos, devidamente traduzidos e adotados pelo E.M.E.

A única diferença encontrada entre o original e a tradução, é que aquêle traz um desenho demonstrando a posição do cavaleiro a cavalo, que adiante reproduzimos.

Dai se deduz a impossibilidade de satisfazer à exigência do sargento X, pois, pertencendo infelizmente, ao gênero humano, não me era possível adaptar aos meus joelhos, os tais parafusos de que tanto falavam.



Pesquisando, ainda, as «Obras Completas», de Baucher, encontramos a página 530, o seguinte:

«Existem jovens que, com o intuito de se darem um ar mais cavaleiro, forçam a posição dos pés para dentro. Esta posição, além de ridícula, é prejudicial, porque, redundando na contração das pernas, impede a sua ligação íntima com o cavalo e torna a sua mobilidade difícil».

Até aqui senhores, não fizemos outra cousa, sobre este assunto, senão comentar as exigências do sargento X, os textos dos regulamentos que citamos e a opinião particular de Baucher, gen. L'Hotte e outros.

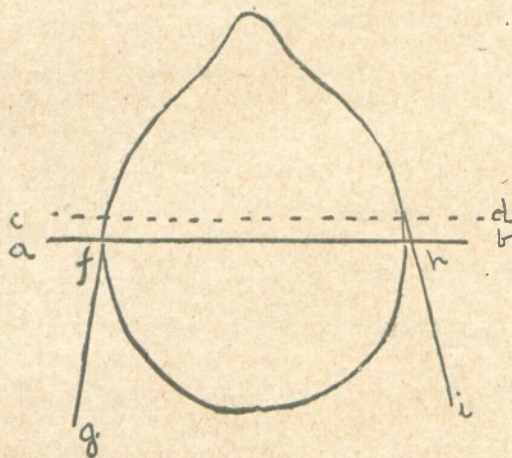
Porque não analisarmos, contudo, a constituição do homem e do cavalo, para deduzirmos, embora, em linhas gerais, o assunto em foco?

É o que vamos tentar. Consideremos, pois, o corpo do cavalo como sendo um cilindro, cuja parte superior a partir do diâmetro, vai se afinando em direção ao garrote, conforme se vê da figura adiante.

Observemos, entretantes, o homem montado. Por mais longos que sejam os seus membros inferiores, os joelhos jamais caem exatamente sobre o diâmetro (linha a-b), a articulação dos joelhos irá coincidir, geralmente, sobre a parte (c-d), ou seja, sobre os lados, que se afinam em direção ao garrote. Daí deduzimos;

a) — que, estando os joelhos fixos sobre o diâmetro, (linha a-b), o que é impossível, dada a conformação do homem, as pernas se afastariam do cilindro, conforme ficam representadas pelas linhas f-g, h-i;

b) — os joelhos fixados sobre a linha (c-d), acima do diâmetro, portanto, em razão do afinamento desta parte do cilindro em di-



fg. 2

reção ao garrote, tenderiam a escorregar para cima; daí o regulamento dizer: O cavaleiro que se fixa sobre os joelhos, remonta sobre a sela, etc..

Explanada esta parte(b), não seria interessante perguntar ao caboclo, ou fabricante das selas denominadas «basto», qual a razão que os teria levado a colocar na parte dianteira da sela, uma chapa para manter os joelhos?

Essa fixidez dos joelhos de que tanto falavam, não seria o resultante do apóio da parte superior do joelho sob a aludida chapa?

Remontando há cerca de vinte e cinco anos, lembro-me de que os picadores dessa época costumavam colocar os alforges sobre a sela e prendiam os malotes nos porta-loros, para que ficassem bem para trás. Esta posição dos alforges prendia a parte superior dos joelhos, impedindo que estes remontassem. Esta pressão das coxas para cima, bem demonstra que as pernas não ficavam em contacto com o cavallo.

Raciocinando, agora, dentro do espírito do regulamento, quando prescreve a multiplicação dos pontos de contacto, continuemos o estudo da posição a cavallo, representando-o, ainda, como um cilindro, nas condições já descritas.

Como pois, aumentar os pontos de contacto nesse cilindro?

Comparemos:

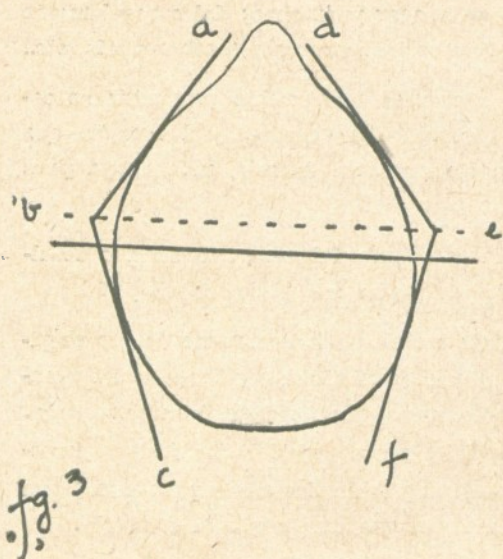
O homem que se agarra a uma árvore, ou a um poste para não ser prêso, procura contorná-lo, envolvê-lo com os braços e nunca segurá-lo pelo diâmetro. Procuremos, então, contornar êsse cilindro, não com os braços, é certo, mas com as pernas.

Lembre-mo-nos, para tanto, do regulamento quando diz:

«a) — aderência das coxas;

b) — fixidez das pernas».

Resulta daí, o envolvimento do cilindro pela aderência das coxas, de cima para baixo; a fixidez das pernas, de baixo para cima, em cuja operação, os joelhos participam, apenas pela sua liberdade — dobrados sem rigidez — (Vide o Regulamento), como molas, unindo as duas forças que, partindo de pontos opostos, convergem para um único sentido — O CAVALO. (a-b-c, d-e-f).



Aqui está, com referência à posição do cavaleiro a cavalo, tudo quanto poderíamos dizer. Nesta modesta explanação que estamos longe de querer incutir no espírito dos nossos leitores, quisemos apenas esclarecer:

- a) — a exigência do sargento X;
- b) — os textos dos regulamentos;
- c) — o fruto do raciocínio na pesquisa dos meios que a natureza nos deu.

Esco'hei, pois, aquilo que a vossa cultura e o vosso bom senso sugerir; entrementes, montemos, porque é montando a cavalo que se aprende a governá-lo, mas... COM RACIOCÍNIO ESCLARECIDO.

Comércio e Indústrias Arguiso Ltda.

FORNECEDORES DA FORÇA PÚBLICA,
EXÉRCITO E REPARTIÇÕES PÚBLICAS

Rua Duque de Caxias, 144

Caixa Postal, 4062

Fone 36-2397

End. Teleg. «ARGUIISO»

— SÃO PAULO

NOSSOS CRICHÊS SÃO CONFECCIONADOS
— **PELA GRAVARTE LTDA.** —

Termos do relatório de 1951

O JOCKEY CLUB DE SÃO PAULO

NAS COGITAÇÕES DO PRESIDENTE FÁBIO PRADO A INSTITUIÇÃO DA "FUNDAÇÃO JOCKEY CLUB DE SÃO PAULO" — SOMENTE NO ANO DE 1951 A ENTIDADE DISTRIBUIU, SOB A FORMA DE AUXÍLIOS E DONATIVOS, A ELEVADA SOMA DE CR\$ 13.792.649,80

A distribuição de verba tão elevada por parte desta instituição, cujas finalidades são bem outras, além de representar fato virgem nos anais de nossa organização e, estamos bem seguros, nos de qualquer outra sociedade privada, fala, por si só, do elevado critério com que o Jockey Club de São Paulo procura aplicar as rendas que lhe advêm mercê de economia popular.

Fôra de se repetir aqui, mais uma vez, as palavras de «A GAZETA»: «...milhões de cruzeiros em prol de obras sociais, nesse ano, é ato que, ordinariamente, só praticam governos, e nem todos».

Entretanto, se a repercussão dêste fato notável se fêz sentir com bastante intensidade em nossos meios beneficentes e culturais diretamente interessados o mesmo não acontece quanto ao grande público, que dêle toma conhecimento esporádica e superficialmente, através de publicações, nem sempre bastante difundidas.

É que a avalanche de pedidos, cujas somas atingiram, talvez, à receita total do Jockey Club, faz com que a nossa distribuição se reparta em numerosas pequenas parcelas, para que possamos atender ao maior número de entidades solicitantes.

Assim, as importâncias, por maiores que sejam, permanecem diluídas no «mare magnum» das necessidades e não aparecem como obra exclusivamente nossa, qualquer uma de vulto, que demonstre, aos olhos da opinião pública, o papel, positivamente de grande alcance, desenvolvido pelo Jockey Club de São Paulo, no setor da assistência social.

Além dêste fato, sem uma orientação segura, sem que possamos aquilatar, com absoluta certeza, do seu mérito e de suas necessidades, não há e nem pode haver critério absoluto, quanto às importâncias a serem distribuídas a cada uma delas.

Em carta que dirigimos aos Diretores do Jockey Club Brasileiro, a 29 de agosto de 1951, assim se expressou, em nome da Diretoria, o Presidente Fábio da Silva Prado:

«..... é que orientamos para outro sentido os nossos estudos, inspirados numa idéia que poderia satisfazer não só aos intuitos de uma aplicação humana e generosa, a uma razoável tributação imposta ao turf, mas também deixando clara a origem dos benefícios sociais realizados pelas sociedades turfistas a par da coletividade brasileira.

Esse plano seria a instituição de uma fundação, nos moldes de outras já existentes no estrangeiro (Rockfeller, Carneggie, Gu-penhein, Rotshild, são os exemplos característicos), as quais se tornaram mundialmente conhecidas pelas realizações de caráter so-cial — tanto no campo da assistência física, quanto no da cultura de altíssimo alcance e notória benemerência.

.....
«..... os pormenores necessários a servir de base a um estudo minucioso a ser possivelmente adotado pelas sociedades turfistas do Brasil, que passariam a desempenhar diretamente, alheadas de ma-neira absoluta da política partidária ou militante — um papel de altíssima importância no reerguimento do País, em todos os setores em que se faça necessário».

A «Fundação Jockey Club de São Paulo» viria solucionar o ano-nimato em que vivem as verbas que destinamos a fins beneficentes e culturais (***)

Consumir

É um dever de patriotismo.

Produtos

É contribuir para o
desenvolvimento da
nossa produção

Nacionais

É ajudar a libertação
econômica do Brasil.

DISTÚRBIOS POPULARES

Seu contrôle, pela polícia, por meio
dos agentes químicos não letais

Cap. Calio C. Montes

Último de uma série de três artigos

V — NUVENS QUIMICAS

CARACTERISTICAS

Quando determinada quantidade de agente químico, gás ou fumaça, é posta em liberdade, as correntes tendem a aumentar a nuvem para cima e lateralmente, difundindo-a. As correntes de vento próximas ao solo, imprimem à nuvem um movimento de rolamento, desde que a velocidade do vento a trinta metros do chão, não ultrapasse a metade daquela que ela possui a dois ou dois metros e cinquenta centímetros do solo, o que faz a nuvem aumentar de comprimento. Além disso a parte do agente que forma a nuvem adere à vegetação e ao terreno e se decompõe pela umidade do ar.

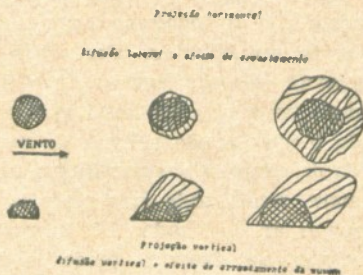


Fig. I

Existem cinco fatores principais que provocam a diluição das nuvens químicas, quando as mesmas se movem ao sabor do vento, a partir de sua origem, conforme as figuras que ilustram este trabalho.

Projeção Horizontal

Difusão lateral e efeito do arrastamento

Projeção Vertical

Difusão vertical e efeito do arrastamento da nuvem

- 1.º — Difusão vertical
- 2.º — Difusão lateral
- 3.º — Arrastamento pelo solo
- 4.º — Partes que aderem aos obstáculos
- 5.º — Destruição por hidrólise

DILUIÇÃO

Quando um gás denso é posto em liberdade, o peso do gás combinado com o do ar misturado é um pouco maior do que o do ar cir-



Fig. II

cunjacente. Acresce que o ar em contacto com o gás é resfriado em vista da perda de calor necessário à evaporação do agente. Assim uma parte do ar contendo alta concentração de um gás pesado tende a aderir ao solo e a deslocar o ar ordinário das trincheiras, depressões ou locais semelhantes. Por outro lado quando um gás lacrimogêneo é solto de um tubo químico, o ar é aquecido e um grande volume de monóxido de carbono e vapor d'água se formam, sendo tudo isso mais leve do que o ar deslocado. Dêsse modo, a nuvem de fumaça tende a subir



Fig. III

muito mais do que a nuvem de gás. Durante o dia a irradiação solar provoca correntes de ar verticais, em vista do maior aquecimento do ar perto do solo. Durante a noite, partículas quentes de fumaça perdem logo o seu calor por irradiação. O mesmo se passa nos dias nublados, o que muito enfraquece a volatilização das partículas de gás. A ascensão da fumaça é menor quando a superfície do solo se acha fria e não haja sol. As nuvens de fumaça têm assim uma grande velocidade ascensional em dias de sol; não sobem, porém, além de poucos metros, durante a noite.

Em dias claros, uma nuvem de fumaça poderá aumentar em altura de $1/5$ a $1/2$ da distância percorrida, enquanto que em dia sombrio a nuvem raramente alcançará, em altura, de $1/10$ da distância citada. A noite o acréscimo em altura, da nuvem de fumaça é desprezível nos primeiros quinhentos metros. Um vento forte tende a reduzir a altura da nuvem, enquanto o vento fraco permite o seu aumento máximo.

Ventos firmes causam pouca dispersão lateral da nuvem, enquanto o vento variável provoca uma rápida dispersão. Com o vento de 6 a 12 quilômetros, tem-se uma situação favorável para a corrida da nu-



Fig. IV

vem, a sua frente aumentando seguramente de 15% da distância percorrida. Debaiixo de condições ordinárias a dispersão é de 20% pelo menos, da distância percorrida, sendo freqüentemente maior.

VI — APLICAÇÃO DOS PRINCIPIOS PRELIMINARES

Para debelar um distúrbio pelo uso de agentes químicos, é muito importante a aproximação dos soldados a favor do vento. (Fig. II).

Usualmente é desejável dar à nuvem de gás uma largura capaz de cobrir inteiramente o objetivo visado, (Fig. III) no caso de que este seja de tamanho médio ou pequeno. Numerosas nuvens pequenas poderão

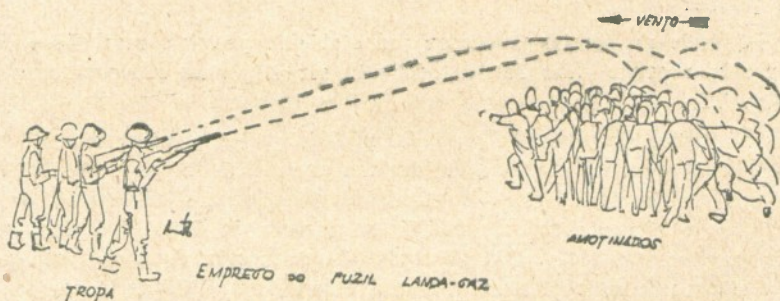


FIG. V

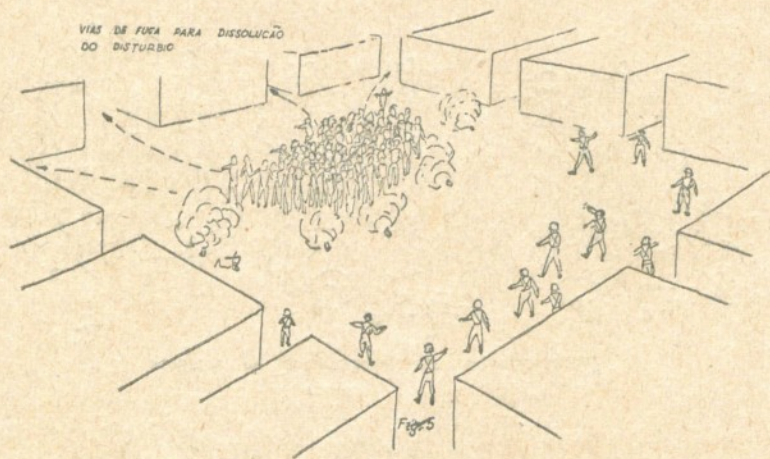


Fig. VI

ser usadas no caso da massa popular ser grande, de modo a quebrá-la em pequenos grupos, (Fig. IV).

Na prática a nuvem deverá ser duas vezes mais larga do que o objetivo a cobrir. Isto assegurará um fator de segurança contra algum erro de escolha da frente, para a nuvem. Quando for impossível ter o vento favorável, projéteis para fuzil poderão ser usados para colocar o agente de modo que fique a favor do vento em relação ao objetivo (Fig. V). Este modo poderá ser também usado quando se desejar projetar os agentes químicos por cima de edifícios, matas, barricadas etc.

Quando os amotinados estiverem em um edifício no qual não se possa entrar, as janelas deverão ser primeiramente quebradas a tiro, cobrindo-se depois o edifício de fumaça ou gás lacrimogêneo. Neste caso a nuvem deverá partir de uma distância tal que ela cubra o objetivo com uma largura suficiente. Os projéteis químicos lançados com o fuzil, têm uma ação muito eficiente nos casos de amotinados entinchados em edifícios. Visam-se as janelas e os projéteis explodem dentro do prédio.

Quando se desejar dispersar um distúrbio popular, mas não capturar todo o grupo, vias de fuga deverão ser dispostas convenientemente. (Fig. VI).

Munições químicas de tipo de queima, poderão ser colocadas nos compartimentos de edifícios ou em um pavimento inferior. O DM não deverá ser usado dentro dos edifícios exceto contra criminosos desesperados, e somente quando o CN ou mistura de CN-DM tenham sido empregados sem êxito. O DM usado em interiores de casas, atinge o seu efeito máximo em cinco minutos, devendo-se então abrir as janelas e portas para ventilar o aposento.

É conveniente proteger as granadas tipo queima com armas de fogo, para evitar sua devolução pelos amotinados.

ESCOLHA DO AGENTE

Os elementos componentes de um distúrbio popular podem munir-se de meios de proteção de emergência, para furtar-se à ação dos agentes químicos. É, portanto, necessário que antes de se fazer emprêgo desse meio de ação, se faça sua escolha de acôrdo com o meio de proteção encontrado. Pode-se dizer que o DM penetra em qualquer proteção comercial ou de emergência atualmente capaz de ser adquirida ou improvisada. A fumaça irritante CN-DM, penetrará em qualquer proteção, exceto nas máscaras de guerra do Exército e nos melhores tipos comerciais.

PROTEÇÃO DE EMERGENCIA

Um lenço de seda fino sôbre a face, oferecerá alguma proteção contra gás lacrimogêneo. Um bom par de óculos oferecerá mais proteção, enquanto que um bom par de óculos adaptáveis à face, combinado com uma compressa sôbre o nariz, ou u'a máscara tipo comercial, oferecem ainda maior proteção. A seguinte lista encerra os meios de proteção, a partir dos menos eficazes: —

- 1) — Lenço sôbre a face
- 2) — Óculos apertados contra a face
- 3) — Óculos adaptáveis, máscara comercial ou compressa.
- 4) — Máscara do tempo da 1.ª Grande Guerra
- 5) — Melhores máscaras comerciais
- 6) — Máscaras do Exército, de treinamento
- 7) — Máscaras do Exército, de guerra.

A proteção oferecida depende da filtragem, isto é, da eficiência da filtragem e absorção e da adaptação sôbre a face, daí a necessidade do emprêgo do agente em partículas finíssimas.

VII — TÁTICA DO EMPREGO DOS AGENTES QUÍMICOS CONTRA OS DISTÚRBIOS POPULARES

Generalidades

Quando os agentes químicos forem empregados contra os tumultos populares, deverão ser lançadas quantidades suficientes para produzir efeitos imediatos. O distúrbio deverá ser tomado de surpresa, sempre que possível. Freqüentemente o grito de «GÁS» e o aparecimento dos soldados com máscara contra gases, constituem um fator de depressão moral e tende a dispersar o tumulto.

Fumaça de cortina

As fumaças de cortina, lançadas contra um tumulto popular causarão a perda de contacto entre seus elementos, quebrando-o.

Se um gás lacrimogêneo for misturado à fumaça, a dispersão poderá ser imediata. Este é o melhor e um método brando para ser aplicado. No caso de que a nuvem de CN não seja suficiente, a granada CN-DM poderá ser empregada, produzindo efeitos mais fortes.

Fumaça Irritante

Quando forem necessários efeitos temporários de depressão é então exigido o emprego de DM.

Nada mais eficiente para quebrar a resistência de um determinado distúrbio que a aplicação de DM. O efeito é imediato e de uma violência suficiente para abater qualquer grupo e persistirá por muitas horas, permitindo à polícia dominar completamente a situação.

Precauções Especiais

No caso de grandes tumultos, uma guarda reforçada deverá ser colocada nos lugares vitais, como os abastecimentos de água, gás, eletricidade, centros distribuidores, estações, garagens de bondes e ônibus, edifícios públicos etc.

As granadas de fuzil são muito úteis como armas da guarda desses edifícios, pois podem tomar os assaltantes sob os agentes químicos bem antes deles se acercarem do mesmo. Uma reunião tumultuosa pode, porém, ser conduzida de tal modo, que não se aproxime dos locais de serviços públicos.

Não se deve esquecer que o patrulhamento deve ser feito por forças suficientemente organizadas de modo a inspirar respeito e receios. Os pelotões de policiamento auxiliar, são dotados de armas de fogo de poderoso efeito e eficiente maneabilidade, para o uso nos casos de extrema gravidade.

VIII — AGENTES QUÍMICOS E ARMAS PARA LANÇAMENTO DE AGENTES QUÍMICOS EXISTENTES NA FORÇA PÚBLICA

AGENTES QUÍMICOS

Na Força Pública atualmente, existem as seguintes qualidades de agentes químicos.

GRANADAS DE MÃO

(Do «Federal Laboratories Inc.»).

- Granada lacrimogênea simples
- Granada lacrimogênea de três descargas
- Granada lacrimogênea vomitiva

(Do «The Lake Erie Chemical Co.»).

- Granada lacrimogênea simples (modelo 34)
- Granada lacrimogênea de três descargas (saltadora)
- Granada explosiva lacrimogênea vomitiva

BOMBAS DE EFEITO MORAL

De efeito moral número 1

De efeito moral número 2

PROJÉTEIS PARA FUZIL

(Do «Federal Laboratories Inc.»).

Projéteis lacrimogêneos simples

Projéteis lacrimogêneos vomitivos

(Do «The Lake Erie Chemical Co.»).

Projéteis lacrimogêneos explosivos

Projéteis lacrimogêneos vomitivos explosivos

Projéteis incendiários e

Projéteis explosivos

— :: —

JOVEM!

Você que almeja pertencer ao quadro de oficiais da Força Pública, não relegue para os últimos meses o seu preparo intelectual. Assegure a realização do seu ideal, matriculando-se, desde já num dos cursos preparatórios especializados, existentes para este fim.



1 PACOTE DE 400 GRAMAS

CUSTA MENOS

DO QUE 2 DE 200 GRAMAS!

AMIDO DE MILHO

MAIZENA

DURYEA

MARCAS REGISTRADAS

TRIANGULO

CINEMA BRASILEIRO

1.º Congresso Paulista

Ortiz Monteiro

Professor do Seminário de Cinema do Museu de Arte de São Paulo e Produtor Cinematográfico.

Considerando que o atual momento do cinema nacional é altamente promissor, mas, considerando, também, que há uma série de problemas que ainda hostilizam a indústria do filme nem nosso país, profissionais da sétima arte em S. Paulo resolveram reunir-se em congresso, que terá lugar nos dias 15, 16 e 17 de abril próximo.

Assinaram o manifesto de convocação do importante certame, representantes de cerca de 40 firmas produtoras do Estado, entre eles os srs. Franco Zampári, pela «Vera Cruz»; Joaquim Carlos Nobre, pela «Planalto»; Ortiz Monteiro, pela «Lotus»; Mário Civeli, pela «Multi-filmes»; Artur Neves, pela «Brasilien-se»; Tito Batíni, pela «Musa Filme»; Sinésio Serroni, pela «Vila Rica»; Gilberto Róssi, pela «Róssi Filme»; J. Campos, pela «Campos Filme»; Almeida Fleming, pela «América»; Mauro Alencar, pela «Ipiranga»; Alberto Atíli, pela «Vulcânia»; e Carlos Ortiz, pelo Seminário de Cinema.

Na décima reunião preparatória, foi discutido e aprovado o término, dentro do qual deverão enquadrar-se as teses que serão debatidas nos dias 15, 16 e 17 de abril. Estão incluídos no temário os itens seguintes:

- 1 — Defesa do Cinema Brasileiro.
- 2 — Medidas para o progresso do Cinema Brasileiro.
- 3 — Aspectos Econômicos.
- 4 — Aspectos Culturais.
- 5 — Aspectos Legislativos.

O Congresso está sendo encarado como um ensejo à união de todos aqueles que desejam a consolidação e o progresso do cinema nacional. O momento é oportuno para um conagraçamento de energias por parte dos produtores, profissionais e amigos do filme brasileiro. No Congresso haverá ensejo para a discussão dos meios de dar solução aos problemas mais urgentes, como sejam o financiamento dos filmes, a ampliação dos quadros de técnicos, a importação de máquinas e a criação de uma carteira de cinema no Banco do Brasil e no Banco do Estado.

Debatidos os problemas mais urgentes, indicadas as soluções para as principais questões e consolidada a união de todos aqueles que vivem do filme e compreendem a importância dêsse campo de trabalho para o nosso país, o Congresso ficará na história da sétima arte do Brasil como um acontecimento decisivo.

Participar, pois, do Congresso, e prestigiá-lo de tôdas as maneiras, será, além do mais, uma obra patriótica.

Fonte do Encantamento



Reportagem de
Monte Serrat F.º

A COLÔNIA DE FÉRIAS, DE MONTANHA, DO CLUBE MILITAR DA FORÇA PÚBLICA, SITUADA NO VALE ENCANTADO, EM CAMPOS DO JORDÃO, A 1.700 METROS DE ALTITUDE — O VULTO DO COMETIMENTO — ESTADO ATUAL DAS OBRAS — EM JUNHO PRÓXIMO O INÍCIO REGULAR DAS HOSPEDAGENS — OS FILHOS DOS SOLDADOS DA MILÍCIA BANDEIRANTE JÁ PODEM USUFRUIR, NAS SUAS FÉRIAS ESCOLARES, OS BENEFÍCIOS DO INCOMPARAVEL CLIMA DA «SUIÇA BRASILEIRA».

De há muito desejávamos visitar a Colônia de Férias que o Clube Militar está construindo em Campos do Jordão. Essa oportunidade se nos ofereceu quando o ten. Renato Ourique de Carvalho, cmt. do Destacamento Especial daquela localidade e dirigente das obras da Colônia, nos convidou para um pulo até lá. O jipe deslisou macio pelos 82 quilômetros da rodovia Presidente Dutra, até São José dos Campos. Desta cidade para frente a rodovia é estadual e razoavelmente conservada, nesta época de chuvas. A pequena viatura militar cobriu os restantes 85 quilômetros, saracoteando serra acima, pela via pedregosa, e ao fim de três horas e meia de viagem, chegamos bem dispostos ao nosso destino.

Um pouco de história...

Há poucos anos passados a Diretoria do Clube Militar da Força Pública pensou em construir, para os seus associados, uma colônia de férias de montanha. O seu presidente de então, cel. Coriolano de Almeida Júnior e seus companheiros de diretoria, na época, majores Odilon Aquino de Oliveira, dr. Geraldo de Campos Vergueiro e cap. dr. Mota Bicudo, percorreram as cidades de São Bento do Sapucaí, Campos do Jordão e Santo Antônio do Pinhal, procurando o melhor local para a ereção da nossa estância climatérica.

Nesse trabalho foram auxiliados pelo dr. Ademar de Barros que deixara a interventoria do Estado, e por d. Leonor, os quais se achavam em vilegiatura, em Pinhal.

Escolheu-se o terreno ao sopé da lendária Pedra do Baú, do enorme monólito que parece ter sido posto, no começo do mundo, por algum gigante de apurado senso artístico, sôbre o cume da mais alta elevação daquêlê trecho da Serra da Mantiqueira.

Mudou-se a situação. Os directores do Clube foram transferidos para o interior e o plano ficou à espera de outra oportunidade para ser posto em execução. O afastamento redundou em vantagem, pois em 48 os elementos afastados voltaram e foram reconduzidos novamente à direção da nossa Entidade, os quais, depois de dois anos de disputas com outras instituições, conseguiram terreno ainda melhor localizado que o anterior. Os nossos solertes directores descobriram em Campos do Jordão uma gleba de terra, de dez alqueires, doada ao Estado, para nêla localizar o matadouro da cidade. Conseguu-se, não sem muito trabalho, que o doador mudasse o texto da doação, dando como beneficiada a Força Pública, e destinando o local a uma Colônia de Férias. O dr. Orestes Guimarães, então prefeito de Campos, arranjou outro local para o matadouro e tudo ficou definitivamente solucionado, quando em fins de abril de 1950 o governador do Estado, dr. Ademar de Barros, assinou a lei que nos doava a apreciável faixa de terra de dez alqueires, localizada no pitoresco Vale Encantado, a 1.760 mts. de altitude, em Campos do Jordão. A noticia foi recebida com manifestações de júbilo por uns, com ceticismo por outros e com indiferença por um pequeno número de apáticos, dêsse que existem em tôdas as instituições,

dêsse que passam pela vida em branca nuvem, como disse consagrado poeta. Os céticos acharam que a doação era autêntico «presente de grego». Só a abertura de estrada, caminhos e o desbravamento da mata cerrada, ficaria num dinheirão. E o movimento de terra, e as construções destinadas a abrigarem no mínimo 120 hóspedes?! Isso tudo iria ficar em muitos milhões de cruzeiros e o Clube não estava em condições de fazer frente a novos gastos, pois ainda necessitava saldar dívidas oriundas da ampliação da Colônia de Férias de São Vicente.

— E, decididamente isto não passa de uma utopia, de um sonho irrealizável. O nosso presidente é, sem dúvida, dinâmico, extraordinário realizador, combativo de ânimo, mas tal emprêza está além das suas forças. Logo se convencerá disto, dizem os que não acreditavam na possibilidade de têmos a nossa colônia de montanha, e acrescentavam:

— Devemos esperar que os tempos melhorem, o material de construção anda tão caro e tudo tão difícil!

Mas os companheiros da atual diretoria, felizmente, não pensaram assim. Eles são dos que acreditam na sentença: «O homem que se decide a parar até que as coisas melhorem, verificará, mais tarde, que aquêlê que não parou e colaborou com o tempo, está tão adiante que jamais poderá ser alcançado». Esta frase, pregada à nossa frente, na porta do rústico escritório onde nos encontramos batendo à máquina estas linhas, parece ser também o lema do comandante do destacamento e dos operários que, a partir das 7 horas da manhã, quebram a doce

serenidade do Vale Encantado, com o retinir compassado do martelo dos britadores de pedra; com o gemido grave e agudo das diferentes serras e frezas elétricas que mordem impiedosamente o cerne dos velhos troncos nascidos ao lado da Fonte do Encantamento e que aqui permanecerão transformados em assoalho, em fôrro, em portas e janelas, pelas mãos hábeis dos nossos marceneiros, chefiados pelo mestre Domingos, que se destaca entre todos, por não ser um assalariado, mas um profissional que coloca em tudo o que faz um pouco da sua alma de artista, de homem simples e bom; com o ronco do motor do caminhão basculante, que não para na faina de transportar terra; com as explosões cadenciadas dos motores das betoneiras, preparando o concreto para os alicerces e para as lajes, tudo isso de mistura com o vozerio dos trabalhadores, com as ordens dos capatazes e com o canto ou assobio de alguns obreiros.

E a febre construtora da capital bandeirante que se transfere para o vale aprazível, das 7 às 17 horas de todos os dias úteis. Depois, o vale retorna à mansa quietude, como que enebriado com as suas pró-

prias belezas naturais, agora aprimoradas pelas mãos do homem.

O Início das Obras

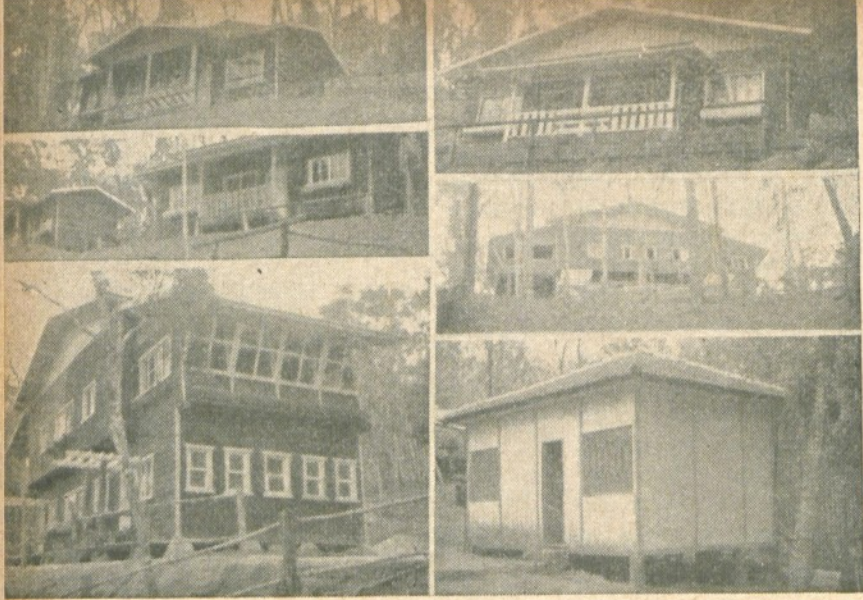
Idealizado e preparado o conjunto de plantas pelo nosso camarada, capitão Ari Ferreira de Souza jovem engenheiro que, terminando brilhantemente o seu curso, conquistou viagem de estudos à Europa, como prêmio da aplicação aos estudos, restava dar início aos trabalhos.

Em princípio de setembro de 1950 os oficiais alunos do Curso Rápido de Manutenção deveriam fazer um percurso rodoviário para fins de estudo. Resolveu-se então, que essa viagem seria feita a Campos do Jordão e, aproveitando a ida das viaturas, seriam transportadas as máquinas e o primeiro material destinados à nossa futura colônia de férias.

Formou-se a «Bandeira Domingos Jorge Velho», composta de oito caminhões e comandada pelo cap. Hamilton Rangel Gama, um dos professores do Curso. Com a Bandeira vieram os primeiros componentes do Departamento Especial de Campos do Jordão e o seu comandante, 1.º ten. Iolando Prado. Foram eles que iniciaram o desbravamento da mata,

A partida da "Bandeira Domingos Jorge Velho", foi cercada de solenidade. Em frente ao Quartel General da Força Pública, postadas as viaturas, s. excia., o prefeito Lineu Prestes, dá o tiro de saída.





Alguns dos edifícios, vendo-se em baixo, à direita, a casa pré-fabricada onde funciona a estação rádio-telegráfica e que foi a primeira a ser levantada na Fonte do Encantamento.

a construção dos primeiros ranchos para o alojamento do pessoal e proteção do material a ser empregado futuramente. Em março do ano seguinte, os trabalhos já iam bem adiantados quando o nosso colega foi chamado a São Paulo para exercer as funções de diretor do Presídio Militar Romão Gomes. Substituiu-o o 1.º ten. Renato Ourique de Carvalho, que ainda se encontra à frente do Destacamento Especial.

Estado Atual das Construções

Trabalhou-se ininterruptamente, desde a chegada da «Bandeira Domingos Jorge Velho», e hoje, um ano e meio depois, encontram-se prontos 11 chalés, com 18 apartamentos, e um alojamento coletivo com capacidade para 60 leitos. O edifício central, destinado ao grande salão de refeições, salas de jogos para adultos e crianças, copa, cozinha e despensa, entrou na fase de acabamento, o que nos fez acreditar no seu término em julho próximo.

As casas, plantadas nas vertentes do vale transformadas em jardins, dão uma nota festiva e alegre, com as cores vivas das suas portas, janelas e beirais, no manto verde daquele pedaço da serra da Mantiqueira, situado a mais de 1750 metros de altitude. O ponto culminante dos terrenos da Colônia atinge a cota dos 1900 metros, ou seja, 300 metros acima da alcançada pela cidade de Campos do Jordão. Há ainda, três ranchos grandes, provisórios, onde se acham instalados a serralha, a carpintaria, o almoxarifado e o escritório do cmt. do Destacamento.

A luz elétrica foi puxada de três quilômetros de distância, em postes de trilhos doados pela direção de Estrada de Ferro Sorocabana. A água, distribuída a todas as casas, é captada diretamente na Fonte do Encantamento e, por meio de bombas centrifugas conjugadas com motores, é levada a caixas que se encon-



Cap. Ary Ferreira de Souza, engenheiro idealizador e construtor da Colônia.

tram nas duas encostas do vale, de onde retorna às residências. As pedras usadas nos alicerces, no calçamento dos caminhos e nas obras contra a erosão, provêm da pedreira da própria Colônia. Há também aviário, pocilga e horta, já em franca produção.

O capitão Arí Ferreira mostrou-nos o projeto de construção, de sua autoria, pelo qual se constata que a encosta norte é destinada aos oficiais e a encosta sul foi dividida parte para os sargentos e parte para cabos e soldados. Está prevista também a construção de: lago artificial, fonte ornamental, parque infantil, campo hípico, quadra para bola ao cesto, voleibol e tenis.

O regimem de hospedagem será o mais cômodo possível. Os hóspedes poderão alugar os apartamentos e tomar refeições no refeitório central, ou recebê-las, em marmitas, nas próprias casas. Poderão ainda comprar os mantimentos e prepará-

los, pois cada residência possui um pequeno fogão elétrico.

Nos limites do terreno, foram plantadas 5.000 mudas de pinheiro, destinados a se transformar em majestosa cêrca viva.

Opinião Valiosa

O empreendimento impossível, o sonho de visionários, é hoje esplêndida realidade, motivo de atração para os turistas que demandam Campos e que diariamente percorrem com seus automóveis as estradas do nosso recanto de repuso.

Em 27 de junho do ano passado, quando o dr. Lucas Nogueira Garcez esteve em Campos do Jordão, inaugurando a agência do Banco do Estado, devia seguir para São Bento do Sapucaí, onde o esperavam com um almôço, S. excia. adiou a partida da estância climática por algumas horas, para conhecer a Colônia Fonte do Encantamento. Nessa ocasião, perante sua comitiva, teve oportunidade de preferir estas palavras de admiração pelo que via: «Estou maravilhado com o que o Clube Militar da Fôrça

O cel. Albuquerque, o benquisto "compadre", não construiu, mas esteve lá, por ocasião do primeiro churrasco, consumindo carne gorda.



Pública está realizando neste Vale Encantado. Já conhecia o coronel Odilon como herói de 32 e hoje constatado com os meus próprios olhos que ele é também, além de idealista, um incomparável realizador».

Excursionistas Infantis

Antes mesmo de terminadas tôdas as instalações da Colônia, com a cozinha funcionando em instalações provisória, o Clube iniciou as suas atividades de assistência social dentro da Corporação. Assim é que proporcionou a duas turmas de filhos dos nossos soldados, uma estada de 15 dias, na Colônia Fonte do Encantamento, durante as últimas férias escolares. Quando a Colônia estiver em pleno funcionamento, essas oportunidades serão em maior número e os filhos dos nossos subordinados poderão beneficiar-se das excelências de um clima que ainda, infelizmente, só podem ser usufruídas pelas classes abastadas.

Existe na Colônia um atestado gritante do valor vitamínico das refeições aqui servidas e da superioridade do clima. É o cozinheiro, um rapagão de 1,80. Quando chegou pesava setenta quilos. Hoje está com 105, que se anunciam nas bochechas rosadas e sorridentes.

Divertimentos

Acaba de chegar um caminhão trazendo, de São Paulo, mesas para jogos de salão, uma de esnuquer e outra de bilhar, um piano e os primeiros móveis do grande refeitório. Além desses divertimentos de salão, a Colônia disporá de um aparelho de televisão. É sábio que o alcance máximo da televisão é de cem quilômetros, sem torres inter-

mediárias, em razão da convexidade da Terra. Campos do Jordão está a mais de cem quilômetros de São Paulo, em linha reta, no entanto, devido à altitude, 1650 metros, recebe muito bem as transmissões televisionadas da Capital Paulista. A torre de recepção da Colônia está concluída, o que quer dizer que além de todos os outros motivos já enumerados, juntar-se-á ainda este, para tornar mais agradável as estadas no vale Encantado.



Excursionistas do Club Militar junto à cascata do Sítio da Bocaina, próxima à Colônia Fonte do Encantamento.

Grupos de meninos, parte dos que passaram oito dias no Vale Encantado, fazendo refeição ao ar livre.

Obra duradoura

Campos do Jordão tem sido procurado ultimamente por várias instituições de classes que têm edificado aqui suas colônias de férias. A nossa co-irmã do Distrito Federal também construiu nestas montanhas privilegiadas a sua casa de repouso, que oportunamente procuraremos visitar e fazê-la conhecida das demais Polícias Militares do Brasil, através das páginas de MILITIA.

Campos do Jordão não é a estância climatérica do futuro. É o presente vivo, estuante de vida e de luz, procurado por todos aqueles que necessitam retemperar as forças, e refazer-se para a luta febricitante da civilização hodierna.

Esta realização da atual Diretoria do Clube Militar, é obra duradoura e de grande significação. O patrimônio da Sociedade foi acrescido de alguns milhões, num atestado eloquente das atividades dos seus dirigentes, mercedores, por todos



os títulos, da nossa irrestrita admiração e do nosso franco apóio.

A Colônia foi erguida na cabeceira do Vale Encantado, junto à Fonte do Encantamento. Dois dias passamos neste recanto privilegiado pela natureza e temos a impressão de que para o resto da vida guardaremos conosco a visão reconfortante destes sítios maravilhosos. Agora, prestes a voltarmos, pa-

ra tomar o nosso lugar na fila do ônibus, no estribo do bonde, na caudal humana que se acotovela pelas ruas da megalópolis, sentimos uma irresistível vontade de ficar por aqui, pelo menos por um mês, porque estes dois dias tiveram o efeito desses doces deliciosos, oferecidos em colherinhas de café e que só servem para despertar na gente a gula irrefreável.



GUARDA PERMANENTE — Foi, a 1.º de fevereiro, instalada a guarda permanente ao Monumento do Ipiranga, composta de um sargento e nove soldados do Batalhão de Guardas. A cerimônia contou com a presença de altas autoridades civis e militares, e foi presidida pelo Prefeito Armando de Arruda Pereira. S. excia. falando sobre o significado daquele ato, frisou que "ali era bem o altar da Pátria Brasileira e ninguém melhor que a Força Pública para montar 'a guarda'". Disse, ainda, que em frente ao monumento permanecerá sempre acesa uma pira, "que representará a chama ardente e calorosa que está sempre em nossos corações." O clichê mostra um aspecto da cerimônia ali realizada, quando falava o chefe do Executivo Municipal.

VANTAGENS PRÁTICAS DO SEGURO DE VIDA EM GRUPO

Entregue ao snr. Otoniel Silva, do Ceará, os 20.000 Cruzeiros a que fêz jus, como progenitor do recém-falecido soldado.



NO QUARTEL DO BATALHÃO POLICIAL

O cel. João de Quadros entrega ao sr. Otoniel Silva o cheque na importância do seguro.

Em cerimônia simples, mas de grande significação no setor assistência social, reuniram-se na sala do Comando do Batalhão Policial o cel. João de Quadros, Inspetor Administrativo da Fôrça Pública, oficiais de diferentes Unidades, e os Inspetores da Cia. Equitativa de Seguros de Vida srs. Antônio Giannini e Abdon de Siqueira Campos.

O cel. João de Quadros efetuou o pagamento do seguro de vida de Cr\$ 20.000,00 ao sr. Otoniel Barreto da Silva, residente em Cam-

pos Sales, Estado do Ceará, pai de um soldado da Fôrça, recentemente falecido. Em poucas palavras o sr. cel. falou da necessidade do seguro, ressaltando que a Fôrça Pública fêz contrato com a Companhia Equitativa de Seguros de Vida a 1.º de dezembro e, 8 dias depois, falecia o soldado, o que mostra claramente o valor da previdência social. A seguir concitou os oficiais a demonstrarem à tropa a necessidade e a vantagem do «seguro de vida em grupo» (***)

Ribeirão Preto

Seu Povo e seu Prefeito

Fomos convidados para comparecer à solenidade de posse do prefeito de Ribeirão Preto e aceitamos jubilosos. Iríamos na mesma oportunidade realizar um antigo desejo, o de conhecer a "Capital d'Oeste" e render justa homenagem a um valoroso camarada, distinguido, num pleito eminentemente democrático, pela preferência de um povo culto e progressista.

As dez horas do dia primeiro de janeiro o bi-motor da Vasp deixou o "Campo de Congonhas", sob um céu enfarruscado, levando no seu bojo vinte e três oficiais. Confessamos que como calouros do ar não nos sentimos muito seguros no elemento fluido, quando o avião, por três vêzes, atravessou regiões batidas por chuva. Setenta minutos depois de havermos decolado,, voando a 2.900 metros para escapar aos ventos, enxergando lá em baixo apenas o lençol branco e monótono das nuvens, chegamos ao nosso destino, o aeropôrto "Adhemar de Barros".

Conhecíamos a pujança da cidade através dos constantes noticiários estampados nos jornais da Capital, e das tradições de hospitalidade de seu povo, muito já nos haviam falado os colegas que tiveram ensejo de formar nas fileiras do 3.º B.C., o batalhão de Ribeirão Preto. No entanto a breve passagem pela "Capital da Terra Rora", mostrou-nos que a realidade ia além do arquitetado pela imaginação. Urbe

moderna, de ruas largas cortando-se em ângulo reto, de avenidas arborizadas, ostenta singular limpeza e primoroso calçamento de pedras; os seus jardins públicos convidam ao descanso e à contemplação da natureza. Do seu centro comercial elevam-se para os céus da Pátria os primeiros prédios de muitos andares, atestando um ímpeto incoercível de progresso. Impressionaram-nos também suas obras de assistência social: Educandário Quito Junqueira, Asilo de Inválidos, Santa Casa de Misericórdia e outras, tôdas de iniciativa particular, confirmando o "slogan" de que tanto se orgulham os ribeirãopretanos: "*Ribeirão Preto é a cidade de maior índice assistencial do interior do Brasil*". Falando em assistência social, não podemos omitir o nome de dona Sinhá Junqueira, veneranda representante da mulher daquelas plagas, cujos gestos de benemerência de há muito ultrapassaram os limites de São Paulo, para repercutirem nos outros Estados da Federação como salutar incentivo aos patricios melhor aquinhoados pela fortuna.

E percorrendo suas ruas, visitando seu Centro Médico, o melhor instalado dos existentes no interior do Estado, contemplando suas casas de ensino; ginásios, escolas normais, Escola de Farmácia e Odontologia, Escola Agrícola e o chão onde se erguerá a modelar Faculdade de Medicina da Universida-



Quando faziam uso da palavra o prefeito recém-empossado, ten. cel. Alfredo Condeixa F.º, o ex-prefeito José de Magalhães e o cel. Cândido Bravo.

de do Interior de São Paulo, obra ciclópica a cuja frente se encontra o jovem cientista dr. Zeferino Vaz; lendo os seus quatro diários de feição moderna: "Diário da Manhã", "A Cidade", "Diário de Notícias" e "A Tarde"; relembrando que daquela terra roxa, regada pelo suor generoso dos seus agricultores, tem saído, há mais de meio século, milhões de sacas de café, elemento preponderante da riqueza paulista e fator de equilíbrio da balança financeira nacional, sentimo-nos empolgados com a distinção feita por tal povo ao nosso camarada ten. cel. Alfredo Condeixa F.º, elegendo-o para seu governador.

—:—

A sessão de posse, presidida pelo mais antigo Juiz da Comarca, iniciou-se às 16,00 hs., na Câmara Municipal, ocasião em que também se empossaram o vice-prefeito e os vereadores. Nessa solenidade fizeram-se ouvir os senhores: presidente da Câmara de Vereadores; José de Magalhães, prefeito cujo mandato terminava; ten. cel. Alfredo Condeixa Filho, prefeito recém-empossado; cel. Cândido Bravo, pelo Clube Militar da Fôrça Pública e Clube dos Oficiais Reformados da Fôrça Pública, cujos presidentes, cel. Odilon Aquino de Oliveira e cel. Homero da Silveira, se encontravam presentes; cap. Delfim Cerqueira Neves, da Casa Militar do sr. Governador do Estado — da qual o ten. cel. Condeixa fôra Chefe — numa saudação de despedidas.

Terminada a cerimônia, às 21,40 hs., as autoridades e povo dirigiram-se para a casa do novo prefeito, onde lhes foi oferecida carinhosa recepção por dona Maria Condeixa, progenitora do homenageado. Numa demonstração de alto espírito cívico e de acendrado amor a Ribeirão, o prefeito substituído,

embora pertencesse a outro partido, compareceu com sua família à recepção e mais uma vez hipotecou inteira solidariedade ao seu sucessor, com as vistas voltadas para o maior engrandecimento da cidade.

Não foi sem razão que o senhor José de Magalhães, conseguiu no município a maior votação para vereador. É lamentável que o mesmo não se tivesse dado nas três centenas de comunas paulistas. Enquanto registrávamos êsse belo gesto em Ribeirão, recebíamos a notícia de que para localidade próxima havia partido um pelotão do 3.º B.C., sob o comando de um tenente, para garantir a posse do prefeito eleito.

— :: —

Nas poucas horas passadas em Ribeirão, tivemos oportunidade de sentir o calor da hospitalidade dos seus filhos, nas pessoas de dona Maria Condeixa, de Celso Pascoal que nos acolheu fraternalmente em sua residência e do casal "major" Calil e gentilíssima senhora, que nos brindou com fina ceia regada por espirituosos vinhos.

— :: —

Dia dois, pela manhã, a caravana regressou a São Paulo, depois de haver cumprido a agradável missão de congratular-se com o companheiro de cerserna pela brilhante vitória e com os cem mil riberopretanos, pelo acêrto da escolha.

Um aspecto da homenagem prestada D. Maria Condeixa e a sra. José de Magalhães.



Cruz Azul de São Paulo

O movimento financeiro da Cruz Azul durante a ano findo foi o seguinte:

Receita	...	Cr\$ 10.077.593,00
Despesa	...	Cr\$ 9.722.751,30
Saldo	Cr\$ 354.441,70

Durante o exercício o patrimônio da instituição foi acrescido da impartância de Cr\$ 677.707,20, com ampliações no Hospital e Maternidade.

O Cel. Brum Ferlich

na direção da

AEROVIAS BRASIL

ESTREITAM-SE AINDA MAIS OS LAÇO QUE NOS UNEM ÀQUELA EMPRÉZA DE AERONAVEGAÇÃO — REALIZAÇÕES DA ADMINISTRAÇÃO FERLICH — APOIO PARA QUE ESTA REVISTA SURGISSE — ACÓRDO PARA A REMESSA REGULAR DE "MILITIA" POR VIA AÉREA.

Fato de grande importância para nós, constituiu a ida do cel. Eleutherio Brum Ferlich para a direção da Aerovias Brasil, empré-



za de grande projeção no cenário aeroviário da País. Sim, porque tal acontecimento tem um duplo

significado para os componentes da milícia de Rafael Tobias de Aguiar: preliminarmente porque foi no Comando Ferlich que esta revista nasceu, bafejada pelas realizações pro-
ficuas da sua administração; segundo

←
CONDECORANDO UM CAMARADA
FRANCÊS

O cap. Frédéric Statt Miller, do Exército Francês, recebe das mãos do cel. Ferlich a medalha "Lealdade e Constância", que o governo do Estado lhe conferiu.

porque nossas ligações com esta notável entidade de aeronavegação ultrapassam os limites das coisas rotineiras para se traduzir em medidas de grande alcance.

O cel. Brum Ferlich, que aqui se consagrou como lídimo e eminente chefe, deixou assinalada a sua administração por uma grande cadeia de realizações. «O cel. Ferlich não recuou na luta que coactamente travou e a sua atividade de chefe foi toda ela trabalho desbravador, ação renovadora e propósitos de quebrar



rotinas, e, sobretudo, empenho criador. Todos os problemas essenciais da corporação foram por s. excia. resolutamente enfrentados e os que não tiveram solução imediata te-lo-iam próximadamente, pela assecuração de medidas garantidoras de plena solução". (*)

Dos principais serviços prestados por Ferlich à Fôrça Pública destacamos os seguintes:

— serviço de extinção de incêndios e de salvação — foi o que mais preocupou o seu comando, a êle consagrando pelo menos a metade do seu esforço administrativo;

— policiamento — reinvidicou e obteve para a Fôrça Pública o direito de novamente policiar a Capital;

— criação das polícias Rodoviária, Florestal e Rural, integradas na milícia bandeirante;

(*) — Do discurso do cel. Odilon de Aquino Oliveira, no Club Homs

INAUGURANDO OBRAS DA SUA ADMINISTRAÇÃO

O cel. Brum Ferlich, acompanhando o então governador Ademar de Barros, após a inauguração do prédio da Colônia de Férias do Club Militar, em S. Vicente, a 2 de abril de 1950, visitam o quartel do 6.º B.C., em Santos, também inaugurado naquela data



— elevação do padrão cultural e profissional da corporação;

— construção de numerosos quartéis e melhoramentos em muitos outros;

— assistência social — deu solução a inúmeros problemas que afligiam diretamente o miliciano e a sua família.

Em 1947, apresentando-se aos seus leitores, esta publicação assim se exprimia em editorial: «Criou-me e deu-me forma o espírito empreendedor de um pequeno grupo de companheiros cujas únicas credenciais para isso eram o entusiasmo e a dedicação». Ferlich, apoiando êsse «pequeno grupo de companheiros», estimulou-os com a sua personalidade e a autoridade do seu cargo, a êles se dirigindo, no primeiro número da revista:

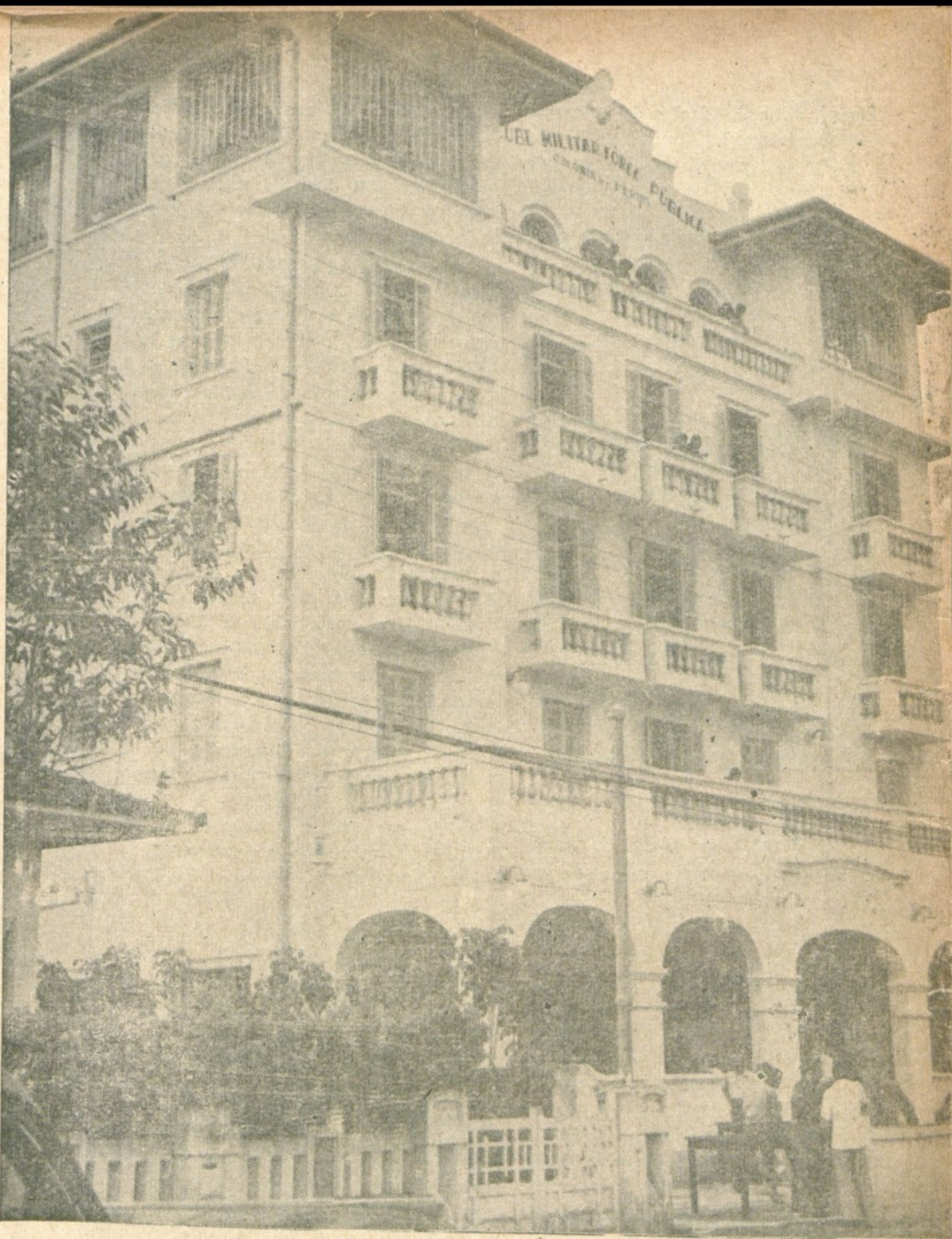
«MEUS CAMARADAS

«Acaba de nascer, no mundo das revistas, uma robusta criança, filha do Ideal e da Cultura, que recebeu o bonito nome de «MILITIA». Serão seus padrinhos de batismo o trabalho e a tradição.

«Com tão bela ascendência e tão nobres paraninfos, é certo que a recém-nascida tem pela frente um brilhante porvir.

«Que, apoiada nos seus nobres padrinhos, seja «MILITIA» o reflexo do valor dos seus pais, são os meus votos sinceros».

Realmente, aquela «robusta



COLONIA DE FÉRIAS DO CLUBE MILITAR

Magnífica realização da diretoria presidida pelo cel. Odilon Aquino de Oliveira, à qual o cel. Eleuthério Brum Ferlich deu o mais franco e decidido apoio.

criança, filha do ideal e da cultura», cresceu, tornou-se adulta, e passou a andar de trem, de jardineira e de navio, Depois provou o avião. E gostou.

Conquanto o correio ferroviário e marítimo já nos ofereça algo de rápido, em relação ao passado, a grande distância em que se acham as diversas capitais dos Estados contribue poderosamente para a demora



DESPEDINDO-SE DOS SEUS AUXILIARES

O cel. Brum Ferlich, depois de passar o comando da milícia paulista ao cel. Euryale de Jesus Zerbini, despede-se do sargento Walter Grassmann, do B. G..

da chegada de qualquer publicação ao seu destino. Era o que evidenciavam as inúmeras cartas que recebiamos dos diversos rincões pátrios, reclamando pela demora de nossa revista.

Mas, como as grandes distâncias hoje são vencidas por máquinas velozes, procuramos o avião como veículo para o transporte das muitas «MILITIA» que circulam pelo Brasil afora. E encontramos a Aerovias Brasil fazendo escalas pelas principais cidades para onde devíamos remete-las. Deduzimos sobre a existência de dois veículos com os mesmos objetivos: a Aerovias Brasil cortando os céus de nossa grande Pátria e levando de São Paulo o estímulo fraterno de uma nova mentalidade e «MILITIA» encurtando as distâncias na aproximação das inteligências que vivem nas casernas das forças policiais brasileiras. Ambas fazendo parte de um novo ciclo bandeirante.

Foi, pois, essa identidade de propósitos, que tornou possível um acôrdo com aquela pujante e progressista empreza, em razão do que «MILITIA» passou a ser transportada por via aérea.



O C. B. tem novo Comandante

Assumiu, a 17 de março de 1952, o comando do Corpo de Bombeiros, vago com a saída do ten. cel. José Lopes da Silva, que foi convidado pelo sr. Governador do Estado a assumir a chefia da sua Casa Militar, o ten. cel. Augusto Ferreira Machado, recém-promovido e transferido do 3.º B.C., sediado na cidade de Ribeirão Preto. Ao ato estiveram presentes, além do cel. Comandante Geral da Fôrça, outras autoridades civis e militares.

(Gentileza de A GAZETA)



Formaturas

Houve tempo em que os raros oficiais da Fôrça que se abalavam a enfrentar os percalços de um curso superior, sempre com incontáveis sacrifícios, eram considerados com elementos prejudiciais ao bom desempenho das missões de que estavam encarregadas suas Unidades ou Serviços. Sim, porque o tempo aplicado no estudo seria roubado ao desenvolvimento dos encargos, que lhes estavam afetos. Um pugilo de esforçados camaradas de Batalhões e Serviços tidos como os mais sobrecarregados da Corporação, se im-

DIREITO



Cap. João Vieira Matos
Fac. Paulista de Direito

DIREITO



Cap. Jaime dos Santos
Fac. de Direito da Univ. de S. Paulo.

cumbiram de atirar por terra o argumento capcioso. Provaram que era possível bem servir a causa pública e dedicar ao aprimoramento cultural, o tempo destinado ao lazer.

Veio depois a época em que se afirmou: «Ele está estudando e logo que se pilhar formado, deixará a Fôrça». Igualmente erraram os que assim ajuizavam. Ai estão os inúmeros colegas formados pelas nossas casas de ensino superior, os quais só têm enaltecido e projetado no seio da sociedade paulista, o nome da nossa mais que centenária Corporação.

Há pouco, por ocasião da posse do novo Chefe da Casa Militar

do senhor Governador do Estado, o professor Canuto Mendes de Almeida, secretário do Governo e catedrático da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, teve oportunidade de expender, publicamente, o alto conceito em que tem a culta oficialidade da atual Milícia Bandeirante.

Recentemente o sr. Cunha Lima, secretário do trabalho, declarando a imprensa, a confiança absoluta que depositava na atuação dos oficiais encarregados da fiscalização da C. E. P., concluiu:

«O capitão Jaime dos Santos, encarregado do inquérito destinado a apurar as responsabilidades da importante firma produtora de cimento, além de oficial da Fôrça Públi-



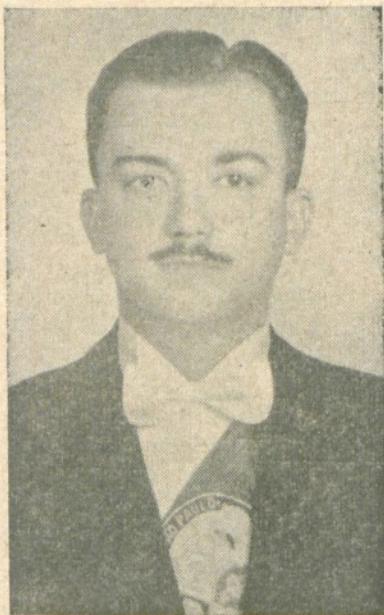
ENGENHARIA
1.º ten. Air Ribeiro de Carvalho
Universidade Mackenzie

LETRAS NEOLATINAS



1.º ten. Paulo Monte Serrat Filho
Fac. de Filosofia Ciência e Letras da
Universidade de São Paulo.

ENGENHARIA



1.º ten. Antônio Vieira Filho
Universidade Mackenzie



JORNALISMO

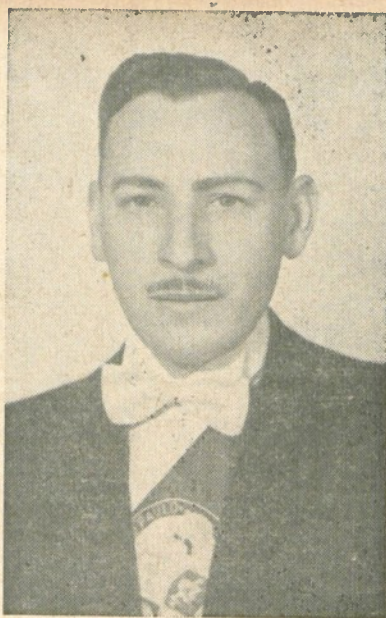
1.º ten. Hildebrando Chagas da Silva.
Faculdade de Filosofia de "São Bento"

ca — o que é garantia de segura honestidade — é bacharel em direito pela nossa faculdade do Largo São Francisco».

Seria longo enumerar os reflexos do alevantamento do nível intelectual dos componentes da tropa de Piratininga.

Hoje, felizmente, a compreensão geral é bem outra. Há, mesmo, Chefes que não apenas vêem com simpatia a freqüência de seus subordinados a cursos universitários, mas até os incentivam na difícil empreitada. E que eles percebem serem outros os tempos, nos quais a Corporação para acompanhar o desenvolvimento dos outros setores da atividade humana, necessita possuir em seus quadros, apreciável porcentagem de elementos de cultura de nível superior.

MILITIA congratula-se com os companheiros recém-formados, augurando-lhes novas oportunidades de melhor servirem a nossa querida Fôrça Pública.



ENGENHARIA

2.º ten. Afro Batista de Camargo
Universidade Mackenzie.



Chove no Ceará

Da região nordestina brasileira atingida periodicamente pelo flagelo das secas, o Ceará tem sido o Estado irmão mais duramente castigado pela ausência de chuvas.

Na história da terra de José de Alencar tem havido períodos pro'ongados, de até 3 anos, em que as árvores se despiram das fôlhas e os seus galhos retorcidos pareciam mãos de agonizantes pedindo clemência ao Todo Poderoso; em que os rios secaram, transformando-se em sinuosas estradas alvacentas; em que o chão, sob a inclemência do sol, crestado e fendido, oferece pó ao homem que o cava e ao animal que o escarva a procura do líquido precioso que os impeça de sucumbir de sede.

A seca do ano passado foi das mais violentas que se tem tido notícia, e os brasileiros de todos os rincões da Pátria seguiam contristados o drama pungente dos bravos nordestinos. Chegam-nos agora notícias que as esperadas chuvas de março estão caíndo, em abundância, em todo o nordeste. Voltarão a reinar na Terra de Iracema, a abundância, a paz e a felicidade, que fogem espavoridas ante o espantinho terrífico da seca.

O clichê que publicamos, por gentileza de «A Gazeta», mostra uma das ruas dos arrabaldes de Fortaleza, transformada em rio pelas chuvas torrenciais.





Visitantes

Honraram-nos com a sua visita nos meses de Março e Abril, os nossos camaradas e assinantes de MILITIA: cel. ABELARDO RODRIGUES e cap. capelão ARQUIMEDES BRUNO, da Polícia Militar do Ceará, que entre nós estiveram, pelo espaço de um mês, estudando a organização do Serviço de Assistência Social da Força Pública, com a louvável intenção de aplicá-la na Milícia Cearense. Os nossos companheiros estiveram hospedados na Capelania Militar de Força, a cuja frente se encontra o dinâmico ten. cel. capelão, monsenhor Paulo A. Cavalheiro Freire.

O cel. Abelardo e o cap. capelão Bruno, foram recebidos na sede do Círculo Militar de São Paulo, pela diretoria dessa entidade, ocasião em que foi batida a chapa acima. No clichê, o cel. Joaquim Marques Santiago, presidente do Círculo Militar, ladeado pelos visitantes, quando os saudava o ten. Benedito Tolosa.

FRANCISCO ALVES MATA, ten. cel. da Polícia Militar do Estado de Alagoas, que se encontra frequentando o curso de Criminologia da Escola de Polícia de São Paulo.

O cel. Alves Mata, que é membro de Academia de Letras do seu Estado natal e que em São Paulo permanecerá por tres anos, passará a integrar o corpo de colaboradores de MILITIA.

MAURO DE FREITAS CORREIA, 1.º ten. da P. M. de Goiás, que esteve na Capital Bandeirante adquirindo material necessário ao funcionamento do Centro de Instrução Militar daquela nossa co-irmã. O nosso colega foi portador do "símbolo" de "Consul" da Polícia Militar de Goiás em São Paulo, entregue ao companheiro de redação, tenente Monte Serrat F.º. Trata-se de um autêntico e artístico tapece.

Afim de frequentarem o Curso de Instrução e Informações Policiais, cujas aulas tiveram início na segunda quinzena de Abril, encontram-se em São

Paulo, hospedados no Batalhão de Guardas, o capitão JOSÉ DELÍDIO PEREIRA e o 1.º tenente ANTÔNIO NILSON RODRIGUES, da P.M. do Estado do Ceará. O cap. Delídio e o ten. Nilson, que é representante de MILITIA na sua Corporação, percorreram demoradamente as oficinas tipográficas da Fôrça, ocasião em que era impressa esta revista.

Os nossos camaradas do Ceará ofertaram a MILITIA um exemplar da "Mensagem" apresentada a Assembléa Legislativa Cearense, pelo governador do Estado, Dr. Raul Barbosa.

RAIMUNDO NONATO DE ARAUJO, capitão reformado da P.M. do Ceará e assinante de MILITIA, que pretende fixar residência em São Paulo.

Seja bem-vindo capitão Nonato.

Esteve, ainda, em nossa redação, em visita de cortesia, o 2.º tenente NICANOR ALVES DOS SANTOS, da P.M. do Espírito Santo, o qual veio ao maior centro industrial da América Latina, estudar a organização da Polícia Rodoviária paulista, pois foi indicado para organizar e comandar o primeiro núcleo de polícia rodoviária do seu Estado.

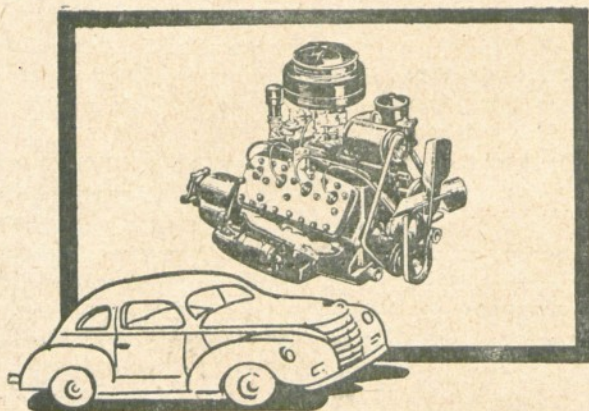
JERSON BORGES, capitão da Brigada do Rio Grande do Sul e 2.º tenente Hermâni Trein, da mesma Corporação, brindaram-nos com sua amável visita. O cap. Jerson encontra-se em São Paulo, tomando parte nas provas pré-olímpicas de hipismo, que indicarão os cavaleiros formadores da equipe que apresentará o Brasil nessa modalidade esportiva, na Olimpíada a realizar-se em Helsinsque. Equitador dos mais destacados da Brigada Gaúcha, veio, também, representando a Sociedade Hípica de Pôrto Alegre. Em 1951 o nosso colega levantou, naquela cidade, montando "Beduíno", o Campeonato Estadual promovido pela sociedade hípica da capital sul-riograndese, numa disputada jornada em que tomaram parte civís e militares da guarnição gaúcha. Nas duas provas realizadas no Rio de Janeiro, classificou-se o capitão Jerson em 5.º lugar, embora esteja concorrendo com dois cavalos apenas, "Beduíno" e "Serrano". Restam duas outras provas para serem efetuadas em São Paulo e considerando-se que a equipe brasileira será constituída de quatro cavaleiros, tem o nosso co-irmão sulino grande probabilidade de representar o Brasil na Capital de Finlândia.

O ten. Trein encontra-se cursando a secção de criminologia da Escola de Polícia de São Paulo.

HEITOR DE ABREU SOARES, 1.º tenente da P.M. do Distrito Federal, antes de regressar para o Rio, visitou a redação de MILITIA. O ten. Heitor também veio a São Paulo para tomar parte nas provas pré-olímpicas, em esgrima. O nosso colega sagrou-se, há poucos dias, campeão das Fôrças Armadas Brasileiras, em espada, e é, ainda, vice-campeão brasileiro em florete. Nas disputas pré-olímpicas, realizadas no Rio e terminadas na capital paulista, a 7 de abril, o tenente Heitor alcançou o maior número de pontos em florete, sendo, portanto, o indicado para representar o Brasil em Helsinsque, no entanto, consta que apenas irão para a Olimpíada os participantes, primeiros colocados, em espada, o que é deveras lamentável.

Bombeiros de Jundiaí

O próspero município de Jundiaí, um dos de índice industrial mais alto do Estado, acaba, graças ao descortínio dos seus homens públicos, de ver instalada na sua cidade uma guarnição do Corpo de Bombeiros, para atender aos serviços de extinção de incêndio e salvamento. Material e efetivo de 12 homens, serão fornecidos pela Fôrça Pública, ficando a instalação por conta da municipalidade. Estiveram presentes ao ato os srs. Elpídio Reali, secretário da Segurança Pública; Popini Mascarenhas, representante do procurador-geral do Estado; Osvaldo Silva, diretor-geral da Secretaria da Segurança Pública; cel. Euryale de Jesus Zerbini, comandante da Fôrça e o engenheiro Vasco Antônio Venchiarrutti, pelo prefeito de Jundiaí.



Recondicionamento de motores * Retificação de cilindros e virabrequins
Retificação de válvulas e sédes * Colocação de camisas * Enchimento e mandrilagem de bielas e mancais centrais
Motores Recondicionados para troca * Pistões, Pinos, Aneis, Camisas, Mancaes, Juntas para qualquer tipo de motor.

MARIEN S/A

• INDÚSTRIA E COMÉRCIO •

ALAMEDA CLEVELAND, 509 - TEL. 51-4714 - S. PAULO



ESTÁGIO DE OFICIAIS GAUCHOS

Atestando a estima e a sã camaradagem existentes entre oficiais gaúchos e paulistas, a chefia e oficiais do S.F. ofereceram um beberefe àqueles companheiros, ocasião em que, ao agradecer um mimo que lhe foi ofertado, o major Hernani, com palavras cheias de entusiasmo, referia-se a hospitalidade recebida, e, mostrando um distintivo metálico (Jorge Velho) do S.F., disse que o levaria para sua «leal e valorosa Pôrto Alegre», para que o mesmo servisse de perene recordação dos dias vividos entre os camaradas do S.F. da milícia paulista.

Procedentes da Brigada Militar do Rio Grande do Sul, estiveram entre nós, estagiando cêrca de um mês, no Serviço de Fundos, o major Hernani Ferraz Machado e o ten. Sérgio Moni de Oliveira.

Ótimos camaradas, Inteligentes, Ihanos e joviais, permaneceram naquêle Serviço até o dia 30 de novembro último, quando deram por terminada sua missão em nossa Fôrça.

Antes de regressarem ao seu Estado estiveram em visita à Tipografia e à redação de MILITIA, onde foi tomada uma das fotografias que aqui estampamos.

Em avião da VARIG nossos camaradas regressaram ao Rio Grande, tendo comparecido ao embarque, no Campo de Congonhas, o cap. Antônio Gomes da Silva, representando o Serviço de Fundos, e o ten. Ari José Mercadante, representando MILITIA.



ATIVIDADES SOCIAIS

do Clube Militar

Não comportando mais os salões do Prédio América a realização dos seus festivais sociais, a Diretoria do Clube Militar deliberou promovê-los no corrente ano, no luxuoso "Salão Trocadero", sito à Praça Ramos de Azevedo n.º 302 (junto ao Hotel Esplanada).

Trata-se de local que, pela sua excepcional situação e pelo conforto que oferecem as suas dependências, há de corresponder plenamente à expectativa geral, enquanto não fôr possível à Diretoria resolver o problema fundamental que tanto a preocupa, qual seja o da construção da séde própria.

Foi organizado o calendário abaixo de festividades, sem prejuizo de outros que possam ser organizados, quer nesta Capital ou em outras localidades:

- 12 de abril (Baile da Aleluia à fantasia);
- 10 de maio;
- 7 de junho;
- 12 de julho (Homenagem à Revolução Constitucionalista);
- 9 de agosto;
- 20 de setembro (Baile da Primavera — Grande Gala);
- 18 de outubro;
- 15 de novembro (Baile da República);
- 6 de dezembro.

Serão facilitados convites às pessoas recomendadas pelos sócios ou convidados permanentes, devendo, entretanto, ser retirados; com alguma antecedência, na Secretaria social, à Av. Tiradentes n.º 1088, diariamente, das 8 às 11 horas, menos às quartas-feiras e sábados, que será das 15 às 18 horas. Também a reserva de mesas se fará, tanto quando possível, previamente, na Secretaria, no mesmo horário.

As festividades dansantes continuarão tendo o concurso do magnífico "jazz" do Clube Militar, sob a regência do subten. José Manoel Gomes Junior, com assistência direta do Capitão Antônio Bento da Cunha, Sub-diretor do Conjunto Musical.



Oficiais do 5.º B.C., autoridades civís e populares presentes à solenidade do emplacamento.

TAUBATÉ em festa

O XXXIX aniversário do 5.º B. C. teve, no corrente ano, repercussão tódá especial. É que o povo de Taubaté resolveu perpetuar o nome do primeiro comandante da unidade policial sediada na cidade, dando seu nome à rua fronteira ao quartel.

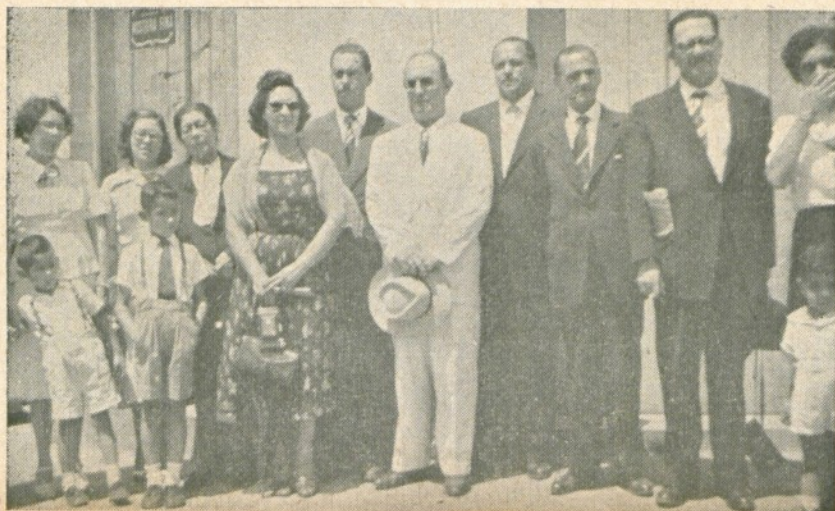
Ao ato de inauguração da placa, bem como às demais solenidades acorreram os taubateanos, ten-

do à frente o ilustre governador da cidade, dr. Félix Guisard Filho.

O cel. Artur da Graça Martins, cujo nome passou a integrar a próspera cidade do Vale do Paraíba, comandou o 5.º B.C., desde a fundação, por mais de 17 anos.

Do soberbo programa oferecido pelo comandante da unidade, ten. cel. Benedito Elpídio Hidalgo, aos que tiveram a feliz oportunidade de

O prefeito Félix Guisard F.º, autoridades e filhos do cel. Graça Martins, junto à placa recém-inaugurada.





O sr. Gerson Graça Martins, filho do homenageado, proferindo o discurso de agradecimento de sua família.

comparecer, merecem menção especial o encontro de futebol e as exibições da Escola de Volteio, cujo brilho deu lugar às mais lisongeiros referências por parte da imprensa local, e foi na «TRIBUNA» de Taubaté que colhemos os trechos:

Derrotado o E.C. Jacques Félix

«Se é verdade que não houve gran-

de futebol por parte de qualquer uma das equipes, certo porém é que o entusiasmo presidiu a batalha travada entre milicianos de São Paulo e de Taubaté.

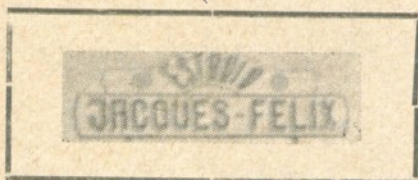
Sem dúvida alguma que, o «onze» do ten. Cândido Rego atuou em tarde imensamente infeliz. Pouco compreensivos em campo e demonstrando mesmo alguma fadiga, os locais estiveram bem longe das boas atuações aqui apresentadas, abrindo a sua defesa, não se completando o ataque, com visível prejuízo para o conjunto.

Os paulistanos, voluntariosos, expeditos, não sendo contudo superiores aos taubateanos, conseguiram levar a melhor triunfando por 3 a 2.

Pena que usassem e abusassem do feio recurso de bolas fora no final da fase, buscando na «cera», argumento para a vitória. Foi a maneira pela qual o S.M.B. fugiu ao cerco que lhe foi movido nos instantes finais da porfia quando a falange local, a todo o custo, buscava o empate.

O cap. Acácio e família do cel. Graça Martins, antes do cotejo





A noosso ver não houve preocupação do alvi-preto no concernente a sua defesa, permitindo infiltrações fáceis dos dianteiros hóspedes, pecando de modo lamentável tôda a intermediária. Falhando o que denominamos «eixo», o ataque funcionou, porém mal servido, não chegou a impressionar, encontrando sempre articulada a retaguarda visitante. E assim o Jacques Félix, não se completou na finalização».

A exibição da Escola de Volteios

«Espetáculo interessante, raro mesmo para a maior parte dos presentes foi a apresentação da Escola de Volteios do Regimento de Cavalaria. Bêlissima demonstração de arrojo e sangue frio fizeram os cavallarianos da Capital fazendo jús aos aplausos de nosso publico».

E a crônica de José P. Saturnino, também da TRIBUNA.

Visando a meta

«Valeu a pena a gente ter enfrentado aquele sol escaldante do mingo último demandando até o quartel do 5.º B.C., a fim de assistir os festejos relativos ao 39.º aniversário daquela unidade hoje comandada pelo nosso carissimo ten. cel. Bénédicto Elpídio Hidalgo.

Valeu pelo contacto com os bons amigos do 5.º B.C., que cheegaram a ficar atrapalhados diante do crônista, receiosos que alguma coisa venha faltar prejudicando o trabalho daquele cuja missão é informar o publico. Grande gente!

Valeu ainda pelo soberbo espetáculo prodigalizado aos presentes pelos bravos milicianos do Regimento de Cavalaria, demonstrando arrojo e absoluto controle de nervos nas exhibições sôbre as montadas. E eu quero crer que bem poucas pessoas em Taubaté tenham assistido uma apresentação de tal natureza. Magnífico.

E finalmente leitores, tivemos o futebol. Não um futebol preenche de técnica, futebol em sua legitima expressão, mas dois quadros em campo, valentes, dispostos, lutando bravamente, porém com lealdade, buscando a vitória.

E se faltou ao S.M.B. maior classe, agiu a sua gente com inteligência, buscando os pontos vulneráveis do Jacques Félix, explorando a situação. Batalharam os dirigidos do ten. Cândido, porém não conseguiram levar a bom térmo suas investidas, claudicando quando deviam marcar e permitindo infiltrações em suas fileiras.

A meu ver houve dois vencedores: O S.M.B., no «placard» e o Jacques Félix, que venceu a batalha do campo, dotando a cidade de mais uma praça de esportes.

Creio que vocês estão de acôrdo comigo, não é assim?».

—::—

Como vemos o quadro do batalhão aniversariante é o favorito da cidade e os comentaristas, coisa inevitável em futebol, não reconheceram superioridade nos visitantes e lançaram a derrota à conta da «sorte». Neste caso «MILITIA» não tem para quem «torcer», pois se trata de dois quadros nossos, igual-

mente esforçados e dirigidos por oficiais dedicados que sacrificam suas folgas para organizar e treinar grupos de praças aficionadas e que procuram dessa forma elevar o nome da Fôrça. O onze do S.M.B. é orientado pelo capitão Acácio Rangel, que nos trouxe a reportagem e as fotos e a quem ficam consignados nossos agradecimentos.

«MILITIA» congratula-se com a unidade aniversariante e concita seus elementos a conservarem e engrandecerem o nome impoluto do 5.º B. C., inspirando-se, para tanto, no símbolo que estará, doravante, ante seus olhos — o nome do grande ÁRTUR DA GRAÇA MARTINS.



Em cima, o quadro do E.C. Jacques Félix; em baixo, o onze vitorioso do S.M.B., tendo ao centro o seu técnico, cap. Acácio.



ALAGOAS

COMISSÃO DE INTERCAMBIO

O Comando da P.M., atribuindo como principais finalidades «fomentar mais e mais o estreitamento dos laços de amizade que mantêm uma grande família policial-militar do Brasil, tratar de assuntos de interesse geral da classe e promover, à medida do possível, a difusão de idéias criadoras», nomeou uma Comissão de intercâmbio, composta dos cap. José Cavalcante Maranhão, 1.º ten. Antônio Francisco de Oliveira e do 2.º ten. Miguel Raimundo do Nascimento Filho.

DISTRITO FEDERAL

Promoções

Ao posto de ten. cel. o major Aquiles Alves de Brito Melo; ao posto de major, os capitães Edigardo Américo Machado, Miguel Rodrigues de Santa Rosa e Darcy Fontenelle

de Castro, este último nosso ilustre representante junto ao 3.º B.I. da P.M. carioca.

A major, o cap. Luiz Ataíde.

A capitão — os 1.ºs tenentes Niemeier dos Santos Pereira, Jarbas da Luz Meb, Lourival Brindi, Ferrúcio Fabri, Olavo Franco de Godói, Ademar Oliveira de Moraes, Louís Carvalho Ribeiro, Thiers Marinho Coêlho, José Nicodemos Bezerra, Geraldo Martins Nei da Silva, Alcebíades Travassos Pena, Bertolidio Monteiro Andrade, Newton Fernandes Dorna, Jerônimo José da Silva e Eunice da Silva Pereira.

A 1.º tenente, os 2.ºs ditos: Jaime Rocha, Fausto de Siqueira Melo, Jerônimo Tomé da Silva Jr., Manoel Frederico de Aguiar Béti, Guaraci Lima Furtado, Antônio Gomes Figueiredo, Luiz Barbosa Lima, Edson Souza Araujo, Eduardo Ferreira Barros, Hortêncio Justiniano Ferraz, Olívio Oliveira Brito, Elias de Moraes, Angêlo Isidoro Guerreiro Brito, Roberto Tavares do Canto, Isac de Sá Earp e Carlos Alves de Souza.

Conclusão de Cursos

Terminaram, cursos do Exército, em auspiciosas condições, no fim do ano passado, os seguintes oficiais:

1.º ten. Ademar da Silva Castro — E.A.O.; 2.ºs tens. Hernani de Souza Maia e Joaquim Murilo de Maldonado — Esc. de Moto Mecanização (Curso Técnico); 2.ºs tens. Marino Xavier Rodrigues e Jaques de Almeida — Esc. de Ed. Física; 2.ºs tens. Erani Alves Brito de Melo Francisco Luiz Ribeiro Júnior — Equitação. O ten. Ribeiro Júnior,

em face de suas qualidades de exímio cavaleiro, foi nomeado instrutor estagiário do Curso de Equitação do Exército.

Reabertura de Cursos

No dia 17 de março, foram reabertos, solenemente, os Cursos de Aperfeiçoamento de Oficiais (C.A.O.) e da Escola de Formação de Oficiais (E.F.O.). Deu a aula inaugural o exmo sr. cel. Niso Viana Montezuma, comandante geral, discorrendo, com proficiência, sobre «O moderno conceito de defesa nacional».

GOIÁS



Cel. Waldemar Bitencourt e Souza

Foi motivo de grande satisfação para a Polícia Militar do Estado de Goiás assistir, no dia 8 de dezembro p. passado, a colação de grau de

seu Comandante Geral, cel. Waldemar Bitencourt e Souza, em Ciências Jurídicas e Sociais, pela Faculdade de Direito de Goiás.

Moço idealista, de grandes iniciativas e de reconhecida capacidade de realização, tirocínio e comando, vem, com sabedoria e firmeza, dirigindo os destinos da Milícia Goiana, cuja atuação como Comandante Geral completou o seu primeiro natalício no último mês de fevereiro.

Natural do Estado da Bahia, município de Formosa do Rio Preto, nascido aos 5 de março de 1912, verificou praça na Polícia Militar do Estado irmão, como voluntário, em 18 de maio de 1933. Sempre cumpridor dos seus deveres, com raro blilhantismo, galgou todos os postos da hierarquia militar, sendo as suas promoções, como oficial, tôdas por merecimento, com exceção da de major, que foi por antiguidade, em cumprimento à decisão proferida pelo Egrégio Tribunal de Justiça do Estado, em apelação Civil n.º 1.748, da comarca de Goiânia. Como capitão viu-se investido das altas funções de Secretário de Estado do Interior, Justiça e Segurança Pública, pasta a que prestou relevantes serviços com o brilho de sua inteligência, desempenhando com altivez e denôdo a comissão que lhe fôra confiada, numa das situações políticas mais críticas do Estado.

Distinguido pelo sr. governador do Estado, foi comissionado no posto de coronel Comandante Geral da Polícia Militar, cargo que vem exercendo a contento de todos os seus comandados, desde que é muito estimado no seio da Corporação, pela sua lhanza, alto grau de compreen-

são, firmeza de caráter e grandeza moral, qualidades estas inerentes à sua pessoa.

Ao sr. Cel. Waldemar, consignamos sinceros votos de felicidade.

MATO GROSSO

Comando da P.M.

Desde o dia 10 de fevereiro de 1951, encontra-se no exercício de Comandante Geral da P.M., o cel. Daniel de Queiroz, oficial da própria Corporação.

Nos Comandos do 1.º e 2.º B.C., respectivamente, encontram-se os maiores Mamede Viégas de Carvalho e Luiz de Carvalho.

Chefia do S.S.

É Chefe do Serviço de Saúde, o tenente coronel Bevilacqua Souza Soares, médico possuidor de várias especialidades.

Aniversário

Por iniciativa do sr. Comandante Geral e com aprovação unânime dos oficiais, foi instituída a «Homenagem de Aniversário», com o fim de cumprimentar os colegas nas datas natalícias de cada um, ocasião em que é escolhido um da classe, por meio de sorteio, para interpretar o pensamento dos demais. Visa tal medida, não somente estreitar cada vez mais os laços de amizade e camaradagem entre os oficiais, como também, colocar em mais intimidade as suas famílias. Na ocasião da felicitação ao nataliciante, também lhe é oferecido um presente.

Centro de Instrução Militar

Em cumprimento ao disposto nos decretos n.ºs 778 e 789 de 10-8 e 18-10 de 1946, acaba de ser instalado, na sede da P.M. o C.I.M. da corporação.

Inicialmente estão funcionando os cursos: Pré-Militar, candidatos a cabos e candidatos à sargentos.

Ao ato inaugural e instalação das aulas, com a presença de quase toda a oficialidade, falaram o cel. Daniel de Queiroz e major Ubaldo Monteiro da Silva, ressaltando o significado daqueles atos pondo em destaque a necessidade, que a P.M. vinha sentindo, de há muito, da instalação do referido Centro de Instrução Militar.

Para iniciar o alusivo às diferentes matérias a serem ministradas no C.I.M., foram nomeados professores os seguintes oficiais: — major Antônio Ribeiro Leite Filho: Educação Física, Educação Moral, Instrução Geral e Organização do Terreno; major Antônio Pinto de Castro: Ordem Unida, Armamento Material e Tiro, Maneabilidade e Combate e Serviço em Campanha; major Ubaldo Monteiro da Silva: Geografia, Instrução Policial, Topografia e, Observação e Transmissões; capitão Ari da Conceição e Silva: Português, Aritmética, História e Escrituração Militar.

Os diversos cursos do C.I.M., estão assim divididos: Pré-Militar, Curso de Formação de Oficiais Combatentes e, em conjunto, para candidatos a cabos e sargentos.

É diretor do C.I.M., o major Ubaldo Monteiro da Silva, um dos mais cultos oficiais da P.M., ex-aluno da Escola de Oficiais da Polícia Militar do Distrito Federal.

Está de parabens o sr. Coronel Comandante Geral, por mais esta notável realização, que muitos benefícios, por certo, trará à Polícia Militar Matogrossense.

Inauguração do

"Estande de Tiro Cidade de Campinas"

No dia 25 de novembro passado, conforme estava previsto, apesar de forte e contínua chuva, foi inaugurado o «Estande de Tiro Cidade de Campinas» que o 8.º B.C. construiu em seu quartel para o incentivo e melhor preparo dos atiradores campineiros.

Cortada a fita simbólica, depois do hasteamento da Bandeira Nacional com as formalidades de estilo, usou da palavra o sr. ten. cel. José Ferreira Lameirão, cmt. da Unidade, que agradecendo a presença das autoridades e convidados, e a colaboração do povo campineiro ressaltou a utilidade da prática do tiro ao alvo na formação do indivíduo. Elogiou a seguir o 1.º ten. Nelson Simões Schefer de Oliveira, que foi o idealizador e o construtor do estande, desenvolvendo grande atividade e demonstrando ótima capacidade de ação e conhecimentos técnicos de tiro.

A F.P.T.A., como colaboração às festividades de inauguração fez realizar no novo estande, nesse dia, pela primeira vez, a prova Bandeira Nacional, em disputa de um rico troféu de posse transitória do vencedor de cada disputa e definitiva com três vitórias seguidas. Essa prova será disputada anualmente em cidade do interior.

Perto de setenta atiradores das seguintes entidades de tiro ao alvo;

— C.R.T., A.D.F. e F.P.S.P., de São Paulo; A.C.T.A., C.C.T.E., S.E.T.A.H. e 8.º B.C. de Campinas; A.M.T.A. de Mogi das Cruzes; e A.S.T.A. de São Simão, obtiveram os seguintes resultados nas provas que se realizaram:—

PROVA BANDEIRA NACIONAL

Pistola ou revólver 22 — 50 metros — 60 tiros — Alvo Sul Americano

CLASSIFICAÇÃO POR CLASSE:—

VETERANOS

1.º lugar — Alan Sobocinski, A.D.F. — 518 pontos; 2.º lugar — Cap. Jorge Mesquita de Oliveira, F.P. — 517 pontos; 3.º lugar — Pedro Simão, C.R.T. — 508 pontos 4.º lugar — Carlos Cirilo, C.R.T. — 502 pontos; 5.º lugar — Ten. cel. Rubens Teixeira Branco, F.P. — 480 pontos.

SENIOR

1.º lugar — 1.º ten. Nelson Simões, F.P. — 480 pontos; 2.º lugar — Sérgio Linn, A.D.F. — 454 pontos; 3.º lugar Antônio Gusman, C.R.T. — 453 pontos.

JUNIOR

1.º lugar — Major Fausto Quirino Simões, C.C.T.E. — 470 pontos; 2.º Milton Sobocinski, A.D.F. — 451 pontos; 3.º lugar — Benedito Rossi, C.C.T.E. — 380 pontos; 4.º lugar — Cap. Cálido de Campos Montes, C.C.T.E. — 287 pontos;

N Ó V O S

1.º lugar — Alonso Muniz, A. M.T.A. — 396 pontos; 2.º lugar — Genésio Raposo, C.C.T.E. — 320 pontos; 3.º lugar — Luiz Artigas Martins, A.D.F. — 317 pontos; 4.º lugar — Dilermando Menito, S.C.T.A. — 287 pontos; 5.º lugar — Acrísio Zuardi, C.C.T.E. — 285 pontos; e 6.º lugar — Hans Goldsschmidt, A.D.F. — 260 pontos.

D A M A S

1.º lugar — Théa Gut, C.C.T.E. — 432 pontos; 2.º lugar — Alzira Gusman, C.R.T. — 136 pontos.

Prova de Carabina 22 — 30 tiros
100 metros — deitado

CLASSIFICAÇÃO POR CLASSE:—

V E T E R A N O S

1.º lugar — Alan Sobocinski, A.D.F. — 292 pontos; 2.º lugar — João Sobocinski, A.D.F. — 291 pontos; 3.º lugar — Milton Sobocinski, A.D.F. — 289 pontos; 4.º lugar —

Sérgio Linn, A.D.F. — 289 pontos; 5.º lugar — Antônio Gusman, C.R.T. — 281 pontos.

S E N I O R

1.º lugar — Luiz Artigas Martins, A.A.F. — 297 pontos; 2.º lugar — Mário Soubhia, A.D.F. — 293 pontos; 3.º lugar — dr. Feliciano Penido Bunier, A.C.T.A. — 283 pontos.

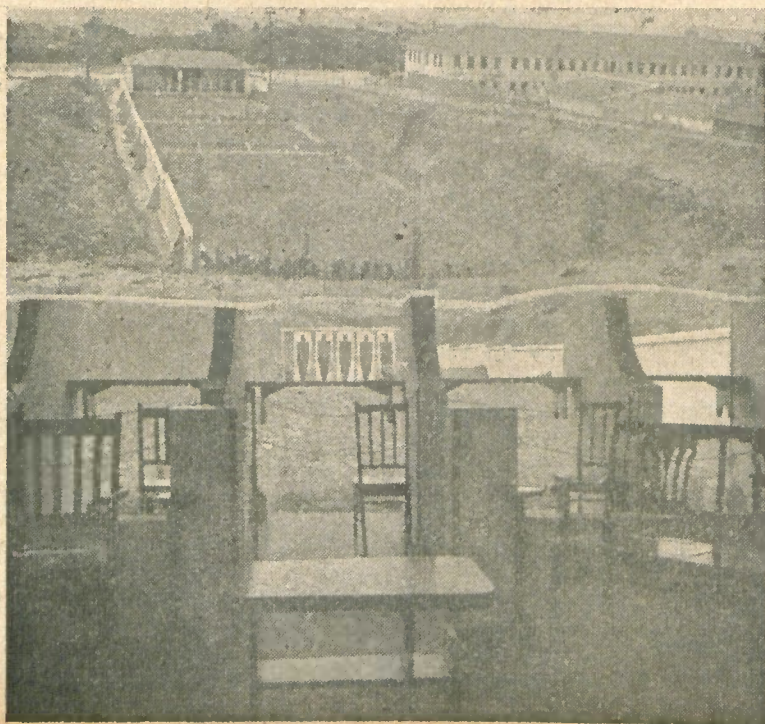
J U N I O R

1.º lugar — Fares Giorgi, A. D.F. — 285 pontos; 2.º lugar — dr. Ralfh Stteting, A.C.T.A. — 283 pontos.

N O V O S

1.º lugar — Antônio Muniz, A. M.T.A. — 285 pontos; 2.º lugar — Afonso Alves Muniz, A.M.T.A. — 279 pontos; 3.º lugar — Fausto Pires de Oliveira, A.S.T.A. — 279 pontos; 4.º lugar — Walter Gut, C.C.T.E. — 278 pontos; 5.º lugar — Sta. Théa Gut, C.C.T.E. — 276 pontos.

Vista geral do "Estande Cidade de Campinas" e um detalhe dos confortáveis boxes para atradores.



Prova de revólver 32-45 — 20 tiros — 25 metros — mira — flxa — prova

NOTURNA

Classificação Geral

1.º lugar — Alan Sobocinski, A.D.F. — 180 pontos; 2.º lugar — Cap. Jorge Mesquita de Oliveira, F.P. — 178 pontos; 3.º lugar — Carlos Cirilo, C.R.T. — 175 pontos; 4.º lugar — ten. cel. Rubens Teixeira Branco, F.P. — 174 pontos; 5.º lugar — Major Fausto Quirino Simões, C.C.E.T. — 172 pontos.

A F.P.T.A. ofertou medalha aos cinco primeiros colocados em cada uma das categorias da Prova Bandeira Nacional.

O 8.º B.C. ofertou medalhas aos 3 primeiros colocados na classificação geral, em cada uma das provas realizadas.

O primeiro colocado na prova Bandeira Nacional ficou de posse transitória de um rico troféu ofertado pela F.P.T.A., tendo em vista a disputa dêsse mimo ser na seguinte forma: 3 vitórias em provas realizadas anualmente, em cidades diferentes.

CARACTERÍSTICAS DO ESTANDE

O «Estande de Tiro Cidade de Campinas», que está localizado ao lado esquerdo do quartel de 8.º B.C., junto à entrada da Via Anhanguera, consta de um prédio com salas para: comissão julgadora, armas e vestiário local para os assistentes, instalações sanitárias completas para senhoras e cavalheiros. Dez boxes amplos, divi-

didos por paredes de alvenaria e dotados de banquetas móveis e campainhas ligadas às 4 trincheiras, permitindo e execução do tiro em ótimas condições. Os boxes ficam separados dos assistentes por duas séries de correntes, localizando-se entre as mesmas espaço para os fiscais das provas.

No campo de tiro existem trincheiras de tijolo revestido de cimento e cobertas por laje de cimento armado, a 25, 30, 50 e 100 metros. A trincheira de 25 metros é dotada de dispositivo para o tiro de silhueta móvel.

O acesso às trincheiras é feito ao abrigo dos tiros, por um corredor separado por parede de tijolo e cimento, do campo de tiro.

Nas quatro trincheiras existem instalações de campainhas ligadas a cada box, telefone e tomada de luz para o tiro à noite.

O campo de tiro, todo gramado, é circundado por barrancos onde estão plantados 600 pés de eucaliptos e o talude de tiro, por sua altura, permite o exercício a 100 metros, com perfeita segurança.

A parte fronteira do estande junto à construção, além de ajardinada, permite o estacionamento de 10 automóveis.

Campinas e o 8.º B.C., estão de parabens por essa ótima iniciativa que veio dotar o tiro ao alvo paulista de um estande de tiro que possibilita a execução de todas as provas de armas curtas e carabina, nas melhores condições desejadas.

UMA RAÇA, cujo espírito não defende o seu sólo e o seu idioma, entrega a alma ao estrangeiro, antes de ser por êle absorvida.

Rui Barbosa

"TRATADO DE ESGRIMA"

"O autor é reconhecida autoridade no assunto. Desde os bancos da Escola de Oficiais que se dedicava com entusiasmo ao nobre esporte das lâminas. Como aluno da Escola de Educação Física, melhorou consideravelmente sua bagagem de conhecimentos da especialidade, o que lhe valeu ser recrutado para o corpo docente do tradicional Estabelecimento de Ensino, para reger as cadeiras de esgrima dos seus vários cursos. A cátedra dilatou-lhe os amplos horizontes, multiplicou-lhe os grandes conhecimentos esgrimísticos.

"TRATADO DE ESGRIMA" é de cunho eminentemente doutrinário. Encerra um verdadeiro curso de esgrima, com notável senso pedagógico. O autor inicia com as noções primárias e vai aos poucos, em pequenas doses, escalando as altitudes esgrimísticas. A seriação das armas, das lições, a ordenação e a metodologia da obra colocam-na ao alcance de todos. Os iniciantes encontrarão na obra do cap. Adauto um roteiro seguro e acessível. Os medianamente conhecedores da arte tirarão de suas páginas preciosos elementos para ampliação dos seus recursos. Os mestres e os doutos terão horas agradáveis ao folhear os seus capítulos, de onde tirarão subsídios para enriquecer os seus conhecimentos.

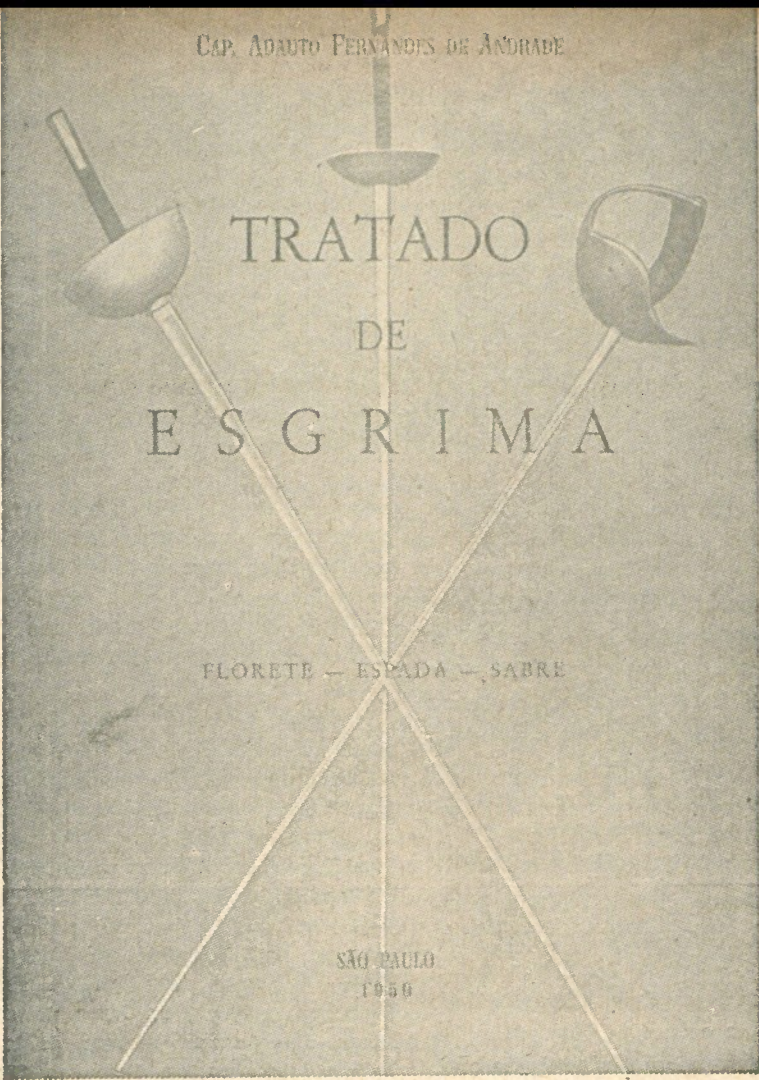
"TRATADO DE ESGRIMA", vem preencher um claro na bibliografia especializada nacional, bastante escassa, aliás, pois contamos apenas com as obras dos Generais Parga Rodrigues e Valério Falção, já bastante antigas, a obra do Cap. Delphin Balancier, oficializada na Fôrça Pública, e outros pequenos ensaios. Esse é outro lado que credencia a obra nascente.

"TRATADO DE ESGRIMA", está enriquecido por numerosas gravuras ilustrativas, o que vem aumentar a compreensão dos movimentos.

A obra está despertando a mais viva acolhida nas fileiras da Fôrça Pública, baluarte da difusão do esporte fidalgo em nossa terra, e nos meios especializados de São Paulo, sendo certo que o seu interesse se irradiará por todos os centros esgrimísticos do país. Sem dúvida, o livro do cap. Adauto Fernandes de Andrade está fadado a um grande sucesso. Sobram-lhe méritos para isso" (*).

* Trecho da nota do major Arrisson de Souza Ferraz, fiscal e diretor de ensino da Escola de Educação Física, sobre o livro do cap. Adauto Fernandes de Andrade.

CAP. ADAUTO FERNANDES DE ANDRADE



TRATADO
DE
ESGRIMA

FLORETE — ESPADA — SABRE

SÃO PAULO
1950

- * ABORDA OS ASPECTOS TÉCNICO, PEDAGÓGICO, HISTÓRICO E ORNAMENTAL, PERFEITAMENTE ATUALIZADOS.
- * EXCELENTE APRESENTAÇÃO GRÁFICA!
- * 60 ILUSTRAÇÕES!
- * Preço: Cr\$ 50,00 (incluindo o porte registrado).

Pedidos à Gerência de "MILITIA", mediante remessa em valor declarado, cheque ou vale postal.

IMPRESSÕES

Do II Congresso Sul-Riograndense de Educação Física e Desportos

Major Arrisson de S. Ferraz

Promoveu a Associação dos Especializados em Educação Física e Desportos do Rio Grande do Sul, na formosa cidade de Pôrto Alegre, de 1.º a 8 de dezembro de 1951, o 2.º Congresso Sul-Riograndense de Educação Física e Desportos. Comparecemos àquêlê conclave científico como delegado da Fôrça Pública e da nossa Escola de Educação Física, por designação do nosso Comandante Geral, sr. coronel Euryale de Jesus Zerbini.

Viajâmos de São Paulo a Pôrto Alegre em aparêlho da Aeroviais Brasil e ao descer no aeropôrto sulino, já sentimos em cheio a hospitalidade da terra e o cavalheirismo da nobre gente riograndense, através de carinhosa recepção e de outras provas de distinção e afeto que se sucediam freqüentemente, durante nossa permanência ali.

O congresso foi aberto, solenemente, no teatro São Pedro, em pleno coração de Pôrto Alegre, com a presença das mais altas autoridades. Proferiu, nessa ocasião, o jovem secretário da Educação e Cultura do Estado, dr. Júlio Marino de Carvalho, notável oração, rica na forma e no conteúdo. Trata-se de

uma peça de alto quilate e da maior significação que merece ser lida e meditada por todos os brasileiros, especialmente por aqueles investidos da função de modelar e dirigir a educação da juventude nacional.

Aprovado o regimento, eleita a mesa diretora dos trabalhos e escolhidas as comissões, em sessão especial, foram iniciadas as atividades do Congresso, em meio do maior interêsse e de vibrante entusiasmo. Professores, médicos e técnicos desportivos, os mais categorizados mestres da fisicultura sul-riograndense, dedicaram ao conclave suas melhores energias, as luzes do seu saber, durante uma semana de trabalhos ininterruptos. Polêmicas notáveis, animadas discussões, eram travadas, a cada instante, em ambiente de elevação e nobreza, no terreno superior das idéias.

Prevía o regimento do Congresso três comissões, com o seguinte temário:

- 1 — Organização, Administração e Pedagogia da Educação Física, Política e Sociologia Educacional;
- 2 — Recreação e Desportos;
- 3 — Temas Livres.



Mesa que presidiu os trabalhos do II Congresso Sul-Riograndense da Educação Física e Desportos. De pé, o major Jacinto Targa, ladeado pelo Secretário de Educação do Rio Grande, do major Arrisson de Souza Ferraz, delegado da Força Pública paulista, representantes do governo Gaúcho e da 3.^a R.M. e outras altas autoridades.

Integrámos a primeira dessas comissões, tendo por companheiros o dr. Polí Marcelino Espírito e a profa. Maria Carmem Borges dos Reis, indiscutivelmente duas altas expressões da cultura física gaúcha e brasileira. É um encanto trabalhar-se ao lado de colegas da estatura mental, da dedicação e do interesse daqueles que tivemos a ventura de possuir como companheiros de comissão.

Recebeu nossa comissão quatro trabalhos para estudos e parecer: dois de autoria do prof. major Jacinto Francisco Targa, um de autoria do prof. Joaber Pereira e outro da autoria do prof. major Arrisson de Souza Ferraz. Estudámos com os colegas de comissão os três primeiros trabalhos, trabalhos êsses bem interessantes, focalizados com erudição e clareza, e de palpitante atualidade, e emitimos parecer que muito honra aos seus autores. Foram aprovados integralmente, pelo plenário, como bem mereciam. O quarto trabalho, da nossa autoria, foi estudado e relatado pelo dr. Polí Marcelino Espírito. O pa-

recer do relator nos deixou atordoado, pelos conceitos generosos emitidos. Foi fruto, sem dúvida, da nobreza daquele ilustre luminar da medicina e da educação física brasileira e da amizade que nos irmanou naqueles dias memoráveis de virgília e pesquisas, pela educação da juventude nacional. Amparado por tão luminoso parecer, «Plano de Educação Física para o Município Brasileiro» — e êste era o seu título — a nossa tese recebeu a necessária aprovação do plenário, com acentuado interesse dos congressistas, especialmente do prof. dr. Maurício Akcelrud. Para relatar os trabalhos da comissão, após o pronunciamento do plenário, além dos três membros que a integram, contámos com o concurso valioso do dr. Alfredo Hofmeister, médico notável e mestre inconfundível da cultura física.

Trabalhos interessantes e de palpitante atualidade, foram apresentados às comissões de Recreação e Desportos e Temas Livres. Vimos a grande atividade dos presidentes dêsses órgãos, prof. Frederico Gaelzer e do Dr. Manoel August-

to de Godói Bezerra e a maneira brilhante como conduziram os trabalhos das suas comissões. Das muitas teses dessas comissões, três causaram-me profunda impressão: uma da autoria do prof. Tiago Wurten, sobre esporte, recreação e sadio aproveitamento do tempo, pelo menor abandonado, e duas outras da autoria do dr. Henrique B. Licht, um dos quais de pesquisas e medidas em cerca de 200.000 colegiais de todo o Estado. Fizemos durante o Congresso duas conferências, subordinadas ao tema «A Educação Física e a Igreja». Inicialmente nos fôra pedida uma palestra apenas; mas, após proferi-la, o presidente do Congresso solicitou uma segunda e não tivemos jeito de não atendê-lo. Fizemo-las no salão nobre da Faculdade de Filosofia, da Universidade Católica de Pôrto Alegre, perante grande assistência.

Visitas e demonstrações, entrosadas nos pogramas foram proporcionadas aos congressistas. Visitamos a Assembléia Estadual, o Governo do Estado, a Secretária da Educação e Cultura e o Prefeito Municipal, ouvindo a cada passo, palavras de estímulo à cultura física e à missão do educador. Visitamos as praças de esportes, parques infantís, balneários das praias do Guaíba, campos de jogos, tudo isso como parte de uma obra inteligente, patriótica e humana do Prof. Frederico Gaelzer, junto à Prefeitura Municipal. Do Instituto Champagnat, casa de formação marista, guardamos grata recordação. Vimos ali dois orfeões notáveis, encantando nossos ouvidos e extasiando a nossa retina. Depois de cantarem, os candidatos ao apostolado do venerável padre Champagnat,

fizeram duas lições de ginástica, uma ritmada pelos acordes de uma concertina, tocada por um I. Marista e outra de acrobática, ambas comandadas por um aluno Mestre Marista. Visitamos, também, a Sociedade Ginástica de Pôrto Alegre (Sogipa) que nos proporcionou soberba exibição de ginástica de aparelho, por vários campeões brasileiros, e danças rítmicas e folclóricas. As moças da Sogipa nada ficam a dever às suecas, belgas, inglesas e dinamarquesas. Trabalham maravilhosamente. Apreciamos bastante a atuação no Congresso dos médicos especializados, principalmente dos drs. Polí Marcelino, Alfredo Hofmeister e Henrique Licht e dêsse notável advogado e técnico desportivo, dr. Godói Bezerra. Os professores sul-riograndenses, sem exceção, vibraram de entusiasmo e foram incansáveis.

Presidiu o Congresso, com altos méritos, o major Jacinto Targa, líder incontestado da cultura física sul-riograndense e ponto alto da cultura física brasileira. Experimentado, culto, entusiasta, conduziu os trabalhos com firmeza e descortínio. Apresentou proposições interessantes, animou os debates e foi verdadeiro baluarte do conclave. É presidente da Associação dos Especializados em Educação Física e Desportos e Diretor da Escola Superior de Educação Física e Desportos de Pôrto Alegre. Retrata na operosidade a alta autoridade que exerce.

Apresentámo-nos à Brigada Militar, oficialmente, sendo alvo de carinhosas deferências. O Comandante Geral, sr. coronel Venâncio Batista é um grande chefe militar e um fidalgo de linhagem. O Chefe do Estado Maior, coronel Barão, é um sol-

dado de lei. Visitamos o Serviço de Intendência, de organização impecável, verdadeira forja de trabalho para garantir as atividades da Corporação, dirigida pelo coronel Canabarro, outra figura notável de militar.

Almoçamos no 3.º Batalhão, onde assistimos a um belo trabalho tático, sob a alta supervisão do Comandante Geral. Os majores Targa, Tisiano, Hernani, e capitão Silanus preparavam uma «cursada». Passamos horas agradáveis num ótimo jantar, num dos principais restaurantes de Porto Alegre, com esses brilhantes companheiros.

Gostamos imensamente de Porto Alegre. É uma Capital que conquista rapidamente uma situação privilegiada. Dotada de belos parques, lindos jardins, extensas avenidas, como a Avenida Borges de Medeiros, ruas tradicionais e românticas, como a rua dos Andradas, que

continua a ser a Rua da Praia, embora tenha perdido esse nome há vários anos, o Guaíba de quatro bocas, com um sem número de ilhas e ilhotas, beijando as ruas da cidade, formando praias, enseadas, formando uma baía diferente da Guanabara, mas, porisso, extremamente linda e ímpar.

Tomou o segundo Congresso Sul-Riograndense de Educação Física e Desportos decisões de suma importância para a Educação Física, algumas até de repercussão nacional. Foi um conclave afanoso e cheio de operosidade. Trabalhou-se com o pensamento voltado para a educação da juventude brasileira e para os superiores interesses da nacionalidade. E a Força Pública esteve presente nessa jornada memorável, dando a sua colaboração esclarecida, vibrando, como sempre, com todos os brasileiros, pela causa da educação física da nossa mocidade.

INDÚSTRIA AMERICANA DE CAMISAS

“Y A N K E E”



**À VENDA NAS MELHORES CASAS
DO RAMO E NA SEC. REEMBOLSÁVEIS
DO S. I. DA FÔRÇA PÚBLICA**

**Avenida Tiradentes, 292
Fone 34-7772 — SÃO PAULO**



REGULAMENTO

O torneio compreenderá os trabalhos publicados em dois números de "MILITIA".

Cada trabalho decifrado valerá um ponto.

São aceitas charadas antigas, novíssimas, casais, auxiliares, sincopadas, logogrifo em prosa e verso e enigmas figurados e pitorescos.

São também aceitos problemas de palavras cruzadas.

Os trabalhos enviados deverão ser organizados pelo "Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa", de Hildebrando de Lima e Gustavo Barroso e "Breviário do Charadista" e "Dicionário de Sinônimos" de Silvio Alves.

Em cada torneio serão conferidos os seguintes prêmios: ao 1.º classificado, um dicionário dos adotados na secção; aos que decifrarem mais de 50% dos problemas, uma obra literária mediante sorteio.

O prazo para remessa das soluções será de 60 dias, contados do último dia do bimestre a que se refere a revista.

Toda colaboração referente a esta secção deverá ser dirigida à redacção de "MILITIA" e endereçada a "Aesse".

CHARADAS AUXILIARES

- 1 — + to = sentença
 + to = solenidade
 + to = víspera
 conceito = Flauta dupla usada pelos gregos antigos

- 2 — + ma = escala
 + ma = preceito escrito
 + ma = ramo das plantas
 conceito = Embarcação antiga a vela e remos

Plínio D. Monteiro

CHARADAS NOVISSIMAS

- 3 — Se o rosto parece peixe, devora-o a ave de rapina 2 — 2
 4 — O altar não serve de refeição á serpente 2 — 2
 5 — A pequena mancha dá tristeza ao tecido 2 — 2

Sgt. R.C. Cirne

- 6 — A mulher formosa percorria o curso d'água; era a sua sorte 2 — 2
 7 — O instrumento agrícola no sôllo do rei era coisa de seu defensor 1 — 2

Plínio D. Monteiro

- 8 — Fóra do estábulo o cavalo faz muita bulha 3 — 1

Dr. Sabenada

CHARADAS SINCOPADAS

- 9 — A rã passou pela argola 3 — 2
 10 — A brejeirice é branda 4 — 3
 11 — O seguro do correio está escrito na primeira página de uma folha. 3 — 2

Plínio D. Monteiro

CHARADAS CASAIS

- 12 — Era seu desígnio cantar a
canção trovadoresca — 2
13 — Que fôsse cavernoso!

Plínio D. Monteiro

CHARADAS INVERTIDAS

Por letras

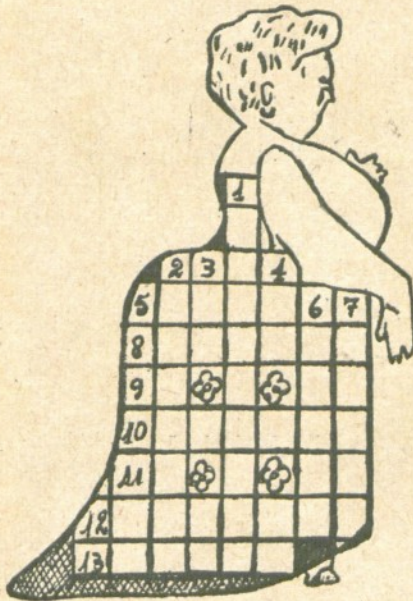
- 14 — O descrédito traz má sorte 4
15 — A mãe de minha mulher pare-
ce uma personagem mitológica
de cem olhos — 5

Plínio D. Monteiro

PALAVRAS CRUZADAS

Horizontaes

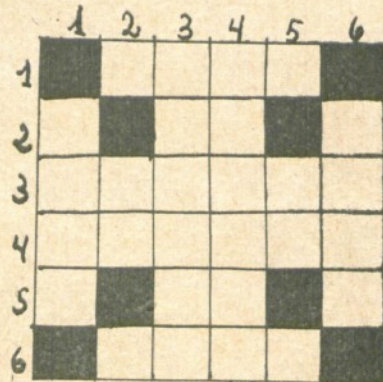
- 2 — Quinhão de cada um
5 — Peixe de rio da família dos
Doradídeos
8 — Oportunidades
9 — Nociva — Anticristo
10 — Agitada
11 — Zomba — Desinência de verbo
— Grande calor atmosférico
13 — Alados



Verticais

- 1 — Contrário, oposto

- 2 — Espingarda estriada
3 — Medida de comprimento (gre-
ga) — Em psicanálise, o subs-
trato instutivo da psique
4 — Preposição — filho de Arão,
neto de Sem
4 — Quarto de dormir (pl)
6 — Capitão de besteiros
7 — Açulara
12 — Símbolo de elemento químico
de peso atômico 40,07



Basilio Espingarda Robinson Berto.

Horizontais

- 1 — Bras: indígena da tribo arua-
que. Habitavam nas margens
do Rio Cassiquiare
2 — Neste lugar
3 — Recobrar, recuperar, haver de
novo.
4 — Cana delgada, rede de cana,
(Fíg.) magricela.
5 — Símbolo químico de sódio (inv)
6 — Membro empenado das aves(pl)

Verticais

- 1 — Região dos mortos, o inferno
2 — Edwards. Antônio.
3 — Ave das famílias dos ralideos
4 — Torrente de água que cai de
lugar elevado
5 — Símbolo químico de cérium
(inv.)
6 — Arredores de terra importante
(pl)

COMPANHIA NACIONAL DE TECIDOS

Secção especializada em fornecimentos
às Repartições Públicas, a cargo dos snrs.

Cirilo Eloy Pessoa de Barros
e
Walter do Amaral

TELEFONES:	}	33-5129	RUA BRIGADEIRO TOBIAS, 700-722
Rede Interna		33-5120	CAIXA POSTAL, 192
		33-6644	
END. TELEGR. "TECIDOS"			SÃO PAULO

"Revista de la Policia Boliviana"

Mantemos intercâmbio com esta publicação e
aceitamos pedidos de assinaturas:

Por 3 números — Cr\$ 15,00

Por 6 números — Cr\$ 25,00

Pedidos à Gerência de "MILITIA"